ARTE A VIDA, A OBRA E AS PARÓDIAS DE KONSTANTIN BESSMERTNY

Macau 澳門

TRADIÇÕES

A ALVORADA DO GALO

É o momento alto da cultura chinesa, tempo de reunião e de renovação. A festividade do Ano Novo Chinês, que marca a chegada da Primavera, é celebrada à risca em Macau. O Ano do Galo será atribulado, dizem os almanaques

BOM JESUS DOS PASSOS
A GRANDE MANIFESTAÇÃO DE FÉ MACAENSE

NEGÓCIOS
OS BONS FILHOS À CASA RETORNAM COM INOVAÇÃO

30 ANOS A CRESCER COM MACAU

Macau MOP 30 • Hong Kong HKD 30 • R.P. China RMB 30 • Internacional USD 4 Fevereiro 2017 • ISSN 0871 004X

澳門

百鳥朝凰 報春曉

花車巡遊匯演

Parada de Celebração do Ano do Galo

正月初三

30/01

20:00~22:00

路線 ✦ Percurso

- 澳門科學館 Centro de Ciência de Macau
- 孫逸仙大馬路 Av. Dr. Sun Yat Sen
- 西灣湖廣場 Praça do Lago Sai Van

正月初八

04/02

20:00~21:30

路線 ✦ Percurso

- 沙梨頭北街 Rua Norte do Patane
- 青洲大馬路 Av. do Conselheiro Borja
- 拱形馬路 Estrada do Arco
- 黑沙環馬路 Estrada da Areia Preta
- 慕拉士大馬路 Av. de Venceslau de Morais
- 祐漢街市公園 Jardim do Mercado Municipal de Iao Hon
- 市場街 Rua do Mercado de Iao Hon
- 長壽大馬路 Av. da Longevidade
- 黑沙環第四街 Rua Quatro do Bairro da Areia Preta

主辦單位 / Organizador

澳門特別行政區政府旅遊局
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
MACAO GOVERNMENT TOURISM OFFICE

資助單位 / Patrocinador

中華人民共和國國家旅遊局 China National Tourism Administration

協辦單位 / Coorganizadores

民政總署 INSTITUTO PARA OS ASSUNTOS CÍVICOS E MUNICIPAIS

澳門特別行政區政府體育局 Instituto do Desporto do Governo da RAEM Sports Bureau of Macao SAR Government

澳門特別行政區政府文化局 INSTITUTO CULTURAL do Governo da R.A.E. de Macau

支持單位 / Entidades de Apoio

大會指定合作專用水 / Marca de Água Oficial

資助機構 / Patrocinadores

Macau 澳門

DIRECTOR
Victor Chan Chi Ping

DIRECTOR EXECUTIVO
Alberto Au Kam Va

EDITORA EXECUTIVA
Maria João Oliveira

PROPRIEDADE
Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau

ENDEREÇO
Avenida da Praia Grande, nº 762 a 804
Edif. China Plaza, 15.º andar, Macau
Tel: (+853) 2833 2886 Fax: (+853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO
Delta Edições, Lda.
Tel: (+853) 8294 2274 Fax: (+853) 8294 2399

EDITOR
Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Vanessa Amaro

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA
Gonçalo Lobo Pinheiro

DIRECÇÃO GRÁFICA
Catarina Lau Pineda [CLL Design]

WEB DESIGN
Rita Ferreira

COLABORADORES
Ana Marques Gonçalves (Portugal), Catarina Domingues,
Cláudia Aranda, Diana do Mar, Fátima Valente, Fernando Sales Lopes,
Filipa Queiroz, João Paulo Menezes, José Simões Morais,
Luciana Leitão, Mónica Menezes (Portugal), Nuno G. Pereira,
Patrícia Lemos, Rui Rocha, Sandra Lobo Pimentel, Sofia Jesus

TRADUÇÃO
Nicole Kuong

FOTOGRAFIA
Gonçalo Lobo Pinheiro, Paulo Cordeiro (Portugal), Tiago Alcântara

ILUSTRAÇÃO
Rodrigo de Matos

FOTOGRAFIA DA CAPA
Gonçalo Lobo Pinheiro

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE
Av. Comercial de Macau, 251A-301
AIA Tower, 20.º andar, Sala 62
Tel: (+853) 8294 2274 Fax: (+853) 8294 2399
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com

IMPRESSÃO
Tipografia Welfare, Macau

TIRAGEM
1500 exemplares

ISSN: 0871-004X

www.revistamacau.com

www.facebook.com/RevistaMacau

APP DA REVISTA MACAU DISPONÍVEL EM:

Available on the App Store

ANDROID APP ON Google play

A publicação desta edição da revista MACAU coincide com a festividade do Ano Novo Chinês, sob o signo do Galo, cuja simbologia explicamos num desenvolvido dossiê em torno desta celebração maior da cultura chinesa.

Este será um ano de efemérides significativas. Há 30 anos (cumpre-se em Maio) começou a ser publicada a revista MACAU, em língua portuguesa, propriedade do Gabinete de Comunicação Social.

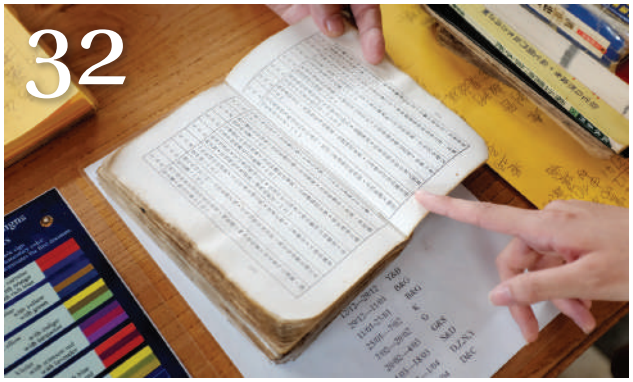
Uma longa história, que tem muito a ver com as transformações por que passou, desde então, o território de Macau, que em Dezembro de 1999 se transformou na Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) da República Popular da China.

Também há três décadas, concretamente no dia 13 de Abril de 1987, a República Popular da China e Portugal assinavam a Declaração Conjunta Sino-Portuguesa sobre a Questão de Macau, que estipulou os termos da reassunção do exercício da soberania da China sobre esse seu território, a partir de 1999. Os 30 anos da Declaração Conjunta serão certamente evocados durante 2017.

Finalmente, entre outras efemérides significativas, em Outubro será o 30.º aniversário do Festival Internacional de Música de Macau, um evento agora na sua maturidade e que se tornou uma referência incontornável no calendário cultural da RAEM.

Olhando agora para o presente, este ano do Galo surge prometedor para o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, no primeiro ano que se segue à realização da Conferência Ministerial de Outubro passado, que contou com a presença do primeiro-ministro Li Keqiang. O começo da concretização das importantes medidas que foram então decididas e anunciadas contará com a disponibilidade de uma equipa renovada no Secretariado Permanente, com a entrada em funções da nova secretária-geral Xu Yingzhen, com a recente nomeação por Pequim do novo secretário-geral adjunto Ding Tian e o regresso de Echo Chan ao cargo de secretária-geral adjunta.

Luís Ortet



6 **ACONTECEU**
As notícias que marcam a actualidade da RAEM

12 **RADAR LUSÓFONO**
Os últimos acontecimentos nas relações entre a China e os países de língua portuguesa

18 **DE VOLTA À CASA COM INOVAÇÃO**
São jovens, passaram longas temporadas fora de Macau e agora regressam para abrirem negócios inovadores na cidade

28 **COMUNIDADES MACAENSES REUNIDAS**
900 membros de casas de Macau espalhadas por 12 países regressam às suas origens

32 **SUPERSTIÇÕES CHINESAS**
As crenças que mais influenciam a vida dos chineses

40 **TEMPO DE RENOVAÇÃO**
População local segue à risca as tradições envolvidas nas comemorações do Novo Ano

44 **O GALO: SIGNO REI DE 2017**
As diferentes simbologias culturais em torno do Galo, criatura celestial e votiva

52 **PREVISÕES SIGNO A SIGNO**
O que cada dizem os almanaques chineses sobre cada um dos signos do zodíaco chinês

62 **FESTIVAL DE CINEMA DE MACAU**
Produção local faz história na primeira edição de certame internacional

66 **RETRATOS: A FARMACÊUTICA TRADICIONAL**
Profissões em risco de extinção

68 **SENHOR BOM JESUS DOS PASSOS**
A grande manifestação da fé católica da comunidade macaense

74 **ÁTRIO: KONSTANTIN BESSMERTNY**
Os bel-prazeres do artista russo de Macau

84 **ESPECTÁCULOS, EXPOSIÇÕES E LIVROS**
Novidades e sugestões para os próximos meses

90 **MEMÓRIAS: QUARTEL DOS MOUROS**
As antigas barracas de refugiados nos anos de 1960

澳門特別行政區政府文化局
INSTITUTO CULTURAL do Governo da R.A.E. de Macau

聖若瑟修院藏珍館

Tesouro de Arte Sacra do Seminário de S. José

◆

Treasure of Sacred Art of St. Joseph's Seminary

Igreja de S. José, Rua do Seminário
10h00 às 17h00, encerra às quartas-feiras
Aberto aos feriados Entrada gratuita

www.icm.gov.mo

ECHO CHAN ESTÁ DE VOLTA AO SECRETARIADO DO FÓRUM MACAU

O Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum Macau) volta a ter Echo Chan como secretária-geral adjunta, depois da saída de Cristina Morais, em Novembro. Echo Chan já tinha exercido este cargo entre Março de 2015 e Novembro do mesmo ano. Antes, foi vogal executiva do Conselho de Administração do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM) e coordenadora-adjunta do Gabinete Preparatório do Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa.

GONÇALO LOBO PINHEIRO

GONÇALO LOBO PINHEIRO

Aeroporto com recorde de 6,6 milhões de passageiros em 2016

O Aeroporto Internacional de Macau encerrou 2016 com mais de 6,6 milhões de passageiros, representando um aumento de 14 por cento em relação ao ano anterior. Este é também um recorde em 21 anos de operações. Em número de movimentos, o Aeroporto de Macau registou um aumento de dois por cento em relação ao ano passado. Ao longo de 2016 o mercado do Interior da China aumentou quatro por cento, enquanto os destinos de Taiwan e do Sudeste Asiático aumentaram 15 por cento e 20 por cento, respectivamente.

DOCUMENTÁRIO SOBRE PORTUGUESES EM MACAU EXIBIDO EM LISBOA

Portugueses em Macau, o outro lado da história, de Carlos Fraga, sobre a realidade da comunidade portuguesa a viver na RAEM, foi exibido no início de Janeiro no Museu do Oriente, em Lisboa. Trata-se do segundo filme de uma série de cinco documentários que o realizador português está a criar sobre Macau. Na obra, o autor revela a realidade da actual comunidade portuguesa através de entrevistas a expatriados. Também no início de 2016 Carlos Fraga exibiu no mesmo museu o primeiro documentário da série, intitulado *Macaenses em Lisboa, ilusão ou realidade*.

GONÇALO LOBO PINHEIRO

NÚMEROS

921.295
TRANSGRESSÕES RODOVIÁRIAS
ENTRE JANEIRO E NOVEMBRO DE 2016
(+24,21%)

1144
CASAS TRANSACCIONADAS
EM NOVEMBRO DE 2016
(+122%)

CARROS DA RAEM JÁ PODEM CIRCULAR NA ILHA DA MONTANHA

Desde Dezembro que os carros com matrícula de Macau, que reúnam determinados requisitos, podem circular na Ilha da Montanha, na cidade chinesa adjacente de Zhuhai. "A política de circulação de veículos com matrícula de Macau na Ilha de Hengqin [Ilha da Montanha] foi implementada após longo período de negociações e de preparação", afirmou o Chefe do Executivo, Chui Sai On, no seu discurso durante as celebrações do 17.º aniversário da RAEM. A novidade tinha sido anunciada um mês antes pelo secretário para a Segurança, Wong Sio Chak.

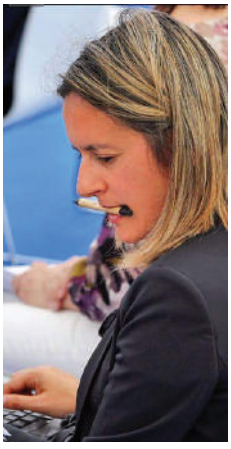
EPM é a melhor escola portuguesa fora de Portugal

A Escola Portuguesa de Macau (EPM) obteve os melhores resultados entre as escolas portuguesas espalhadas pelo mundo nos exames do ensino secundário. A EPM, que no ano passado ficou em terceiro, retirou o título à Escola Portuguesa de Moçambique. Existem oito escolas portuguesas no estrangeiro, embora apenas quatro preencham o critério dos 100 exames. Das quatro escolas portuguesas que realizaram mais de 100 exames do ensino secundário, apenas a Ruy Cinatti, em Díli, Timor-Leste, registou média negativa nas provas, de acordo com dados divulgados pelo Ministério da Educação de Portugal. No topo da tabela, ao nível do aproveitamento, surge a Escola Portuguesa de Macau, seguindo-se a Escola Portuguesa de Luanda, em Angola, depois surge Moçambique e, por último, Timor-Leste.

GONÇALO LOBO PINHEIRO

MARGARIDA PINTO INDICADA PARA O CARGO DE DIRECTORA-ADJUNTA DA LUSA

A responsável pela delegação da Agência Lusa em Macau vai regressar a Portugal para assumir o cargo de directora-adjunta da agência noticiosa portuguesa. Margarida Pinto vai substituir Nuno Simas, que se demitiu do cargo de director adjunto da Lusa na sequência da nomeação de Mafalda de Avelar para subdirectora de informação, nome que tinha sido vetado pelos elementos eleitos do Conselho de Redacção da agência de notícias.



EMBAIXADOR DE PORTUGAL NA RPC É O DIPLOMATA ECONÓMICO DO ANO

Jorge Torres Pereira, embaixador de Portugal na China, foi distinguido como o melhor "Diplomata Económico do Ano". O prémio, com o valor de 25 mil euros, foi atribuído pela Câmara de Comércio e Indústria Portuguesa. Este galardão destina-se a acções de apoio à internacionalização das empresas portuguesas e na captação de investimento estrangeiro, contribuindo deste modo para a melhoria do desempenho da missão diplomática premiada.

4 EM CADA 10 HABITANTES DE MACAU

NASCERAM NA RAEM, SEGUNDO RESULTADOS PRELIMINARES DOS INTERCENSOS 2016

MOP 97,18 MILHÕES

VALOR DAS EXPORTAÇÕES DE MERCADORIAS COM ISENÇÃO DE TAXAS ADUANEIRAS DE MACAU PARA O INTERIOR DA CHINA

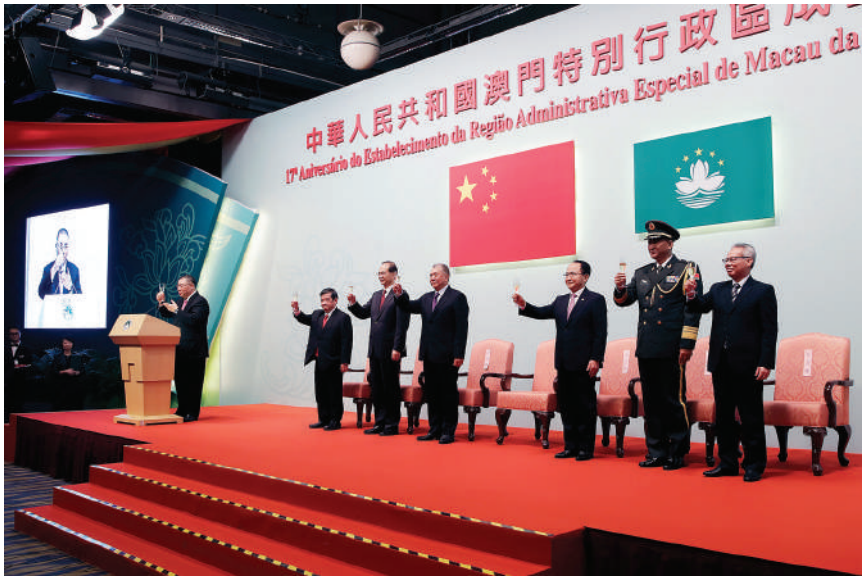
*** comparações referentes ao mesmo período do ano transacto**

LEUNG HIO MING VAI LIDERAR O INSTITUTO CULTURAL

O presidente do Instituto Cultural (IC) anunciou que está de saída do organismo. Sete anos depois de ter assumido a liderança do IC, Guilherme Ung Vai Meng assume que se vai voltar a dedicar às artes. Leung Hio Ming, o sucessor, é colaborador antigo do mesmo instituto. Doutorado em Música pela Universidade do Kansas, nos Estados Unidos, Leung trabalha no IC desde 1995, desempenhando actualmente funções de vice-presidente.

ANTIGA FARMÁCIA DE SUN YAT-SEN REABERTA AO PÚBLICO

A farmácia de medicamentos ocidentais Chong Sai, de Sun Yat-sen, reabriu ao público em Macau mais de 120 anos após a sua fundação. É agora uma casa-museu em homenagem ao primeiro Presidente da China. Sun Yat-sen chegou a Macau em 1892 para exercer medicina no Hospital Kiang Wu e um ano depois abriu a farmácia, onde assistia pacientes, sobretudo os mais desfavorecidos. Com um pequeno espaço museológico com recibos, documentos, recortes de jornais e fotografias, no espaço, que se encontra no número 80 da Rua das Estalagens, pode ver-se ainda como era a casa na versão original.



RAEM assinala 17.º aniversário

Os 17 anos da transferência de administração foram assinalados no dia 20 de Dezembro com uma série de actividades. O dia começou, como é habitual, com o içar da bandeira às oito da manhã na Praça do Lótus Dourado, com transmissão em directo no Canal Macau. Na Torre de Macau decorreu ainda na parte da manhã a recepção oficial com a presença do Chefe do Executivo, Chui Sai On, dos secretários do Governo, representantes do Governo Central em Macau e de autoridades militares chinesas. Já da parte da tarde, foi organizado o "Sarau Desportivo e Cultural" no Centro Desportivo Olímpico, na Taipa. O programa de actividades terminou com um espectáculo de fogo-de-artifício, organizado pelos Serviços de Turismo.

MARCHA DE CARIDADE DO JORNAL OU MUN ANGARIA 16 MILHÕES

Cerca de 40 mil pessoas participaram em Dezembro na marcha de caridade por Um Milhão, organizada pela Associação de Beneficência dos Leitores do Jornal *Ou Mun*. Com o evento solidário, este ano na 33.ª edição, o Fundo de Beneficência dos Leitores do Jornal *Ou Mun* angariou 16 milhões de patacas em donativos para apoios sociais.

Alunos de Macau distinguem-se nos testes PISA 2015

Os alunos de Macau foram os terceiros melhores em matemática e os sextos em literacia científica nos testes PISA da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) de 2015, realizados em 72 países e economias. O PISA é um Programa Internacional de Avaliação de Alunos, em que Macau participa desde 2003 e que se dirige aos alunos de 15 anos, entre o 7.º e o 12.º ano. O principal domínio avaliado nesta edição foi a literacia científica, em que os alunos de Macau tiveram o sexto melhor resultado. No topo da lista ficaram Singapura, Japão, Estónia, Taiwan e Finlândia. Os outros dois domínios avaliados pelo PISA, que se realiza a cada três anos, são a literacia em matemática e em leitura. Os alunos de Macau foram os terceiros em matemática em 2015, só superados pelos de Singapura e Hong Kong. Na leitura ficaram em 12.° lugar. No relatório divulgado em várias capitais, a OCDE destaca que Macau regista "altos níveis de desempenho e equidade nos resultados". Realçando a evolução contínua dos alunos de Macau no PISA, o Governo de Macau referiu, em comunicado, que o desempenho avaliado em 2015, que incidiu em alunos nascidos em 1999, demonstra que, "desde o estabelecimento da RAEM, e com o esforço de todos os sectores, o sistema de ensino básico registou um progresso muito importante".

Wong Cheng Pou na Bienal de Veneza

O Museu de Arte de Macau escolheu este ano Wong Cheng Pou para representar a cidade na Bienal de Veneza, que se realiza entre 30 de Maio e 26 de Novembro de 2017 em Veneza, Itália. Wong Cheng Pou nasceu em Macau em 1960, recebeu o Prémio Sovereign Asian Art em 2010 e foi reconhecido como um dos 30 artistas de topo da Ásia. Dedica-se desde a década de 1990 à educação da arte da gravura. No Pavilhão de Macau da 57.ª edição da Bienal, Wong Cheng Pou vai criar um ambiente de cruzamento entre espaço e tempo através de modelos tridimensionais, instalações, pinturas e imagens móveis, para expressar a sua experiência sobre o rápido desenvolvimento de Macau em anos recentes e provocar recordações de regresso ao campo. Macau foi convidada a participar pela primeira vez na Bienal em 2007.

GONÇALO LOBO PINHEIRO

EX-SECRETÁRIO RECEBE A MAIS ALTA CONDECORAÇÃO DA REGIÃO

O Chefe do Executivo de Macau agraciou Cheung U, ex-secretário para os Assuntos Sociais e Cultura, com a "Lótus de Ouro", a mais alta condecoração dada pelo Executivo da RAEM. Lei Pui Lam, antigo deputado à Assembleia Legislativa ligado ao sector da Educação, recebeu igualmente a condecoração relativa ao ano de 2016. Já a "Lótus de Prata" foi para o deputado Kou Hoi In e para Van Kuan Lok, da área da Educação. A lista, que inclui perto de 40 individualidades e entidades que foram galardoadas com medalhas e títulos honoríficos em Janeiro, premiou com as medalhas de mérito profissional a Direcção dos Serviços de Identificação e Cândida Pires, professora da Faculdade de Direito da Universidade de Macau. Ho Ioc Tong e a empresa centenária portuguesa F. Rodrigues, ligada ao sector da importação, foram distinguidos pelo mérito industrial e comercial; a directora dos Serviços de Turismo, Maria Helena de Senna Fernandes recebeu a medalha de mérito turístico. Entre os premiados destaque ainda para a medalha de dedicação atribuída à tradutora-intérprete Maria do Céu Hung, ao conservador e notário português Vicente João Monteiro e ao inspector da Polícia Judiciária Porfírio Zeferino de Souza.

DOROTEIA PEIXOTO VENCE MEIA-MARATONA LOCAL

A atleta portuguesa Doroteia Peixoto foi a vencedora da meia-maratona feminina de Macau e o português Miguel Ribeiro ficou em segundo lugar na prova masculina. Doroteia Peixoto terminou a meia-maratona com o tempo de 1h16m40s, à frente da timorense Nélia Martins e da cabo-verdiana Crisolita Silva. Já Miguel Ribeiro fez a meia-maratona de Macau em 1h07m41s, atrás do queniano Joseph Ngare (1h05m59s). Em terceiro lugar ficou o cabo-verdiano Ruben Sanca. No que diz respeito à maratona masculina, o primeiro lugar foi para o queniano Peter Some (2h12m52s) e foi a norte-coreana Ji Hyang Kim que venceu a prova feminina (2h36m16s). Rosa Mota, de 58 anos, campeã olímpica e mundial da maratona, ganhou a mini-maratona de Macau, ao concluir os 5,5 quilómetros em 24m49s. Nesta 35.ª edição da Maratona Internacional de Macau inscreveram-se dez mil atletas na maratona, meia-maratona e mini-maratona.

Catarina Domingues vence Prémio Macau-Reportagem 2016

A jornalista Catarina Domingues, colaboradora permanente da MACAU, foi a grande vencedora da edição de 2016 do Prémio Macau-Reportagem atribuído pela Fundação Oriente. A reportagem "Amamentar", transmitida pelo Canal Macau da TDM, foi a obra que conquistou o júri, numa decisão unânime dos seus membros. Catarina Domingues nasceu em 1980, em Lisboa, e completou o ensino secundário no Liceu de Macau, regressando a Portugal em 1998 para prosseguir os estudos universitários. Frequentou o curso de Comunicação Social no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, em Lisboa, terminando a licenciatura na Universidade de Erlangen-Nürnberg, na Alemanha, país onde fez ainda um mestrado em Comunicação. Passou por vários órgãos de comunicação social em Macau. Foi jornalista na TDM antes de partir para Pequim, onde frequentou um curso intensivo de mandarim e trabalhou na Rádio Internacional da China.

BANCO LUSO AUTORIZADO A OPERAR EM CANTÃO

O Banco Luso Internacional foi autorizado a estabelecer uma sucursal em Cantão, de acordo com um despacho do secretário para a Economia e Finanças publicado em Dezembro em Boletim Oficial. Em 2014, o Banco Luso-Internacional tinha-se tornado já o primeiro banco de Macau a abrir um escritório de representação na Ilha da Montanha, na Zona Económica Especial de Zhuhai.

CANTÃO VENCE TORNEIO DA SOBERANIA

A selecção de futebol de veteranos de Cantão venceu o Torneio da Soberania, realizado em Dezembro na RAEM. Na final, Cantão empatou a uma bola com a equipa da Coreia do Sul. O jogo teve de ser desempatado através de grandes penalidades. Em terceiro lugar ficou Taipé-China. A equipa representante de Portugal terminou na sexta posição, enquanto Macau acabou em oitavo.

GONÇALO LOBO PINHEIRO

CARLOS MORAIS JOSÉ PARTICIPA NO FESTIVAL CORRENTES D'ESCRITAS

O jornalista e escritor Carlos Morais José vai participar na próxima edição do festival literário "Correntes d'Escritas", na Póvoa do Varzim. Em 17 anos, é a primeira vez que Macau terá um representante. O festival, criado em 2000, decorre entre 21 e 25 de Fevereiro. O mais recente livro de Carlos Morais José é *O Arquivo das Confissões – Bernardo Vasques e a Inveja*, apresentado no Fórum do Livro de Macau, que decorreu de 24 de Outubro a 4 de Novembro, em Lisboa.

Rota das Letras regressa em Março com Bruno Vieira do Amaral

O escritor português Bruno Vieira do Amaral, vencedor do Prémio Literário José Saramago 2015, com o romance *As Primeiras Coisas*, é um dos convidados da sexta edição do Festival Literário Rota das Letras, que decorre entre 4 e 19 de Março. Entre os primeiros nomes confirmados pela organização do evento, que volta a ter como base o edifício do antigo tribunal, na Praia Grande, contam-se, ainda, a cineasta nascida em Macau Clara Law, o fotógrafo e autor de banda desenhada belga Philippe Graton, e o autor escocês Graeme Burnet.

rota das letras
FESTIVAL LITERÁRIO DE MACAU

BNU
Banco Nacional Ultramarino
大 西 洋 銀 行

TAXA DE JURO DESDE P-3%
PARA NOVAS CASAS OU REFINANCIAMENTO

O BNU torna o seu sonho realidade e ainda o recompensa com até 60,000 milhas Asia Miles !

- Taxa de juro desde P-3%
- Isenção das comissões de estudo e de contratação
- Receba até ao máximo de 60,000 milhas no seu cartão Asia Miles
  (que podem ser trocadas, por exemplo, por um bilhete de ida e volta em Classe Económica entre Hong Kong e Paris)

Os clientes do BNU que recomendarem o Crédito à Habitação BNU a um amigo também recebem uma das seguintes ofertas: até 60,000 milhas no seu cartão de crédito Asia Miles ou até 5,000 patacas no seu cartão de crédito.

Consulte os Termos e Condições.

Para mais informações ligue +853 28335533, visite o nosso site www.bnu.com.mo ou vá até uma das nossas agências.

亞洲萬里通
ASIA MILES

FERNANDA ILHÉU, ASSOCIAÇÃO AMIGOS DA NOVA ROTA DA SEDA

Uma nova dinâmica de globalização a caminho

A nova Associação Amigos da Nova Rota da Seda, criada formalmente em Lisboa em Dezembro do ano passado, vai constituir um grupo de reflexão para identificar possibilidades de cooperação entre Portugal e a China dentro do contexto da iniciativa Uma Rota, Uma Faixa. Em entrevista à MACAU, Fernanda Ilhéu, investigadora e uma das mentoras deste projecto, que junta cerca de duas dezenas de pessoas de diferentes áreas de conhecimento e interesses profissionais, considera que a iniciativa chinesa "propõe uma nova dinâmica de globalização que irá mudar o mundo"

T CATARINA DOMINGUES

Como surgiu a ideia de criar a Associação Amigos da Nova Rota da Seda?
A ideia surgiu em dois momentos, no primeiro num contacto que tive com a Associação da Rota Marítima da Seda (Macau), que me lançou o desafio de avançar para uma associação semelhante em Portugal. No segundo momento, uns meses depois num jantar com Jitendra Tulcidas, Bao Hong e Luís Castro, falando sobre como desenvolver a cooperação com a China eu mencionei esta iniciativa e o Jitendra Tulcidas e a Bao Hong concordaram em avançar. E foi assim que divulgámos a ideia, foram realizadas várias conferências sobre a Nova Rota da Seda e a Rota da Seda Marítima do século XXI e conseguimos reunir 21 amigos para criar a associação.

Estas pessoas que integram a associação são de diferentes áreas de trabalho? Estão relacionadas com a China?
Sim, são de diferentes áreas de conhecimento e interesses profissionais e, sim, estão na sua larga maioria relacionadas com a China.

Qual o objectivo principal desta associação?
Divulgar a iniciativa OBOR (*One Belt, One Road*) da China e sobretudo constituir um *think tank* sobre as possibilidades de cooperação de Portugal com a China dentro do contexto desta iniciativa, que propõe uma nova dinâmica de globalização que irá mudar o mundo. Como nos séculos XV e XVI os portugueses o mudaram com a iniciativa que tiveram de ligar a Europa ao Extremo Oriente por via marítima, agora a China tem a iniciativa de ligar a China à Europa por via terrestre lançando seis corredores, que serão *hubs* de plataformas de desenvolvimento de redes de distribuição logística, infra-estruturas e parques industriais, e por via marítima que começa no Mar do Sul da China, indo depois para a Indochina, Sudeste Asiático, atravessando o Oceano Índico e abraçando a África e a Europa. No fundo estamos a falar de uma nova dinâmica de integração da cadeia de valor global. A China já referiu em vários fóruns pela voz de credenciados diplomatas e professores da Academia das Ciências Sociais de Pequim a importância de Portugal e Macau neste contexto, nomeadamente ligando esta iniciativa com outra iniciativa do governo chinês que é a 'Cooperação em Mercados de Terceiros Países', que pretende combinar a capacidade de produção da China com a tecnologia avançada e equipamentos de países desenvolvidos para em conjunto desenvolverem mercados nos países em desenvolvimento. Estamos por exemplo a falar da cooperação de Portugal e da China nos países de língua portuguesa, ou países de África, Ásia e América Latina. Mas a Iniciativa OBOR não tem apenas objectivos económicos. Ela é bastante mais abrangente. O documento *Vision and Actions on Jointly Building Silk*

"A China já referiu em vários fóruns pela voz de credenciados diplomatas e professores da Academia das Ciências Sociais de Pequim a importância de Portugal e Macau neste contexto, nomeadamente ligando esta iniciativa com outra iniciativa do governo chinês que é a 'Cooperação em Mercados de Terceiros Países'"

VALERIA GALIZZI

Road Economic Belt and 21st Century Maritime Silk Road refere como prioridades de cooperação a coordenação de políticas, a melhoria da conectividade, o aumento do comércio e investimento, a integração financeira e o aumento dos laços entre os povos. Neste último objectivo, dá como exemplo a promoção de trocas culturais e académicas (a China oferece dez mil bolsas a estudantes de países da rota todos os anos), a cooperação dos média, a cooperação entre organizações da juventude e mulheres, a promoção turística e semanas de TV, festivais de arte, filmes, serviços de voluntariado. Portanto, este *think tank* tem como objectivos identificar as áreas de cooperação entre Portugal e a China não só ao nível de projectos de desenvolvimento económico de interesse recíproco, mas também a cooperação com terceiros mercados e o desenvolvimento dos laços entre o povo português e chinês. É uma iniciativa da sociedade civil, cujo contributo será depois devidamente levado ao conhecimento dos governos português e chinês.

Que oportunidades específicas é que a iniciativa Uma Faixa, Uma Rota poderá trazer para Portugal em particular e para os países de língua portuguesa em geral?

A China é um parceiro estratégico de Portugal. Nos últimos anos, um dos países da Europa em que a China tem investido é Portugal, mas essa decisão de investimento em Portugal tem surgido sobretudo em resultado da visão da China do que serão em Portugal investimentos rentáveis em áreas estrategicamente relevantes para o país.

Até agora a China não criou valor em Portugal, esses investimentos não resultaram de uma visão conjunta de como desenvolver certas regiões ou indústrias em Portugal, de como trabalhar em conjunto na área da investigação científica ou diversificar a balança comercial entre Portugal e a China. Isto traria uma valorização dos produtos chineses com qualidade de acabamentos, marcas, embalagens e *marketing* para entrar no mercado europeu, ao mesmo tempo que se estariam a delinear estratégias de como aumentar a venda de produtos portugueses na China com entrada em redes chinesas de distribuição, de como adaptar os produtos portugueses ao gosto do consumidor chinês, ou como as empresas em Portugal com investimento chinês podem expandir a sua acção na China, no Sudeste Asiático ou nos países de língua portuguesa. Por exemplo, a Luz Saúde, que tem como principal accionista a Fosun, poderá expandir-se criando clínicas e hospitais em Cabo Verde, país com uma enorme carência [nessa área], ou investindo na China em residências seniores. Este exercício de reflexão poderá ser inspirador para os agentes, políticos, económicos, culturais. Os Amigos da Nova Rota da Seda não vão enquanto associação fazer negócios, mas podem dar um contributo importante na consciencialização de oportunidades. Este grupo é aberto e vamos ter com certeza mais associados em nome individual, mas esperamos ter também instituições desde empresas a outras instituições do mundo associativo.

Está à frente do núcleo China Logus, que dá apoio e consultoria a empresas e instituições de Portugal que se querem aproximar do mercado chinês. Como tem trabalhado este centro?

O ChinaLogus foi criado em 2009, quando deixei de ser secretária-geral da Câmara de Comércio Luso-Chinesa, cargo que exerci durante 11 anos em acumulação com a docência no Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG). Nessa altura propus ao Centro de Estudos de Gestão do ISEG criar um núcleo de divulgação do conhecimento e relacionamentos com a China, o ChinaLogus, que tem efectivamente trabalhado nesses objectivos. Temos estabelecido relacionamento na China com universidades, centros de investigação, consultoras privadas, empresas, organizamos seminários, cursos de língua e cultura chinesas na dinâmica de negócios, visitas de estudo à China em parceria com a Ordem dos Economistas. Além dos alunos de língua e cultura chinesas, mestrado, pós-graduações e MBA do ISEG e dos membros da Ordem dos Economistas, estas viagens são abertas a empresários, gestores que pretendem aumentar o seu conhecimento sobre o meio envolvente de negócios na China. Para além disso, realizamos trabalhos de consultoria ajudando as empresas portuguesas a definir a sua estratégia no mercado chinês.

E quantas instituições ou empresas têm apoiado?
Não tenho o número exacto mas temos ajudado muitas empresas, quer aquelas que encomendam trabalhos mais longos com quem estabelecemos um contrato, e esses trabalhos podem demorar meses, quer também as empresas que frequentam os cursos e as viagens que organizamos e que durante esse período solicitam o nosso apoio para a definição das suas estratégias.

Em que área de actividade estão envolvidas estas empresas e instituições?
Várias áreas, como produtos alimentares, cortiça, parques industriais, mercado imobiliário, relacionamentos Angola-China, investimentos.

VALERIA GALIZZI

PERFIL

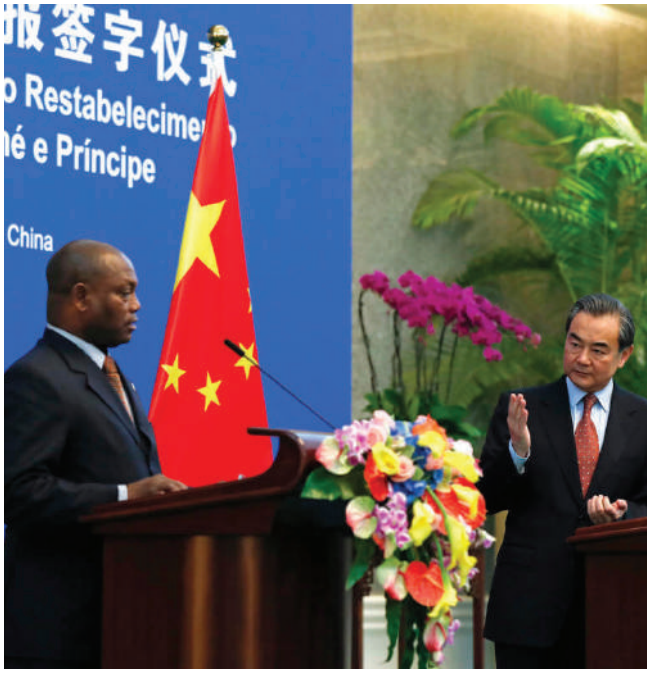
Fernanda Ilhéu é professora no Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG) e coordenadora do centro de estudos chineses ChinaLogus. Licenciou-se em Economia pelo ISCEF (actual ISEG), concluiu uma pós-graduação em Marketing de Exportação no Cambridge Institute Massachusetts, um mestrado em Gestão Estratégica no ISCTE, em Lisboa, e o doutoramento em Administração de Empresas e Marketing na Universidade de Sevilha. Com uma carreira profissional na área do comércio e dos negócios internacionais, Fernanda Ilhéu viveu 18 anos em Macau, trabalhando no sector público e no privado e desenvolvendo paralelamente a actividade de docente, quer no ISEG quer na Universidade de Macau. Entre 1998 e 2009 foi secretária-geral da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Chinesa e vice-presidente da EU-China Business Association.

Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades dos empresários portugueses que querem entrar do mercado chinês?
Falta de competitividade no mercado, não por falta de tecnologia ou qualidade dos produtos mas por falta de conhecimento do mesmo, falta de notoriedade de marca, dificuldade de entrada nas redes de distribuição, pouco ou deficiente investimento em comunicação e *marketing*, escolha de parceiros feita oportunisticamente e não selectivamente com *due diligences* elaboradas por profissionais competentes na China, e falta de aconselhamento jurídico e cultural durante as negociações.

Acredita que Macau tem condições para servir como plataforma entre Portugal e a China ou que é cada vez mais fácil estabelecer um contacto directo entre os dois países?

Sim, é cada vez mais fácil estabelecer contactos directos entre Portugal e a China. Macau pode ser uma boa ajuda para entrar no Delta do Rio das Pérolas, mas para outras regiões da China pode não fazer sentido ir por Macau. Mas tudo depende das conexões. Para saber utilizar Macau como plataforma temos que saber muito bem quem é quem e em que locais da China essa pessoa ou empresa de Macau nos pode ajudar. A ideia de que chego a Macau, deixo umas amostras e alguém vai fazer o trabalho de *marketing* da empresa portuguesa para entrar no mercado chinês não me parece que tenha grandes frutos. Aliás, a nossa presença empresarial na China não é muito relevante e, portanto, temos de usar outra aproximação, temos de usar as estratégias que se devem utilizar em todos os mercados e que passam por um bom conhecimento dos consumidores, das redes de distribuição, da concorrência, da forma de comunicação apropriada. Depois temos que segmentar o mercado, escolher o mercado alvo e definir a estratégia de oferta, que pode ser, por exemplo, diferente em Macau, em Cantão, em Pequim ou em Chengdu. ■

"A NOSSA PRESENÇA EMPRESARIAL NA CHINA NÃO É MUITO RELEVANTE E, PORTANTO, TEMOS DE USAR OUTRAS ESTRATÉGIAS QUE PASSAM POR UM BOM CONHECIMENTO DOS CONSUMIDORES"



CHINA E SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE RESTABELECEM LAÇOS DIPLOMÁTICOS

A China voltou a ter laços diplomáticos com São Tomé e Príncipe, depois de o país ter cortado relações diplomáticas com Taiwan. Foi em Pequim que representantes dos dois países assinaram documentos numa cerimónia junto às duas bandeiras nacionais. No dia 20 de Dezembro do ano passado, o governo são-tomense anunciou o corte de relações diplomáticas com Taipé após reunião do Conselho de Ministros, indicando que a decisão assenta no reconhecimento do princípio da existência de uma só China. Num comunicado, o governo referiu a "conjuntura internacional actual e da sua perspectiva de evolução e tendo em conta a agenda de transformação do país e os objectivos de desenvolvimento do milénio" como um dos motivos da ruptura com Taiwan. O Governo chinês considerou "natural" a decisão. O Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum Macau) já veio dizer que tem uma "atitude aberta" quanto à entrada de São Tomé e Príncipe no organismo. "Caso a parte santomense apresente o pedido, o Secretariado Permanente está disposto em submetê-lo aos países participantes do Fórum para efeitos de discussão", apontou o Gabinete de Apoio ao Secretariado Permanente do Fórum.

EMPRESA CHINESA INICIA CONSTRUÇÃO DE PORTO DE PESCA E HOTEL NA GUINÉ-BISSAU

A empresa chinesa Fujian Shiahai vai começar em Março a construção do porto de pesca e de um hotel em Prabis, no norte da Guiné-Bissau. Fodé Djassi, representante local da empresa, disse que falta apenas a aprovação dos pedidos de autorização apresentados às autoridades da Guiné-Bissau. O presidente da empresa chinesa, Yan Macky, justificou a escolha da Guiné-Bissau para a realização deste investimento "com o acolhimento caloroso que recebeu no país." As obras de construção do porto de pesca e do hotel, cujos custos ainda não foram divulgados, irão empregar, pelo menos, 3000 pessoas, entre técnicos chineses e trabalhadores guineenses.

MACAU PROMOVE PRODUTOS ALIMENTARES DOS PLP NO INTERIOR DA CHINA

O Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM) participou na Feira de Promoção e Exposição da Indústria e Comércio entre Guangdong, Hong Kong e Macau 2016, que decorreu entre 23 de Dezembro e 8 de Janeiro em Cantão. O Pavilhão de Macau, com 36 metros quadrados, tinha como objectivo divulgar o papel da RAEM como plataforma entre a China e os países de língua portuguesa. Ao todo foram apresentados 17 produtos dos países de língua portuguesa, incluindo vinhos, enlatados e azeites. Durante a inauguração, a presidente substituta do IPIM, Irene Lau, salientou que a cooperação entre Guangdong, Hong Kong e Macau no sector das convenções e exposições tem-se intensificado e que os três territórios têm colaborado de modo a cultivar marcas de convenções e exposições de qualidade, integrando os recursos vantajosos e cooperando para realizar convenções e exposições conjuntamente no estrangeiro.

PETROBRAS RECEBE FINANCIAMENTO DO BANCO DE DESENVOLVIMENTO DA CHINA

A Petrobras assinou um contrato de financiamento no valor de 5000 milhões de dólares norte-americanos válido por dez anos com o Banco de Desenvolvimento da China. O acordo foi assinado pelos presidentes das duas empresas Aldemire Bendine e Zheng Zhijie. Numa nota divulgada aos investidores, a Petrobras refere que o financiamento resulta do termo de compromisso celebrado entre as duas partes no início de 2016. A empresa brasileira assinou, além disso, outro acordo comercial com a China National United Oil Corporation, a China Zhenhua Oil e a Chemchina Petrochemical para fornecer, durante dez anos, 100 mil barris de petróleo por dia "atendidas as condições de mercado".

CÂMARA DE COMÉRCIO ANGOLA-CHINA QUER REFORÇAR RELAÇÕES COM PROVÍNCIAS CHINESAS

A Câmara de Comércio Angola-China (CAC), criada este ano, anunciou que já estão em curso diligências para criar delegações da CAC em todas as províncias da China. Quem o disse foi Arnaldo Calado, presidente do organismo durante a cerimónia de tomada de posse dos 18 delegados provinciais da câmara. O responsável acredita ser importante estabelecer parcerias entre empresários angolanos e chineses, aproveitando os fundos concedidos pelo governo chinês para apoiar o desenvolvimento económico de Luanda. "Vamos ajudar os empresários das províncias a apresentarem projectos de desenvolvimento que possam receber apoio financeiro da China", referiu. Na ocasião, a CAC prometeu acelerar a execução de projectos identificados nas 18 províncias angolanas, referindo que 60 por cento destes projectos estão ligados a investimentos no sector da agricultura.

BRASIL AUMENTA EXPORTAÇÕES DE CARNES PARA A CHINA

As exportações de carne de frango do Brasil para a China nos primeiros 11 meses de 2016 aumentaram 63 por cento, quando comparadas com o mesmo período de 2015, de acordo com a Associação Brasileira de Proteína Animal. Segundo dados desta associação, a China importou 451 mil toneladas de carne de frango e é já o segundo maior importador, depois da Arábia Saudita. As exportações de carne de frango para Hong Kong até Novembro de 2016 cresceram seis por cento e atingiram 228 mil toneladas. Previsões apontam que as exportações globais de carne de frango do Brasil em 2016 sejam de cerca de 4,39 milhões de toneladas. Já no que diz respeito às exportações de carne suína, o Brasil enviou para a China entre Janeiro e Novembro 82,1 mil toneladas, representando uma subida de 1952 por cento, ao passo que as exportações para Hong Kong atingiram 152,8 mil toneladas, mais 39 por cento.

DONGGUAN COM NOVO CENTRO DE APOIO PARA EMPRESÁRIOS BRASILEIROS E CHINESES

A Câmara de Comércio Brasil-China vai abrir já este ano em Dongguan, na Província de Guangdong, um edifício onde vão funcionar serviços destinados a apoiar as relações comerciais e económicas entre os dois países. Em Dongguan, com uma população de cerca de oito milhões de habitantes, vive uma grande comunidade brasileira, ligada sobretudo à indústria do calçado e dos cabedais. O complexo envolve um investimento de 200 milhões de dólares norte-americanos, vai estar situado numa área de 35 hectares e possui 75 mil metros quadrados de construção. O centro vai reunir serviços de assessoria jurídica internacional e alfandegária, fornecedores de produtos e soluções logísticas e escritórios de representação de empresas brasileiras e chinesas. A primeira fase do projecto, onde deverão ficar instaladas 200 empresas, foi já inaugurada e contou com a presença de representantes dos governos estaduais de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, São Paulo, do Ministério do Turismo do Brasil, da cidade de Campinas e responsáveis governamentais chineses.

Negócios de quem volta a casa

T CATARINA DOMINGUES

Entre Macau e o mundo estão três empresários. Estudaram, trabalharam lá fora e voltaram a casa já na era RAEM. A família e o trabalho pesaram nesta escolha. E no regresso, decidiram investir na cidade e num negócio

A VONTADE de ir para o Reino Unido era coisa já de vários anos, quando Anthony Sousa Tam fez as malas e partiu para Londres. Desde os 15 ou 16 anos que se lembra de gostar de música, de querer partir. Depois havia a arquitectura. Anthony tinha planos. "Fui para Londres à procura do meu sonho", recorda. Corria o ano de 1992. Macaense, filho de um sino-australiano, neto de um marinheiro de Lisboa por parte da mãe, tinha frequentado o ensino secundário em português na Escola Comercial de Macau.

Na capital inglesa, Anthony arrendou um quarto – "bastava uma cama", e foi trabalhar para pagar as contas. Começou pelo Green Valley, um velho *take-away* chinês. "Na altura tinha pouco dinheiro, só queria sair dali, mas fui progredindo, aprendendo, a sentir paixão pelo que fazia."

No Japas, restaurante que hoje dirige, na zona norte de Macau, o chefe de cozinha fala dos 24 anos que ficou longe de casa. *Chou san* (bom dia, em cantonês), diz a um empregado que acaba de entrar. São dez e meia da manhã, o Japas está ainda a acordar.

Clement Cheng, 30 anos, nasceu no Havai, Estados Unidos, onde os pais faziam negócio. Cresceu e viveu em Macau até aos 12 anos, quando foi enviado pela família para Leeds, no condado de West Yorkshire, norte de Inglaterra. Aprender uma língua internacional e frequentar um sistema de educação de excelência, esses eram os objectivos dos pais ao enviar o filho para Inglaterra. Foi parar a um colégio interno sem falar uma palavra de inglês. O clima era "terrível", na cantina desenvolveu uma fobia a batatas, que comia de todas as formas para ficar cheio. "Mas uns tempos depois Inglaterra começa a crescer em ti", diz Clement, um sotaque britânico, limpo, causa inveja até.

Estamos lado a lado, sentados no primeiro andar da Signum, a segunda loja de mobiliário de *design* que o jovem abriu em Macau.

Na ilha da Taipa, Nicole Massa Helm tem um dos poucos cafés com esplanada de Macau. A responsável pelo Lax Café cresceu no litoral do Canadá, em Vancouver, na Colúmbia Britânica, para onde a família emigrou em 1994. Nicole tinha 12 anos, alguma bagagem no inglês, tinha frequentado a secção inglesa da escola católica Santa Rosa de Lima. "Penso que a minha mãe queria outro estilo de vida", explica a jovem empresária, admitindo a possibilidade de haver então uma maior disposição da população de Macau para emigrar. "Talvez a motivação estivesse relacionada com 1999 [transferência de administração], as pessoas não sabiam o que se ia passar."

Em Vancouver, a mãe abriu uma loja de roupa para criança, Nicole foi-se adaptando à nova vida, foi deixando de pensar em Macau. Na memória, esta "pequena e antiga cidade" no Sul da China era apenas a terra onde viviam os tios, os avós. Naquele presente de então, acordava às 5h45 da manhã para apanhar o autocarro para a escola. Depois, aos 16 anos, comprou o primeiro carro, era branco, uma espécie de jipe. "Vancouver é uma cidade maravilhosa e não faz muito frio, só quatro graus negativos", afirma. "Não era nada, em Toronto fazia menos 40."

Experiência internacional: De Londres ao Azerbaijão

Anthony Sousa Tam ainda completou um curso na área da construção, mas acabou por deixar o sonho da arquitectura de lado e deu uma hipótese à cozinha. Ao longo dos últi-

Só em 2015 foram constituídas mais de 5000 novas sociedades em Macau. A maior parte delas na área do comércio e da restauração

mos 24 anos, encabeçou vários projectos, desde pequenos estabelecimentos chineses de *fast food* aos salões londrinos e à gastronomia internacional. A experiência deste homem na área da cozinha e da consultoria é uma volta ao mundo, que começa no Reino Unido, percorre a Europa, Médio Oriente, Interior da China, Tailândia. Em Londres foi onde esteve mais tempo e ainda demorou a sair do quarto arrendado.

Apenas alguns exemplos: aos 23 anos foi trabalhar como subchefe de cozinha para o restaurante Nobu, culinária japonesa, influências peruanas. Esta é uma parceria entre o chefe japonês Nobuyuki Matsuhisa e o actor norte-americano Robert De Niro. "Foi aí que realmente abri os olhos para o que era a comida", realça. Passou ainda pelo Tsunami, outro projecto nipónico, foi a Nottingham abrir o Chino Latino e trabalhou no Annabel's, um clube privado situado na Berkeley Square, em Londres. "Era o único sítio onde em tempos se pôde ver ao vivo a princesa Diana e onde trabalhavam pessoas ligadas à descoberta do *carpaccio*."

Anthony deu o grande salto aos 32 anos, quando foi convidado para abrir o restaurante Atami, novamente gastronomia japonesa. Foi aplaudido por Fay Maschler, experiente crítica do jornal londrino *Evening Standard*. E as ofertas choveram, uma delas vindas do presidente do Azerbaijão, Ilham Aliev, líder desde 2003 num país sem limitação de mandatos presidenciais. Aliev queria modernizar a capital do país, Baku. "Fui lá fazer uma prova, foram-me buscar ao aeroporto, puseram-me num carro, levaram-me para um sítio qualquer e disseram: esta é a tua cozinha e a tua comida", recorda Anthony, na altura já casado e com dois filhos.

O macaense foi o cérebro do novo restaurante da família do presidente, o Chinar, onde trabalhou ao longo de quatro anos. Antes de regressar a Macau, passou ainda por Xangai e Phuket. "Éramos quase nómadas e Macau era a minha casa, queria construir alguma coisa aqui."

Aprender com os melhores

"Graças ao sistema educativo inglês, entramos desde muito cedo no mundo da arte e do *design*", diz Clement Cheng. Na escola, saia-se frequentemente em visitas de estudo, conheciam-se os caminhos que iam dar aos museus, às galerias, encaravam-se obras de arte. "Se mostrares Picasso a uma criança, ela não sabe como apreciar, mas os meus professores queriam que tivéssemos essa experiência." E Clement queria saber mais, despertar sentidos, perceber o que estava por trás, e foi buscar livros, gastou tempo a lê-los, depois foi estudar. Escolheu *design* de interiores no Leeds College of Arts. Em *part-time*, trabalhava numa loja de sapatos.

A paixão pelo *design* de interiores surgiu da relação que Clement criou com o espaço, de olhar para ele. "Adoro essa sensação", revela. E a possibilidade de trabalhar com várias áreas ao mesmo tempo e de solucionar problemas levou o *designer* a querer criar, interpretar e a reformular espaços.

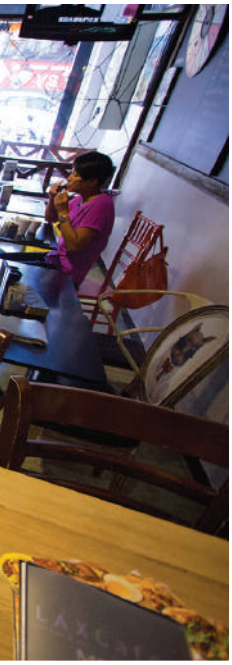
Enquanto estudou, foi trabalhando na área. E mais uma vez Clement acredita que o sistema educativo inglês contribuiu para crescer na profissão. "Encorajam-te a trabalhar a *part-time* ao longo do curso, trabalhei como desenhador, como assistente de *design*, entre outras coisas."

Terminados os estudos, decidiu regressar a Macau. A família, conta, foi a principal razão para o ter feito. Mas não foi fácil. "Queres trabalhar numa grande empresa, queres aprender mais e em Inglaterra o trabalho de um *designer* de interiores é muito respeitado, mas penso que a família foi o que pesou na minha decisão de voltar." Clement chegou a casa em 2009.

• ANIMAIS, UM CAFÉ E *FISH AND CHIPS*

Em Vancouver, Nicole foi estudar Gestão Hoteleira e de Restauração, sempre com vários trabalhos a *part-time*. Passou por uma agência de viagens, que oferecia pacotes para Las Vegas, e vendeu capas de telemóvel num expositor de rua. Quando terminou a universidade, foi trabalhar para uma companhia de Hong Kong, fornecedora de lápis e outros objectos para pequenos negócios. Não foi além dos seis meses. "Comecei a olhar para o meu salário ao fim do mês, observava uma senhora de meia-idade lá sentada e comecei a pensar no meu futuro e se realmente era este estilo de vida que queria para mim." Nicole queria mais e regressou a Macau, 11 anos depois de chegar ao Canadá. Vendeu o carro, utilizou o salário do mês anterior para pagar o voo e mudou-se para casa dos avós. Atrás veio a família.

A cidade que visitava apenas de cinco em cinco anos tinha mudado. Entre os novos casinos construídos após a liberalização do jogo, "ainda só havia o Sands", recorda. Estávamos em 2005. "Macau não é tão descontraída como o Canadá, mas a verdade é que arranjas um emprego. Continua a ser calma e



TIAGO ALCÂNTARA

pacífica, não é tão concorrida e fascinante como Hong Kong, mas é um sítio onde podes trabalhar e viver", diz. Juntou-se a uma empresa fornecedora de material de cabeleireiro, esteve aí dois anos, depois mudou-se para uma operadora de jogo, onde trabalhou na área dos recursos humanos.

E vivia aqui mesmo, na Rua de Bragança, na ilha da Taipa, num dos andares deste edifício onde nos encontramos sentadas, na esplanada do Lax Café. O espaço estava à venda, Nicole queria abrir um negócio. Arriscou. E aproveitou que "a cultura do café está em expansão, que há um maior entendimento sobre esta bebida".

O espaço, com um conceito australiano e onde é permitida a entrada de animais, foi apenas a primeira aposta desta pequena empresária. Ao longo destes anos abriu ainda o Fish Me, um *take-away* de peixe e batatas fritas (ao estilo dos famosos *fish and chips* ingleses), criou ainda um negócio virado para os cuidados dos animais.

Mas manter um negócio traz várias pedras pelo caminho, vinca. A dificuldade em contratar pessoal e a subida dos preços das rendas têm sido alguma das limitações.

Na área da restauração, porém, Nicole Massa Helm realça que há uma aposta crescente em novos conceitos. "Está a tornar-se mais competitivo, que é o que deve acontecer numa cidade que está a florescer e, por isso, os negócios que existem vão ter de pensar em novas formas e canais para se manterem."

TIAGO ALCÂNTARA

• LABORATÓRIO GASTRONÓMICO

O chefe Anthony Sousa Tam começou num *take-away* em Londres, passou pelo Azerbaijão, Tailândia e Interior da China antes de regressar a Macau

É Outono, lá fora está calor, humidade. Mas dentro do Japas, o novo projecto de Anthony Sousa Tam, a decoração segue a ordem exacta das estações do ano. A ideia é pensar a natureza. Para já, as paredes acastanhadas, despidas, lembram a madeira dos troncos de árvore. Na Primavera, o restaurante vai chegar mais verde, o Verão vai trazer mais flores.

Aqui servem-se tapas, comida japonesa e de fusão. Neste fim de Outono, preparam-se pratos como bacalhau salgado com tarte de algas, arroz de marisco, tempura de ouriço-do-mar.

E a influência portuguesa, chinesa, do mundo, está lá. "Temos uma história importante, se pensarmos nas viagens dos portugueses, sem eles não haveria tempura no Japão, então guiamos as pessoas nesta viagem."

Além do Japas, que abriu há cerca de um ano, Anthony tem outros projectos em mão. A apenas cinco minutos a pé, num edifício industrial da Areia Preta, o chefe está a erguer uma cozinha-laboratório, onde vão nascer alimentos para abastecer o restaurante. A ideia é garantir a segurança da comida que aqui entra.

E para isso o empresário está a apostar na aquaponia, um sistema integrado de produção de peixes e vegetais, geralmente utilizado em países com pouca disponibilidade de água doce ou que tenham interesse na agricultura urbana. Os peixes sujam a água para as plantas que, por sua vez, limpam a água para os peixes.

"Também vamos ter uma mesa para 12 pessoas, onde se pode perceber como se matura a carne, por exemplo", conta Anthony que pretende partilhar com Macau "a experiência e a importância da alimentação".

Em breve, conta o chefe, vai nascer um novo restaurante no centro da cidade. Maka, de dois andares, vai ser um "moderno restaurante macaense, com influências, técnicas e comidas de todo o mundo".

TIAGO ALCÂNTARA

• MUDANÇA DE MENTALIDADES

Mesmo à frente do Jardim Vasco da Gama, Clement Cheng abriu uma segunda loja de decoração e mobiliário. Chama-se Signum, tal como a primeira, que já tem cinco anos. "Quando cheguei a Macau não consegui encontrar mobiliário moderno", recorda.

À janela do primeiro andar, onde estamos, aparece a Calçada do Gaio, edifícios velhos de poucos andares, caixas de ar-condicionado, cabos de electricidade expostos nas estruturas.

Mas cá dentro, um mundo novo. São candeeiros, mesas, sofás, cadeiras longas, objectos de várias formas, cores, marcas que chegam da Dinamarca, Inglaterra, França e outros países. Peças de roupa também ocupam o espaço. "Não tem a ver apenas com a forma como habitas, mas com tudo o que te rodeia", explica Clement Cheng.

O *DESIGNER* DE INTERIORES CLEMENT CHENG CONCLUIU OS ESTUDOS NO LEEDS COLLEGE OF ART, NO REINO UNIDO

Paralelamente, o *designer* abriu o CINCHstudio, um ateliê de *design* de interiores. Demorou a arrancar. "Tentas dizer às pessoas que és *designer* de interiores e elas assumem que estás na construção. A verdade é que o *design* faz parte da construção e as pessoas simplesmente não querem pagar-te pelo trabalho", descreve o *designer*. "Temos de nos unir e dizer aos clientes que têm de respeitar a indústria, que não podem ter tudo gratuitamente, que não faz sentido, não é saudável", acrescenta Clement, referindo que essa foi uma das razões pela qual foi criada há cerca de dois anos a Associação Comercial do Design de Interiores de Macau, que reúne vários profissionais do sector, desde *designers* de interiores, passando por empreiteiros, fornecedores, imobiliárias. "Queremos criar uma comunidade para que seja fácil chegar a todas estas pessoas."

Macau, parece, é para ficar. O que aprendeu lá fora também. "Enviava a sua filha para uma escola interna?", pergunto, por fim. "Quem me dera ter essa possibilidade, se Inglaterra não existisse na minha vida, não sei se algum dia estaria a fazer isto. Mudou a minha vida." ■

TIAGO ALCÂNTARA

TIAGO ALCÂNTARA

ENCONTRO DAS COMUNIDADES MACAENSES 2016

Projectar Macau global lá fora

A dificuldade em aproximar os jovens macaenses na diáspora a Macau é uma das preocupações referidas por participantes da última edição do Encontro das Comunidades Macaenses. Compete às famílias, às Casas de Macau espalhadas pelo mundo e à própria RAEM encurtar distâncias e projectar além-fronteiras uma imagem global da cidade e da identidade macaense, onde a cultura e as raízes chinesas não devem ser esquecidas, refere a comissão organizadora do evento

T CATARINA DOMINGUES
F TIAGO ALCÂNTARA

"MUITO SENTIMENTO", diz Jorge do Rosário, quando lhe pergunto quais as memórias que tem de Macau. Jorge começa por responder em português, mas ao longo da entrevista acaba por passar para o inglês. Porque é mais fácil, explica. "Olho agora para Macau, está tão desenvolvido, já perdeu muitas memórias", continua o macaense, que está a viver fora desde 1967. Foi a situação política na China nos anos 1960, com o início da Revolução Cultural, que fez com que a família abandonasse o pequeno território então administrado por Portugal. O primeiro destino foi o Brasil e, em 1974, voltou a partir, dessa vez para os Estados Unidos, onde reside actualmente.

O macaense veio hoje às Ruínas de São Paulo para a fotografia de família

"Olho agora para Macau, está tão desenvolvido, já perdeu muitas memórias"

JORGE DO ROSÁRIO, UNIÃO MACAENSE AMERICANA, EUA

da última edição do Encontro das Comunidades Macaenses, que se realizou entre 26 de Novembro e 2 de Dezembro de 2016 e trouxe a Macau cerca de 900 participantes e membros das 12 Casas de Macau espalhadas pelo mundo.

Jorge do Rosário, que pertence à União Macaense Americana, na Califórnia, é um homem alto, pele morena, mistura de muitos mundos. Saiu de Macau quando tinha apenas 17 anos e hoje, por cá, tem apenas alguns amigos. "O meu primo já passou, a minha tia já passou", diz, ainda em português, mas como quem está a pensar em inglês. O filho, que já esteve presente num dos encontros, "é completamente americano", realça. "Nasceu e estudou nos Estados Unidos, mas gosta da cultura macaense."

Sobre os macaenses na diáspora, Jorge do Rosário admite que é uma comunidade que soube ultrapassar as dificuldades. "O macaense é muito esperto", vinca. E sorri.

Além da habitual fotografia de família e de uma série de eventos culturais e de convívio, o Encontro das Comunidades Macaenses 2016, que contou com um subsídio da Fundação Macau de cerca de 4,2 milhões de patacas, incluiu ainda um passeio por Cantão, capital da Província de Guangdong, e a eleição dos órgãos sociais do Conselho das Comunidades Macaenses. O presidente, José Sales Marques, que renovou o mandato para o próximo triénio, faz à MACAU um balanço "francamente positivo" deste encontro. "Conseguimos sentir um espírito muito coeso por parte de todos os participantes", realça, acrescentando ainda que, este ano, o Conselho das Comunidades Macaenses passou a contar com um novo membro. Trata-se da Casa de Macau do Reino Unido. "É a primeira [casa] no Reino Unido, que é considerado um destino muito importante para os macaenses e portugueses, um destino tanto para fixação como para o estudo".

"Macau é o nosso sangue, não podemos mudar isso"

Mas momentos antes falávamos ainda com Marcus António Gutierrez da Casa de Macau da Austrália. Marcus deixou Macau aos 23 anos, em 1969. Primeiro viajou até aos Estados Unidos, depois para a Austrália. "Os Estados Unidos estavam numa boa fase mas, ainda assim, era tudo muito competitivo, ao passo que a Austrália mantinha-se mais atrás. Então era uma questão de ficar na América e fazer com que as crianças se tentassem ajustar ou levá-las para a Austrália, onde pudessem crescer com o próprio país", relembra.

Na longa escadaria que nos leva até às ruínas da antiga Igreja da Madre de Deus vão-se juntando centenas

"Os meus filhos, por exemplo, nasceram na Austrália, são australianos e não fazem a mínima ideia do que é ser macaense"

MARCUS ANTÓNIO GUTIERREZ, CASA DE MACAU DA AUSTRÁLIA

de participantes. Nós mantemo-nos à margem, numa das extremidades deste monumento histórico. Vão-se escutando as línguas da comunidade: português, cantonês, inglês. Da organização começam a chegar avisos para o momento da fotografia, mas Marcus António Gutierrez mantém-se suspenso em antigas memórias, quando em miúdo corria à volta do campo desportivo de hóquei do Tap Seac ou passava tardes inteiras na piscina do Hotel Estoril. O avô, Pompílio Pedruco, vivia mesmo ali numa daquelas casas da praça.

"Macau é o nosso sangue, não podemos mudar isso", diz Marcus, que admite ter dificuldade em acompanhar o "desenvolvimento enorme" da cidade onde nasceu. "Na Casa de Sidney temos dificuldade em fazer com que a geração mais nova aprecie a cultura. Os meus filhos, por exemplo, nasceram na Austrália, são australianos e não fazem a mínima ideia do que é ser macaense", diz. "É algo que todos partilhamos e ver essa perda da ligação é triste." Marcus pára de falar por momentos. E por momentos também chora.

"E há alguma forma de mudar isso?", pergunto. "Não, eles nasceram num país diferente, num ambiente diferente e, para eles, Macau não passa de um nome, do sítio de onde os pais vieram".

Levar Macau aos mais jovens

"Pensam em regressar?", pergunto a Alfredo Maria Silva da Associação da Casa de Macau em São Paulo, Brasil. "Não, não, é impossível, temos dois netos brasileiros, a nossa casa é lá e aqui eu não tenho mais nada." A mulher, Filomena Botelho dos Santos Silva, que viajou com o marido há mais de 40 anos para o Brasil, admite que a adaptação não foi fácil. Agora é a adaptação a Macau que parece quase impossível. A viver em Jundiaí, a 90 quilómetros da cidade de São Paulo, o casal diz que os filhos não costumam vir à terra dos pais.

Para José Sales Marques, presidente reeleito do Conselho Permanente das Comunidades Macaenses, o envolvimento dos jovens macaenses que nasceram e cresceram fora de Macau "é uma missão" e pode ser reforçado através de um trabalho mais "acentuado" das Casas de Macau, nomeadamente através do desenvolvimento de actividades no âmbito cultural. "Há casas que começam a fazer isso, mas o importante é haver uma transmissão dentro das famílias", realça o responsável, que nota um interesse crescente destes jovens por Macau. "Macau pode ser o futuro", assume.

"Eu acho que este momento em que estamos a viver no mundo é um momento tal em que muitas das verdades assumidas parece que estão a tremer e, portanto, nestas alturas, o regresso à terra de origem é muito importante."

Ainda de acordo com Sales Marques, para atrair a comunidade mais jovem na diáspora "é preciso projectar a identidade de Macau no exterior de uma forma muito mais abrangente". É necessário, sublinha o responsável como exemplo, transmitir a cultura chinesa que também influencia a comunidade macaense.

"O mais importante e o ponto crucial de tudo isso é Macau ser uma âncora, e um Macau na sua globalidade, ou seja, não faz muito sentido estarmos apenas a falar da cultura macaense, porque a cultura macaense existe nesta realidade muito própria, que é afirmada neste espaço também muito próprio."

Ao levar "a cultura de Macau" até aos quatro cantos do mundo, "nós e o próprio governo estaremos a contribuir também para a consolidação da própria cultura macaense", conclui Sales Marques. ■

Alfredo Maria Silva e Filomena Botelho dos Santos Silva imigraram para o Brasil há mais de 40 anos

Um grupo de participantes provenientes do Canadá posam para a fotografia em frente à escadaria das Ruínas de S. Paulo

SUPERSTIÇÕES CHINESAS: O QUE SÃO E A SUA INFLUÊNCIA

Em busca do nosso próprio desconhecido

T ANDREIA SOFIA SILVA
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

Não moram no quarto andar por recearem a morte e o azar; preferem o número oito por trazer sorte e fortuna. Visitam adivinhos com frequência para saber o que o futuro lhes reserva ou para escolherem o melhor nome para o filho que vai nascer. Muitos chineses continuam a ser supersticiosos por influência da tradição e da própria família, mas os mais jovens já não deixam que as superstições lhe ditem o rumo do seu dia-a-dia

FALAR DE crenças ou superstições chinesas significa falar de um *puzzle* onde todas as peças se cruzam e onde não falta sequer um pouco de matemática. O Ano Novo Chinês é a época mais importante para as famílias chinesas, que seguem vários rituais para que toda a boa sorte chegue naquele ano. A título de exemplo, as dívidas devem ser pagas e as casas devem ser limpas para que o azar se vá antes do novo ano começar.

Nada é deixado ao acaso num enigma que vai determinar a casa onde se vai morar e a sua decoração, o dia em que se marca o casamento ou o nome dos filhos. A data de nascimento de cada um ocupa a sua quota parte de importância, bem como os números (o quatro é sinónimo de morte enquanto que o oito rima com sorte), ou até as cores que se usam na altura do Ano Novo Chinês e durante o resto dos dias. Num país imenso como a China as superstições não são todas iguais e variam consoante as várias culturas que cabem no país.

Para além destes pequenos rituais, muitos gostam de consultar o seu almanaque para saber o que o futuro lhes reserva para aquele ano. Composto por 12 anos, traduzidos em 12 animais, o almanaque não pode estar dissociado do Yin (lado passivo) e Yang (lado activo), os quais estão subdivididos em cinco elementos. São eles a Água, a Madeira, o Fogo, o Metal e a Terra, os quais vão influenciar as características de cada signo do zodíaco chinês. Também aqui a matemática tem a sua importância, pois uma pessoa nascida no ano do Tigre de 1974, por exemplo, não é igual a outra do mesmo signo nascida em 1962 apenas pelo facto de terem nascido em anos, dias e meses diferentes.

A DATA DE NASCIMENTO DE CADA UM OCUPA A SUA QUOTA PARTE DE IMPORTÂNCIA, BEM COMO OS NÚMEROS, OU ATÉ AS CORES QUE SE USAM NA ALTURA DO ANO NOVO CHINÊS E DURANTE O RESTO DOS DIAS. NUM PAÍS IMENSO COMO A CHINA AS SUPERSTIÇÕES NÃO SÃO TODAS IGUAIS E VARIAM CONSOANTE AS VÁRIAS CULTURAS QUE CABEM NO PAÍS

As superstições não podem estar dissociadas dos tradicionais adivinhos que, com a leitura do rosto ou dos traços das mãos, dão indicações de como vai ser aquele ano, se aquele namoro vai ou não dar em casamento e o que

podemos fazer para melhorar o nosso presente e o nosso destino. São procurados por velhos e por jovens que querem saber o que o ano lhes reserva para o amor, a saúde e a carreira.

"A minha mãe não acreditava em nada destas coisas e a minha família também não. Eu comecei a acreditar por mim própria." Madalena Silva, macaense, ainda andava na escola quando, aos 16 anos, começou a interessar-se pelo mundo dos adivinhos que nos lêem os traços das mãos e das superstições. Hoje, com quase 50 anos, continua a frequentar adivinhos com frequência para lhe dizerem as coisas para as quais ela não encontra resposta.

"Quando era mais jovem, com 16 anos, comecei a ir a adivinhos e houve coisas que aconteceram mesmo. E foi aí que comecei a acreditar. Agora vou aos adivinhos porque não tenho a certeza daquilo que quero para a minha vida. Procuro muitas respostas. Se há coisas que eu não consigo resolver, vou ao adivinho e acho que assim consigo encontrar um caminho. Até agora tem ajudado", garante.

Com quatro filhos, Madalena visitou um adivinho a seguir a cada nascimento. "Queria saber o que lhes ia acontecer. Um deles acertou em tudo em relação à minha filha, mas com os outros foi diferente. Acredito nos adivinhos mais fortes, que apanham a energia das pessoas e dos espíritos. Há uns adivinhos que fazem as consultas e o nosso mapa astral, mas há outros que só de olhar para ti adivinham os sinais e pontos que tens no teu corpo e captam a tua energia."

Para além de tentar sempre buscar respostas para o seu futuro, Madalena acredita nas restantes superstições. Recorda o tempo de má sorte quando morou em frente a uma igreja e não deixa de vestir peças de roupa vermelhas só porque um adivinho lhe disse que iam trazer sorte este ano.

"Já deixei de fazer coisas porque os adivinhos me disseram para não fazer e que não seria bom. Com o meu segundo marido continuei casada com ele apesar de um adivinho me ter dito que ele não era homem para mim. A verdade é que me divorciei anos depois, e a relação correu mal. Naquela altura não acreditei", contou.

Ao contrário de Madalena, a amiga Antonieta Sam, funcionária pública, começou a acreditar em superstições por influência da família. "A minha mãe chinesa e a minha família materna sempre seguiram as cerimónias tradicionais. A partir daí comecei a ver e estava sempre a perguntar à minha mãe o que era aquilo. Depois, na adolescência, eu e as minhas amigas começámos a interessar-nos por adivinhos que lêem as mãos."

Antonieta Sam vive em dois mundos, pois também é ca-

Tony Guo Tieyuan, professor do Departamento de Psicologia da Universidade de Macau

tólica. Mas apesar de se assumir como supersticiosa, não segue tudo de forma rígida. "Às vezes as coisas simplesmente acontecem. Não há muita justificação para as superstições, mas elas podem ajudar a melhorar algumas situações. Há coisas que não têm uma explicação, mas aceito fazer isso para melhorar algumas situações. No Ano Novo Chinês vou visitar aquelas senhoras que lêem as mãos para perguntar o que posso fazer, dizem-me se há ou não mudança de emprego, pergunto se posso mudar ou não, e elas dão-me respostas. Às vezes também tenho de avaliar o que me dizem, por exemplo não dormir duas noites para atingir esses objectivos."

As superstições não podem estar dissociadas dos tradicionais adivinhos que, com a leitura do rosto ou dos traços das mãos, dão indicações de como vai ser aquele ano, se aquele namoro vai ou não dar em casamento e o que podemos fazer para melhorar o nosso presente e o nosso destino

Jovens menos crentes

Se para Madalena e Antonieta as superstições fazem parte do seu dia-a-dia, com mais ou menos influência, a verdade é que não se pode traçar um padrão de comportamento em relação a esta questão. A maioria dos chineses continua a ser supersticiosa, mas Tony Guo Tieyuan, professor do Departamento de Psicologia da Universidade de Macau (UM), estabelece uma ligação com o nível de educação de cada um.

"Segundo as minhas observações os jovens acreditam muito menos nas superstições do que os mais velhos, e isso está muito relacionado com a educação. Quando mais educados e informados formos, menos supersticiosos nos tornamos. Contudo, os jovens continuam a ter alguma curiosidade. Não seguem, mas a influência familiar continua a existir", referiu à MACAU.

Tony Guo Tieyuan acrescenta ainda que as superstições têm pouca ou quase nenhuma influência em termos de funcionamento das entidades políticas e institucionais. "Há muitas superstições diferentes e penso que não são seguidas por todos os chineses de forma igual. Vários estudos comprovam que os chineses estão entre os grupos de pessoas mais religiosas em termos mundiais. Em termos oficiais, ao nível das organizações, as superstições nunca tiveram muita influência. As superstições têm muito pouca influência em entidades de topo na sociedade chinesa e autoridades políticas, por exemplo. Mas em termos individuais, especialmente em pessoas que vivem em zonas remotas, com dificuldades económicas, as superstições têm um grande impacto nas pessoas."

Desmond Lam, também docente da UM, fala de valores culturais chineses dominados pelo Confucionismo, Budismo e Daoismo. "As superstições desempenham um importante papel na vida dos chineses. Eles escolhem as casas consoante o número e fazem mudanças importantes nas datas que são mais auspiciosas. Essas datas determinam a sorte e o azar dessa mudança. Encontrar um parceiro que nasceu nos dias ou meses que encaixam no aniversário da outra pessoa vai determinar a felicidade no casamento", exemplifica o académico.

Se a superstição é algo que pode ser comum a uma pessoa independente da sua cultura ou nacionalidade, a verdade é que Desmond Lam defende que não há povo mais supersticioso que o chinês. "Todos os povos são supersticiosos de uma maneira ou de outra. Mas pessoalmente não vejo as superstições chinesas a serem muito seguidas com a mesma intensidade por portugueses ou estrangeiros. Os chineses parecem-me ser altamente supersticiosos, de uma forma única."

Desmond Lam, docente da Universidade de Macau

A influência familiar

Para Goreti Lima, psicóloga radicada em Macau há quase uma década, a ideia de visitar um adivinho para saber os melhores números e o melhor *feng shui* para a casa prende-se com a curiosidade, mas também com o objectivo de querer ter uma vida melhor. Com maior ou menor importância, a verdade é que há sempre essa intenção.

"As pessoas anseiam sempre fazer o que há de melhor. Agem de acordo com o que é mais favorável e o que dá mais sorte, e não o que querem. O que leva as pessoas a procurarem isso é evitar ao máximo o sofrimento e passar dificuldades. Procuram essas pessoas porque acreditam que estas têm uma resposta que o comum dos mortais não tem, e que tem uma visão do futuro para alcançar o sucesso mais rapidamente."

Como psicóloga portuguesa residente em Macau, Goreti Lima já nota algumas influências das superstições chinesas nos ocidentais. "Já vejo muito essa dependência. Conheço, por exemplo, pessoas ocidentais que consultam o *feng shui* quando têm de fazer mudanças em casa. Já ouvi histórias de chefes que fazem consultas para uma maior harmonia no emprego. No Ano Novo Chinês, os chineses fazem obras e mudanças consoante os desenvolvimentos da família, o signo e o animal que está a seguir. Há pessoas que acabam por não dar nenhum passo sem fazer uma consulta antes, o que acaba por ser limitador para o seu dia-a-dia", aponta.

A psicóloga traça ainda uma relação entre a crença na superstição e a influência familiar. "As crenças que temos começam a exercer a sua influência na nossa infância a partir da nossa família. As pessoas não questionam porque é que o fazem, porque assumem que é verdade. Até aos sete anos é o tempo em que nós incutimos a aculturação, é onde se põem as sementes das nossas crenças. Se nascemos numa família que vai ao adivinho, a pessoa acredita e nem questiona."

Escolha de nomes, *feng shui* e números: as superstições mais comuns

Não é fácil traçar uma linha das superstições mais comuns. Tony Guo Tieyuan fala de diferenças nas várias províncias chinesas. "Na Província de Guangdong, por exemplo, as pessoas preferem mais o número oito do que noutras zo-

PEDRO
Dinotopia
1 2 3
one
two
four
five
seven
eight
ten
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20

nas do país, porque o dinheiro nesta província é de facto importante. Mesmo na China há muitas variações, e não podemos dizer que em todo o país as superstições e as ligações que as pessoas estabelecem com elas são iguais."

Relativamente ao *feng shui*, uma das superstições mais comuns, não é seguida de igual forma por todos os chineses. "Em áreas como Pequim ou Xangai o *feng shui* deixou de ser assim tão importante. Uma superstição importante nos dias de hoje prende-se com a escolha do nome do bebé. Mas o *feng shui*, a forma como devemos decorar uma casa, já não tem uma grande influência. É mais importante em áreas como Guangdong e Hong Kong, e isso por uma questão histórica. Há mesmo programas de televisão sobre esse assunto em Macau e Hong Kong."

O académico compara a superstição ocidental do gato preto – que cruzar com um é sinal de mau agouro – com a crença chinesa assente nessa mesma tradição, mas com um pássaro negro. Há ainda a eterna busca do elixir da juventude: no norte da China, por exemplo, há muitos recursos hídricos e os locais acreditam que há certas nascentes que levam a um renascimento. "As pessoas chegam a beber água contaminada, não se importam com isso porque acreditam piamente que uma determinada nascente poderá atrasar o envelhecimento."

Não podem ser ignoradas as superstições que envolvem números, as quais chegam a ditar relacionamentos na vida pessoal e profissional, e não só. "Há edifícios sem o quarto ou o 14.º andar, e os chineses preferem sempre o número oito. Em termos de apartamentos, a casa que fica no oitavo andar é sempre mais valiosa do que as restantes. Isso tem a ver com a pronuncia dos caracteres, porque dizer oito em chinês é semelhante ao carácter da riqueza, da prosperidade. Já o número quatro está associado com a morte", explica o académico da UM.

Madalena Silva acredita que viver ao pé de um cabeleireiro dá azar a nível financeiro, associando as tesouras à perda de dinheiro. Quanto ao *feng shui* "é diferente". "Tu podes decorar a tua casa conforme aquilo que o mestre de *feng shui* disse, mas só depois é que a disposição dos móveis começa a fazer efeito. Não é uma coisa imediata na vida das pessoas."

Tony Guo Tieyuan afirma que o *feng shui* é talvez a superstição que até pode ter um princípio mais científico. "Uma das recomendações básicas é jamais ter um espelho em frente à nossa casa, e segundo algumas investigações feitas essa é uma boa sugestão, porque o espelho vai fazer com que olhemos para nós próprios. Quando vamos a certos restaurantes em Macau encontramos altares, e isso dá ao proprietário alguma confiança no negócio." ■

A psicóloga portuguesa Goreti Lima nota algumas influências das superstições chinesas nos estrangeiros que vivem em Macau, como, por exemplo, a consultas a especialistas de *feng shui* para a decoração da casa ou para a harmonia e o sucesso no ambiente de trabalho

AS PRINCIPAIS SUPERSTIÇÕES

- Usar uma peça de roupa vermelha no Ano Novo Chinês atrai a boa sorte
- Devem evitar-se usar termos negativos durante o Ano Novo Chinês, sobretudo se estiverem relacionados com a morte
- Apartamentos virados para cemitérios costumam afastar compradores chineses
- O número quatro é considerado o número da morte, razão pela qual muitos prédios não têm sequer o quarto andar
- O número oito atrai sorte, porque o som do carácter é próximo à fonética do carácter da prosperidade
- Desaconselha-se o casamento com pessoas que sejam três a seis anos mais novas ou mais velhas do que o seu parceiro, sob pena do enlace não ser feliz
- Quanto maiores forem os *noodles* servidos nas refeições do Ano Novo Chinês mais sorte vão trazer
- Tal como no Ocidente, casar num dia de chuva também dá sorte, sendo que a noiva não deve experimentar o vestido antes do dia do casamento
- As roupas usadas na cerimónia de um casamento devem ter as cores vermelha, dourada ou branca para trazer a boa sorte
- Dá azar fazer o tradicional chá de bebé antes do nascimento do filho. Na crença chinesa, este evento deve fazer-se apenas após o nascimento
- Segundo o *feng shui*, ter um espelho no quarto, virado para a cama, traz má sorte
- Evita-se viver em frente das igrejas
- Evita-se a construção de edifícios virados para norte
- Casais com o mesmo apelido não podem casar-se, pois crê-se que pertencem aos mesmos antepassados

Tempo de renovação e de família

É o momento alto da cultura tradicional chinesa, tempo de reunião e de renovação. A festividade do Ano Novo Chinês, que marca a chegada da Primavera, tem origem nos meios rurais e data dos tempos do mítico Imperador Amarelo. Em Macau, onde esta festividade teve sempre características próprias, a população segue à risca as tradições. Limpam-se e decoram-se as casas, presta-se homenagem às divindades e antepassados, visitam-se casinos e lançam-se panchões. Ninguém faz frente à sorte

T CATARINA DOMINGUES
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

HO SAI Mui está sentada dentro da pequena loja de pivetes e velas Pio Kei, perto do Mercado de São Lourenço. Todos os anos, por esta altura, Ho compra enfeites para decorar a casa e receber o ano que está à porta. No saco de plástico já estão guardados letreiros para colocar na tábua ancestral lá de casa, onde se presta homenagem às divindades e aos antepassados. "A tábua deve estar limpa e bela, só assim os deuses nos abençoam, temos trabalho e refeições completas", explica pelo meio Lei Si Kun, o responsável pelo negócio.

Ho tem 84 anos, sorri-nos. Leva também maços de dinheiro em papel para queimar e distribuir riqueza pelas gerações passadas e ainda os tradicionais dísticos (*hui chun* 挥春), que vai colocar à porta de casa. Estes dizem: 'Que a paz e a segurança estejam contigo onde quer que vás' e 'Dar as boas-vindas à Primavera e à felicidade'. "É para trazer sorte, para que todos vivam bem, para que neste novo ano cheguem coisas boas", refere a mulher, enquanto Lei Si Kun faz as contas. "São 205 patacas", diz o empresário. Ho Sai Mui mantém a bengala na mão, retira o dinheiro da bolsa que tem à cintura. Traz hoje um chapéu grená, quente, próprio do Inverno, embora estejamos a poucos dias da Festa da Primavera. Depois abandona o local.

Neste princípio de tarde de segunda-feira estão sempre a chegar clientes à Pio Kei. Um homem pergunta o preço de um objecto dourado, que parece o suporte de uma vela. O dono, acompanhado pelo filho Lei Ka Wai, vai-se dividindo entre clientes.

A Pio Kei abriu as portas há cerca de uma década, mas Lei Si Kun já está no negócio há 35 anos. Ao fundo da rua encontra-se ainda a banca onde tudo começou e é a mulher de Lei que está lá hoje a trabalhar. É um negócio estável, refere o responsável. Enquanto se continuar a prestar culto aos deuses, continua-se a vender. Lei é um homem magro, baixo, veste uma *t-shirt* cinzenta, braços descobertos neste Inverno ameno. Para 2017 quer "saúde, uma sociedade harmoniosa, menos discussões, mais trabalho para a população". E para que isso aconteça há que "agradecer aos deuses", alimentá-los com "porco assado, frutas, laranjas, acender velas e incensos".

Evocação do tempo e da tradição

Lei Ka Wai, 25 anos, está hoje a ajudar o pai na loja. Traz um boné preto, pala virada para trás, recebe-nos entre pacotes de incensos, embrulhos com papéis vermelhos, dourados, floridos, caixas e caixinhas impossíveis de decifrar à primeira vista. Queremos saber o que pensa de tudo isto. Para Lei Ka Wai trata-se de um novo ciclo de esperança. "No novo ano abandonamos aquilo que é antigo", diz.

É uma expectativa que se reflecte nos vários nomes atribuídos ao longo dos tempos à Festa da Primavera (*chun jie* 春节), como também é conhecida a festividade do Ano Novo Chinês. Alguns exemplos: Tempo do Começo (*yuan chen* 元辰), Primeiro Dia (*yuan ri* 元日), Primeira Manhã do Ano (*yuan dan* 元旦). "*Yuan* significa 'começo', *dan* quer dizer 'manhã'. Por outras palavras, fim do velho ano, início de um novo *yuan dan* representa o fim do Inverno e a esperança de uma gloriosa Primavera em termos de colheitas", explica Rui Rocha, estudioso da cultura e tradições chinesas, referindo que esta festividade, que celebra o primeiro dia do calendário lunar, é originária de uma sociedade predominantemente agrícola. "Durante mais de 3000 anos, até à Dinastia Qing (1644-1911), a China seguiu o calendário lunar para registar o tempo, dos dias e das noites, das estações e das colheitas", explica.

FESTIVIDADE DO DEUS DO FOGÃO NO PONTAPÉ DE SAÍDA

Do primeiro ao último dia, as celebrações do Ano Novo Chinês duram aproximadamente três semanas. O primeiro momento dos festejos acontece ao 23.º dia do último mês lunar, quando se celebra a Festividade de Zao Jun, Deus do Fogão, e termina no 15.º dia do primeiro mês com o Festival das Lanternas. "O Deus do Fogão é aquele que está em casa das pessoas, sabe tudo sobre elas e é perigosíssimo", conta o historiador Fernando Sales Lopes. A esta divindade, retratada numa imagem atrás do fogão das famílias, dá-se muito que comer e que beber para que esteja embriagada na hora de relatar o que se passa em terra ao Imperador de Jade, senhor dos céus, que consoante as informações vai punir ou recompensar as famílias. Ainda antes de partir, passa-se mel pelos lábios do deus para adoçar as palavras e queima-se o seu retrato para que assim ascenda aos céus. O regresso de Zao Jun ao lar dá-se na noite de Ano Novo, quando as famílias voltam a colocar a sua imagem atrás do fogão. Fernando Sales Lopes salienta que, ao longo do período em que Zao Jun está ausente, e que marca a última semana do ano, "os chineses andam em liberdade". Nessa altura, as famílias não estão sob vigilância e "vale tudo".

À semelhança do Ocidente, a chegada de um novo ano é um período de reflexão e de renovação. Não é claro quando se começou a celebrar, mas diz a lenda que manifestações em pequena escala eram conhecidas durante o período do mítico Imperador Amarelo (2697 a.C.-2597 a.C.). Rui Rocha fala da existência de relatos que remontam à Dinastia Zhou (1046 a.C–256 a.C). "No *Clássico da Poesia*, que é da altura do Período do Outono e da Primavera, já há citações sobre estas festividades", conta.

Outra das lendas sobre esta celebração: *Nian* 年 (ano) era o nome de um monstro mítico que saía à rua para caçar animais, pessoas, arruinar campos de cultivo. Por ser sensível a ruídos e à cor vermelha, os chineses começaram a decorar as casas de vermelho e a lançar fogo-de-artifício e panchões para lhe fazer frente.

A importância atribuída ainda hoje à festividade, continua Rui Rocha, é uma forma de invocar a tradição, uma espécie de solidariedade com o passado. "Uma evocação do tempo e sobretudo uma ligação intergeracional e uma evocação da tradição."

Fernando Sales Lopes, historiador e mestre em relações interculturais, compara esta festividade ao Natal no Ocidente. "É a grande festa de família", nota. "É o princípio do ciclo da prosperidade, da renovação, e as pessoas têm de estar unidas." É também durante este período que se regista um dos maiores fenómenos de migração humana do planeta. «São

Tradições do Ano Novo Chinês

LIMPEZA DAS CASAS
Deitam-se fora mobílias velhas. As casas são limpas e varridas para eliminar energias velhas. As vassouras são deitadas fora para evitar que a sorte seja varrida para fora de casa.

DECORAÇÃO
À porta de casa são pendurados enfeites vermelhos para dar as boas-vindas ao novo ano. Usam-se desenhos recortados em papel, que trazem prosperidade. Há quem compre cata-ventos para afastar a má sorte.

DANÇA DO DRAGÃO E DO LEÃO
A Dança do Dragão, tradição comum entre as comunidades rurais, atrai prosperidade, sorte e renovação. A Dança do Leão serve para afastar os maus espíritos e a má sorte.

milhões de pessoas a circular, porque toda a gente quer ir ter com a família», realça Sales Lopes. Estatísticas oficiais revelam que, só no ano passado, contabilizaram-se perto de 3000 milhões de viagens (via aérea e terrestre) durante a Festa da Primavera em toda a China.

Casino, A-Má e panchões

De Este a Oeste, Norte a Sul, na China os festejos do Ano Novo podem variar de região para região. As diferenças "não são muito significativas", revela Fernando Sales Lopes, realçando que a alimentação poderá ser um dos factores diferenciadores. Macau, porém, "tem algumas particularidades", continua o historiador, explicando que nesta região, que no passado foi terra de pescadores e gente do mar, é prestado culto à deusa protectora dos navegantes, A-Má.

"Antigamente [essas pessoas] não podiam pisar terra e só o faziam na festividade de A-Má e sobretudo no Ano Novo Chinês. Macau transformava-se, os barcos encostavam e andava tudo por terra", recorda ainda o historiador, notando que ainda hoje o antigo templo é paragem obrigatória.

No passado, uma outra característica local da festividade era o rebentamento de panchões. "Além de Macau ter tido a grande indústria dos panchões, foi durante muito tempo o único sítio onde se podiam rebentar e toda a gente vinha para cá." Hoje, o lançamento dos panchões continua a fazer parte da tradição local, embora esteja limitado a certas zonas da cidade.

A ida aos casinos tornou-se também numa tradição local. Durante três dias é permitido aos funcionários públicos, que não podem jogar ao longo do ano, entrar nos templos do jogo. E também aqui a sorte ao jogo pode fazer muito pelo novo ano. ■

FOGO-DE-ARTIFÍCIO E PANCHÕES
Serve para espantar os maus espíritos e atrair sorte.

LAI SI
Envelopes vermelhos com dinheiro. Acredita-se que o dinheiro vai proteger as crianças dos maus espíritos, trazer saúde e longa vida.

GASTRONOMIA
Os *dumplings* têm forma de lingotes antigos e atraem fortuna e sorte; os crepes significam boas colheitas e prosperidade; rebentos de bambu representam mais estatuto e bons negócios; peixe quer dizer abundância.

O Galo, um signo do Sol

T RUI ROCHA

O Ano de Galo no calendário lunar chinês inicia-se a 28 de Janeiro de 2017, um número auspicioso para começo de Ano Novo. Em muitas tradições religiosas de diferentes países do planeta, o Galo é uma criatura celestial e votiva. Simboliza a ressurreição solar e espiritual e com o seu canto anuncia isso mesmo: a entrada do novo dia depois de um período de trevas. A ligação directa do Galo com os cultos solares das diferentes tradições religiosas é manifesta

O CARÁCTER chinês para galo/galinha鸡 (鷄/雞) (mandarim, jī; cantonês, kai) é homófono de dois outros caracteres que designam sentidos positivos, favoráveis: um, 绩 (績/勣) que significa sucesso, mérito, conquista, feito heróico; o outro, 跻 (躋), que significa ascender, atingir uma posição, subir. Na verdade, o Galo, na sua atitude e aparência simboliza na tradição chinesa as Cinco Virtudes: virtudes cívicas, com o seu porte altivo e "mandarínico" com a sua crista levantada, sugerindo um dignatário poder. De resto, o carácter chinês para crista (冠, guān) é homófono de 官 que significa governo, dignatário público; virtudes marciais, com os seus aguçados esporões; virtudes associadas à coragem no campo de batalha; virtudes familiares de protecção generosa das suas galinhas e crias; virtudes relacionadas com o modo confiante e confiável, pela pontualidade com que anuncia a aurora.

Na tradição chinesa o Galo está associado ao conceito de *Yang*, ou seja, ao calor, à luz e à vida do universo – daí o *Yang* ser também representado por um Galo.

A minoria étnica chinesa Miao possui uma interessante lenda que explica como o galo adquiriu a sua crista vermelha, que é expressão dessa sua ligação ao culto solar. Os Miao têm como costume admirar o pôr-do-sol a desaparecer para lá das montanhas do Tibete. Ao crepúsculo, os contadores de histórias, cada um com a sua versão, contam a narrativa de como o galo adquiriu a sua coroa vermelha:

Há muitos e muitos anos, quando o mundo acabara de ser criado, a Terra vivia debaixo de seis sóis e não de apenas um. Uma Primavera, após os camponeses terem preparado os seus campos já semeados, a água das chuvas não veio e os seis sóis queimaram tudo. Então o povo dirigiu-se ao imperador Yao que reinava na China e pediu-lhe ajuda. 'Como fazer para resolver tal situação?', questionou o imperador. Um seu conselheiro sugeriu-lhe que se tentasse acertar nos sóis e matá-los.

O Imperador chamou então os seus melhores arqueiros e determinou que apontassem para os sóis. Os arqueiros lançaram as flechas em direção aos sóis mas as flechas ficaram bem longe dos alvos.

Resolveu então solicitar ajuda ao príncipe Ho Yi de uma tribo vizinha, dado que era famoso na sua mestria de arqueiro. Ho Yi acedeu, apontou o arco, mas disse ao imperador: 'Lamentavelmente eles estão longe demais para os poder alcançar'. De repente, olhando para o lago existente no palácio do Imperador e vendo os seis sóis nele reflectidos, exclamou: 'Mas se os temos aqui tão perto porque não alvejá-los aqui?' E um a um, certeiramente, foi alvejando os sóis e, um a um, foram desaparecendo. Porém, o sexto, prevenindo-se, fugiu para detrás da montanha mais próxima. Os camponeses jubilaram e foram dormir descansados. No dia seguinte, porém, acordaram numa imensa escuridão pois o sexto sol, de tanto medo de ser morto, mantinha-se escondido.

Tudo foi tentado pelos camponeses: primeiro, um tigre rugindo, rugindo para o fazer sair detrás da montanha para outro local; depois, a tática inversa, uma vaca mugindo de forma apaziguadora e dócil para o acalmar e mostrar-se. Mas o Sol recusava-se a aparecer. Então um camponês trouxe um galo que cantou. E ouve-se a voz do Sol dizendo: 'Ó que maravilhosa voz!' E espreitando sobre a montanha fez-se, de novo, luz.

O sol, como prémio ao belo cantor, deu-lhe uma coroa vermelha. E desde aí o galo, orgulhoso da sua coroa, canta pela aurora acordando o sol.

Na tradição chinesa, o Galo é também o espantador de demónios por excelência. É por esta razão que muitas vezes são colocadas figuras dum galo comum nas portas das casas e um galo branco nos caixões, para "limpar" de demónios o caminho que o defunto irá percorrer. O seu canto ao nascer do sol tem, também segundo a tradição chinesa, o efeito de afugentar os demónios que convivem mal com a luz do dia.

É igualmente por esta razão que, durante as cerimónias de casamento, as noivas comem pedaços de açúcar branco em forma de galo para se prevenirem contra influências negativas.

Na tradição mitológica japonesa, por exemplo, é dito na obra clássica *Kojiki* (*Recolha de Coisas Antigas*), redigida de 711 a 712 por O-no-Asumaro, a partir do trabalho iniciado pelo imperador Temmu, Hiyeda-no-Are, que se deve a um Galo o Sol que brilha no Reino de Yamato. O Sol é, de resto, o único símbolo existente na bandeira do Japão e Japão significa "a Terra do Sol Nascente". E o Galo tem um festival a ele dedicado: o Tori-no-Ichi, dedicado ao deus Otori-sama (Tori 酉, em japonês significa "galo"), que se celebra durante três dias no mês de Novembro.

A Missa do Galo: um culto solar na tradição cristã

Subitamente, ouvi uma pancada na janela, do lado de fora, e uma voz que bradava:

"Missa do galo! Missa do galo"!

'Missa do Galo', Machado de Assis

Existe um paralelismo entre o mito xintoísta do Galo como anunciador do dia e o mito cristão do cantar do Galo

após o nascimento de Jesus – que anuncia também um novo dia, aqui no sentido do nascimento de uma luz para o mundo, de um renascimento de esperança para a Humanidade e da morte da ignorância espiritual.

De facto, na simbologia cristã, o Galo simboliza a (nova) luz. A Missa do Galo, também conhecida por Missa da Meia-Noite, é a missa da luz. Esta celebração é claramente inspirada nos cultos antigos, nomeadamente celtas, em que se escolhia o solstício do Inverno (22/23 de dezembro) para prestar culto ao deus Sol. O Cristianismo substituiu essa tradição, de origem celta, pela festa cristã do nascimento de Cristo, o verdadeiro Deus-Sol que vence as trevas. Esta celebração foi instituída no século VI pelos católicos romanos e não por S. Francisco de Assis (século XIII), como se lê muitas vezes. Nos países latinos, a tradição popular adoptou o nome desta missa da meia-noite como "Missa do Galo", numa alusão directa à lenda que conta que a única vez que um galo cantou à meia-noite foi aquando do nascimento de Jesus.

Na tradição cristã é o Galo quem anuncia a boa nova, tanto do nascimento de Jesus, como se disse antes, cantando à meia-noite, quer saudando, ao nascer da aurora, a Ressurreição de Cristo para a vida eterna. Mas é também o Galo que irá anunciar com o seu canto a traição de Pedro a Jesus, negando, por três vezes, conhecê-lo: "Em verdade te digo: Hoje, nesta mesma noite, antes que o galo cante duas vezes, três vezes me terás negado (Marcos 14:30)".

As tradições populares contam uma história para explicar a presença do galo nos relógios e campanários das igrejas católicas. Quando os *vikings* começaram a usar os cataventos, um dos papas (não se sabe qual), impressionado com a passagem do Novo Testamento que narrava a renegação de Pedro a Jesus, por três vezes antes que o Galo cantasse, ordenou que no tecto ou nos relógios dos locais de culto católico romano existisse a figura de um galo para lembrar aqueles que o olhassem para não repetirem o erro de Pedro.

Nalgumas aldeias portuguesas e espanholas, era costume levar o galo para a igreja, para que ele cantasse durante a missa. Quando este cantava todos ficavam felizes, pois isso representava o prenúncio de boas colheitas, por associação com o Galo que, cantando à meia-noite, anunciou a boa nova do nascimento de Jesus.

Nas Filipinas, o maior país católico da Ásia, as festividades da Simbang Gabi ou Misa de Gallo, que se iniciam a 16 de Dezembro e duram nove dias consecutivos, terminando com a missa da noite de 24 de Dezembro, são uma componente importante da tradição católica filipina.

O nome original da Missa do Galo parece ter sido Missa da Vigília do Canto do Galo, porque o canto do galo anuncia que as trevas da noite dão lugar à luz do novo dia, "como o Sol Jesus, com seu nascimento, traz a luz verdadeira para a humanidade".

O Galo noutras mitologias

Já na mitologia grega o Galo estava associado a Hélios, o deus do Sol, que considerava o Galo um animal sagrado. Também Apolo, Atenas e Hércules o reverenciavam como um símbolo sagrado do Sol e Perséfone como a Renascente Primavera.

Na tradição cigana o Galo está também presente como anunciador do dia e da luz, sendo um animal sagrado entre as várias comunidades. É ele quem diz: "Eu sou aquele que canta o raiar de um novo dia, de uma nova vida e de uma nova esperança!", numa clara alusão ao Sol como deus e origem da vida.

Na mitologia Yoruba, na região de África que é agora a Nigéria, o Galo surge igualmente como um colaborador do deus Olurum (ou Olodumare), deus criador do mundo, da luz e da vida. Segundo essa mitologia Olorum, o Supremo Ser, assistido por um deus menor, Obatala (ou Orixanla), envia esse deus menor para criar a Terra onde só havia água e caos. Obatala leva com ele um galo, algum ferro e uma semente de palmeira. Chegado ao planeta Terra, espalhou em primeiro lugar o metal sobre o planeta e colocou o galo sobre o metal. O galo com as suas garras esgravatou o metal e criou o solo, onde Obatala plantou a semente de palmeira, a partir da qual foi criada a vegetação no planeta. Esta mitologia ainda se encontra viva no Brasil, na religião umbanda e nos rituais do candomblé.

Também não é difícil associar o Galo à bravura e à tenaci-

dade na luta. Alguns seres da mitologia universal, nomeadamente os deuses guerreiros, apresentavam a figura do galo como, por exemplo, o deus egípcio Abraxas (ou Abrasax), que tinha uma cabeça de galo, um corpo de homem e cujas pernas eram duas serpentes.

O espectáculo da luta de galos, muito apreciado durante anos no sul da China, no Vietname e na Tailândia, de entre outros países do Sudeste Asiático, e cuja prática parece datar da China do primeiro milénio antes da era comum (a.C.), reforça plenamente tal ideia. A este propósito há um interessante conto taoista de Zhuangzi 庄子 (莊子), do séc. IV a.C. Ji Xingzi era um treinador de galos de luta do Rei Xuan (周宣王) e estava a treinar um belo galo de combate. O rei ia-lhe perguntando como é que estava o galo, em termos de desempenho para a luta. "Ainda não está!", respondia o treinador. "Está cheio de fogo. Está pronto para entrar numa luta com qualquer galo. É vaidoso e confiante na sua própria força." Dez dias passaram e o rei pergunta-lhe de novo o mesmo. E ele responde: "Ainda não! Empertiga-se quando ouve o cantar de outro galo".

Dez dias mais e o rei voltou a perguntar-lhe pelo galo de luta. "Ainda não! Ainda tem aquele olhar furioso e agita as penas". Outros dez dias passados e o treinador informou o rei: "Agora está quase pronto. Quando outro galo cantar, os seus olhos não irão pestanejar, ficará imóvel como um galo de madeira. É um lutador maduro. Os outros galos olharão para ele e pôr-se-ão todos em fuga".

Na mitologia hindu, o Galo (Sindura) simboliza um dos três venenos (*klesha*) da mente, o desejo (*raga,* ou apego). Os outros dois venenos da mente, bem como a origem dos seis reinos do samsara ou ciclo da vida e da morte e dos 12 elos (*nidanas*) que constituem o centro da Roda da Vida (Bhavacakra) são o ódio (*devsha*, ou aversão) representado pela serpente (Sandilya) e a ignorância (*avidya*, ou falso conhecimento) representada pelo javali (Vikarala).

Galo, símbolo histórico dos franceses

Ô *saisons, ô châteaux,*
Quelle âme *est sans défaut?*
Ô *saisons, ô châteaux,*
J'ai fait la magique étude
*Du bonheur, quel nul n'*élude.
Ô *vivre lui, chaque fois*
Que chante son coq gaulois (...)
Derniers vers, Rimbaud

O símbolo do Galo foi adoptado por povos e nações como sinónimo de grandes e nobres causas, mas, de entre todos, os franceses e a França merecem um particular destaque. O Galo é um símbolo histórico para o povo francês, dada a homofonia entre a palavra latina *gallus* que significa tanto "Gália" como "Galo". A origem deste jogo de palavras está no facto de César ter designado o território que é agora a França por Gallia (terra dos Galos ou Gauleses), em virtude de os rebeldes gauleses usarem o símbolo do galo como brasões nos seus escudos militares.

O símbolo do Galo desempenhou um papel importante como iconografia emblemática da Revolução Francesa e tornar-se-ia o símbolo oficial da Monarquia de Julho (1830-1848) e da Segunda República (1848-1851) francesas. Em 1830, o Galo Gaulês substituiu a Flor de Lis como emblema nacional e a partir deste ano, por uma ordenação de 30 de Julho, foi obrigatório o Galo Gaulês figurar nas fardas e nas bandeiras da Guarda Nacional. O Galo foi depois retirado como símbolo nacional no II Império de Napoleão III (1852-1870,) mas regressou em força na III República (1873-1940). O Galo chegou mesmo a constar do reverso das moedas de ouro de 20 francos cunhadas a partir de 1899. Desde 1848, o Galo aparece na cota de armas da República Francesa, em que a Liberdade está sentada num leme decorado com um galo.

Durante a I Grande Guerra (1914-1918) o símbolo do Galo, para além de símbolo nacional, torna-se o símbolo da coragem e da determinação francesa de lutar até à morte no campo de batalha. É habitual, por isso, os monumentos aos mortos caídos em combate serem adornados com estatuária representando um Galo.

No século XX e até aos nossos dias, o símbolo do Galo está associado também ao desporto francês. É o emblema adotado pelas equipas de França das diversas modalidades em competições internacionais e significa a coragem, a tenacidade e o orgulho franceses.

O Galo símbolo nacional de Portugal

Finalmente, apenas mais um de muitos outros aspectos interessantes que ficarão por contar: a associação do Galo ao estado de vigília e vigilância, sobretudo na luta pelo bem e contra a traição e os desvios dos princípios da ética. Shakespeare, em *Hamlet*, chamou-lhe "a trombeta da alvorada" (*that is the trampet to the morn*) e Orlando Neves, em *Odes de Mitilene*, ilustra o canto do galo como "um sonoro galo na corda da infância".

O Galo é reproduzido na arte cerâmica em três países latinos: Portugal, Itália e França. Em Portugal e Itália estas artes estão ligadas a lendas populares e em França resulta do facto do galo ser o seu símbolo nacional por excelência.

O cruzeiro do século XVI situado em Barcelos, e que integra o espólio do Museu Arqueológico da cidade, está associado à lenda do Galo de Barcelos, símbolo desta cidade. Conta tal lenda que fora cometido um crime na cidade, não se tendo contudo encontrado o culpado, o que preocupava e inquietava os habitantes barcelenses.

Um dia apareceu um galego, sobre o qual recaíram as suspeitas, sem qualquer razão plausível. As autoridades prenderam-no sem provas e o homem clamava a sua inocência, dizendo que se dirigia a Santiago de Compostela em cumprimento de uma promessa, pois era um devoto do santo, assim como de São Paulo e de Nossa Senhora. O certo é que o cidadão da Galiza, mesmo sem provas, foi condenado à morte por enforcamento. Quando estava a ser levado para o local da pena capital pediu, em nome da justiça, para ser presente ao juiz que o condenara. A autorização foi-lhe concedida e levaram-no à residência do magistrado, que se encontrava em pleno banquete com alguns amigos. Na presença do juiz voltou a clamar a sua inocência e, perante a incredulidade do juiz e dos amigos, apontou para um galo assado que se encontrava na mesa e exclamou: "É tão certo estar inocente, como é certo esse galo cantar quando me enforcarem".

Tal declaração provocou o riso dos presentes, mas a verdade é que ninguém tocou no galo que ficou inteiro no prato. E o que parecia impossível aconteceu. No momento em que o peregrino galego estava prestes a ser pendurado pelo pescoço, o galo levantou-se do prato e cantou. O juiz correu ao local do enforcamento mas, para sua decepção, vê o peregrino de corda ao pescoço, já pendurado. Porém, o nó estava lasso e, por sorte ou por providência divina, a corda não chegou a estrangulá-lo. Foi libertado de imediato e mandado em paz.

Alguns anos mais tarde o peregrino volta a Barcelos e manda erigir um monumento (o tal cruzeiro) em homenagem à Virgem e a São Tiago.

Sem dúvida que, e embora seja uma história esquecida de muitos portugueses, o Galo de Barcelos é um símbolo nacional por se tratar de uma história de grande moralidade e que pugna pelos princípios da ética e da justiça no julgamento dos outros.

O Ano de 2017 será o Ano Yin do Galo Vermelho, de elemento Fogo, a partir de 28 de Janeiro de 2107. E como escreveu Issa (1763-1827) neste *haiku*:

neste Dia de Ano Novo,
acordado pelo Galo,
o Sol nasce resplandecentemente
sobre as montanhas orientais

ESTAMOS MAIS PERTO DE SI!

Macau 澳門

A PARTIR DE AGORA A REVISTA MACAU PODE SER LIDA ATRAVÉS DE UM SIMPLES CLIQUE

Disponível na Apple Store e no Google Play,
a nova aplicação da MACAU em língua portuguesa
para telefones inteligentes e tabletes disponibiliza,
em formato PDF, todas as revistas da série IV.
Pode mesmo descarregar a edição pretendida
e lê-la, mais tarde, em modo offline.

VIDA ATRIBULADA COM O GALO

Durante 2016 houve charme, ambição e reconhecimento. Porém, o ano do Macaco de Fogo está a chegar ao fim. Agora um novo ciclo aproxima-se, e desde 28 de Janeiro o Galo de Fogo entrou em cena

ANO DO GALO

O NOVO Ano Chinês, que se iniciou a 28 de Janeiro deste ano, não traz boas notícias para os nativos dos signos do Rato, Coelho, Galo e Cão. Isso porque estes quatro signos violam o chamado "Tai Sui" (犯太歲), ou seja, o Mestre do Ano, o que significa maiores obstáculos nas áreas da saúde, do trabalho e dos estudos. As dificuldades devem fazer-se sentir ao longo de todo o ano. O Coelho é aquele que terá de enfrentar os maiores desafios, seguindo-se, em menor grau, o Galo, o Rato e, por último, o Cão.

O mapa astrológico consultado por Mickey Hung mostra que as pessoas nascidas sob o ano do Coelho não estão acompanhadas pela "estrela da pessoa nobre" (貴人星), que é a pessoa que tem por função ajudar-nos e proteger-nos. As pessoas nascidas nos anos do Macaco ou da Cabra também não, portanto, 2017 não se augura bom para estes signos.

Mickey Hung sugere, por isso, que as pessoas do signo Coelho, Galo, Rato e Cão usem uma pulseira de cristal preto ou com cores escuras, sempre no pulso direito. Isso fará com que as coisas boas entrem pelo lado esquerdo, e as coisas más saiam pelo lado direito.

Apenas metade dos 12 signos do zodíaco chinês deverá ter um bom ano do Galo de Fogo. No caso de duas pessoas estarem juntas, apenas uma terá sorte, tratando-se de uma situação especial registada ao longo dos anos.

O Dragão e o Cavalo são os mais bem posicionados, pois, segundo Mickey Hung, estão em maior harmonia do que as pessoas dos restantes signos. Perspectiva-se que terão menos situações incómodas.

Os nativos de Rato devem fazer mais amigos junto dos nativos de Dragão, sendo que este pode ajudar os nati-

Apenas metade dos 12 signos do zodíaco chinês deverá ter um bom ano do Galo de Fogo. O Dragão e o Cavalo são os mais bem posicionados

vos de Galo. Já o Búfalo combinará bem com os nativos de Galo, pois tem mais energia positiva e ajudará o Galo, numa base de dependência deste último em relação ao Búfalo.

Na lista de signos que combinam bem em 2017 inclui-se ainda o Tigre com o Porco, já que este poderá trazer movimento ao Tigre. O Coelho dar-se-á bem com o Cavalo ou Cão, uma vez que o Cavalo ajudará muito o Coelho. A Serpente tem uma boa união com o Macaco, pois são dois signos estáveis. O Cão poderá ajudar a Cabra.

Em linhas gerais, o optimismo do Ano do Macaco sobrepõe o Ano do Galo, mas o Galo tende a ser muito confidente e é determinado nos seus planos. Quando o Galo colorido trouxer dias brilhantes e felizes, dissipará também a energia. Os seus trajectos são práticos e bem provados. Este ano pode requerer muito esforço. Os riscos especulativos deverão ser evitados. Os desapontamentos e os conflitos estarão na ordem do dia. O Galo gosta de impor a sua autoridade e muitos dos problemas podem vir da sua atitude dominadora. Mas desde que simbolize também o bom administrador e o consciencioso justiceiro, a paz será mantida. Tudo será balançado precariamente no Ano do Galo. ■

RATO

Nascidos em 1924, 1936, 1948, 1960, 1972, 1984, 1996, 2008
(entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Para as nativas do sexo feminino irá acontecer uma situação semelhante à dos nativos de Cão: caso a mulher se cruze com outra mulher de igual idade ou mais velha, poderá ser bem-sucedida em termos profissionais, já que terá a ajuda de uma "estrela de lua", ou "Tai Yin". Na saúde os nativos de Rato estarão numa situação estável, mas devem praticar mais desporto.
Os almanaques chineses falam de um ano mais positivo do que negativo, aconselhando a que os nativos de Rato abrandem o ritmo e se dediquem mais aos estudos e às viagens. Devem-se procurar coisas novas, mas nada demasiado concreto, como negócios. O ano de 2017 não será de todo produtivo. Para além do bom augúrio da "Tai Yin", espera-se que a estrela da felicidade celestial, ou "Tian Xi", também beneficie o bom entendimento entre as pessoas, sobretudo a nível amoroso. Devem evitar-se investimentos arriscados.
No amor, os solteiros de Rato terão a oportunidade de se apaixonar e namorar, mas como estão sob a estrela "Tai Sui", Mickey Hung prevê que possam acontecer desencontros: o parceiro pode não ser a pessoa certa, apesar da vontade de ter uma relação. Após o Ano do Galo aguardam-se melhores momentos tanto para o Rato como para o Cão. No caso dos nativos destes signos serem casados, poderá surgir uma terceira pessoa, a qual também não trará nada de positivo e poderá afectar a vida do casal durante algum tempo, causando sobretudo discussões.

Quando o Rato encontra o Galo, pode haver estagnação (como a água que escorre para um lago e aí fica…).

A melhor qualidade do ano: o requinte
O pior defeito: a procrastinação.
O melhor aliado: o Dragão

AMOR ★★★★
TRABALHO ★★☆☆
DINHEIRO ★★☆☆
SAÚDE ★★★☆

BÚFALO

Nascidos em 1925, 1937, 1949, 1961, 1973, 1985, 1997, 2009
(entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Em termos de carreira, os nativos de Búfalo podem ser promovidos ou terão a oportunidade de tomar uma decisão que os fará mudar de vida, como aceitar um trabalho mais adequado. Para aqueles que ainda estão a estudar, ou que estejam em fase de exames, o ano será bom. Mickey Hung defende que os nativos de Búfalo devem gerir a sua própria vida e não se intrometerem na vida dos outros. Caso contrário poderão surgir conflitos ou ficarem magoados. Na saúde, esperam-se doenças leves, como gripes, alertando-se para a necessidade de maiores cuidados durante o período de inverno.
Os almanaques consideram que o ano de 2017 poderá correr relativamente bem aos nativos de Búfalo, pois em termos simbólicos tanto o Búfalo como o Galo são animais de campo, convivendo de forma pacífica pois sabem partilhar o mesmo território.
Não se auguram grandes obstáculos, sendo que os nativos de Búfalo poderão lidar de forma pacífica com alguns desafios que possam surgir.
Ainda assim, para que o ano corra de forma pacífica é importante que os Búfalos passem à acção e tentem alguma coisa. É que a energia universal, qi, circula do Búfalo (elemento terra) para o Galo (elemento metal), já que no ciclo dos cinco elementos chineses "a terra gera o metal", o que significa acção, algum protagonismo, exibição dos talentos pessoais, enfim, visibilidade – esse comportamento trará mais tarde as suas recompensas.

Quando o Búfalo encontra o Galo, é a altura de colher riquezas e troféus e guardá-los.

A melhor qualidade do ano: a capacidade de ousar e expor-se
O pior defeito: a crença de que tudo tem de ser obtido através do esforço (fechando assim a porta à "boa sorte")
O melhor aliado: a Serpente

AMOR ★★★☆
TRABALHO ★★★★
DINHEIRO ★★★☆
SAÚDE ★★★★

TIGRE

Nascidos em 1926, 1938, 1950, 1962, 1974, 1986, 1998, 2010
(entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Mickey Hung prevê que o próximo ano não será nem bom nem mau para os nativos de Tigre. Poderá haver uma promoção no trabalho, porque haverá alguém a proteger o Tigre. Se em 2016 foi um ano sob o "Tai Sui", o próximo será melhor. No amor não haverá uma estrela especial a apoiar o casamento, mas haverá a estrela da Lua, "Hong Luan", o que quer dizer que as nativas Tigre vão ter um amor melhor do que os Tigres do sexo masculino, com menos discussões. O almanaque *Fortune Calendar* explica que, no campo sentimental, haverá atracção, ainda que os homens tenham de trabalhar um pouco mais nas artes de sedução. Já o almanaque de Peter So considera que a "estrela" simbólica Yue De é suficientemente poderosa para proporcionar aos Tigres um ano romântico. Mas alguns almanaques, como o de Mak Ling Ling, vaticinam que muitos Tigres andarão demasiado ocupados com os seus novos projectos e os seus recomeços que dedicarão uma atenção relativamente secundária à vida sentimental. Na saúde não se prevêem grandes problemas, mas os Tigres poderão eventualmente ser afectados pelo que se passa à sua volta. Mickey Hung prevê que os nativos de Tigre possam ajudar os amigos e colegas que estejam em baixo ou doentes, como forma de "acumular bondade".
O almanaque *Fortune Calendar* diz ainda que o Tigre pode alcançar os seus objectivos em termos de carreira, fama e dinheiro mas o Galo (signo do ano) será uma presa difícil. Em termos profissionais, os Tigres devem aguardar que a oportunidade lhes bata à porta.

Quando o Tigre encontra o Galo, é a altura de estabelecer um objectivo claro e agir no momento certo.

A melhor qualidade do ano: saber aceitar os desafios, mas com diplomacia
O pior defeito: a rebeldia
O melhor aliado: o Porco

AMOR ★★★☆
TRABALHO ★★★★
DINHEIRO ★★★☆
SAÚDE ★★★☆

COELHO

Nascidos em 1927, 1939, 1951, 1963, 1975, 1987, 1999, 2011
(entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Os nativos do signo Coelho vão ter uma maior tendência a mazelas, tendo especial atenção à condução de veículos. As previsões indicam mais predisposição para doenças ou incidentes como feridas com facas. Cuidado com as relações amorosas. Como exemplo, Mickey Hung fala de um casal de namorados em que o rapaz se queixa que não têm dinheiro suficiente para o casamento, trará decepção à namorada, dada a longa relação que já possuem. Casos do género poderão originar separações, conflitos ou apenas discussões.
Segundo os almanaques chineses, os signos do Coelho e do Galo estão em choque por, no zodíaco, serem opostos. O metal do Galo tende a dominar (a "cortar") a madeira, elemento dominante do Coelho. Isso será sinónimo de instabilidade e mudanças, e o que já está estabelecido poderá sofrer mudanças. Por isso, os almanaques aconselham aos nativos de Coelho que adoptem uma postura mais conservadora nas suas vidas, e que saibam reagir com sabedoria perante eventuais crises. Não devem ser feitas grandes mudanças, e apesar do ano não ser totalmente negativo, será importante para clarificar uma série de coisas.
Os almanaques dizem que o ano será mau para os nativos de Coelho, mas aqueles que tenham vindo a sofrer de menos sorte poderão ver, finalmente, mudanças positivas. Estes poderão ficar emocionais, aconselhando-se a prática de desporto e a permanência em locais mais positivos.

Quando o Coelho encontra o Galo, é desafiado e obrigado a mudar…

A melhor qualidade do ano: a precaução
O pior defeito: a combatividade
O melhor aliado: o Cavalo

AMOR ★☆☆☆
TRABALHO ★★☆☆
DINHEIRO ★★☆☆
SAÚDE ★☆☆☆

DRAGÃO

Nascidos em 1928, 1940, 1952, 1964, 1976, 1988, 2000, 2012
(entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

É o signo com melhores perspectivas no Ano do Galo. Tem a melhor estrela da sorte e esta irá brilhar todo o ano. Os nativos de Dragão não terão problemas de saúde, no amor, e até terão oportunidade de casar e namorar, bem como estudar ou trabalhar no estrangeiro. Coisas importantes devem ser feitas no Ano do Galo, porque as lendas chinesas dizem que o Galo e o Dragão têm uma grande ligação. O Galo pode tornar-se a Fénix e o Dragão será o seu par.
O Dragão e o Galo formam, portanto, um par no zodíaco chinês. É como se fossem feitos um para o outro. O Dragão estará muito mais confiante em 2017 e tudo fluirá conforme o planeado. Mas tenha cuidado e desconfie de negócios que prometem facilidades financeiras.
O elemento dominante do Dragão é a terra, ao passo que o elemento do Galo é o metal. Ora, nos ciclos naturais a terra "gera" o metal, indicando que esse será o sentido da circulação de *qi*, a energia universal. Significa que os nativos do Dragão devem passar à acção e assumir algum protagonismo.
Como o Dragão é o "signo dos impossíveis", das grandes utopias, é o signo que gosta de voar. Por isso, no Ano do Galo os nativos de Dragão irão ter a chance de ir mais longe.

Quando o Dragão encontra o Galo, deve estar atento para não perder a oportunidade que vai surgir.

A melhor qualidade do ano: a fé
O pior defeito: o pessimismo, que não deixa ver o que de bom está a acontecer
O melhor aliado: o Galo

AMOR ★★★☆
TRABALHO ★★★★
DINHEIRO ★★★☆
SAÚDE ★★★☆

SERPENTE

Nascidos em 1929, 1941, 1953, 1965, 1977, 1989, 2001, 2013
(entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

A Serpente e o Galo pertencem (juntamente com o Búfalo) a uma mesma família de signos. Portanto, a Serpente sente-se "em casa", "no seu elemento", pelo que lhe será mais fácil controlar os acontecimentos e conseguir apoio para os seus projectos e intenções no Ano do Galo.
No trabalho não irão verificar-se grandes progressos, sendo fácil que existam conflitos ou desentendimentos com os que estão à volta dos nativos deste signo. Mickey Hung considera que esses conflitos devem ser evitados e que não há qualquer necessidade de mudar de emprego neste ano.
Na saúde poderá ser mais propensa a ocorrência de incidentes que levarão a pequenas cirurgias. Entre os dias 4 de Fevereiro e 3 de Março do calendário ocidental, prevê-se uma ida inadiável ao dentista ou eventualmente uma cirurgia plástica.
No campo amoroso não haverá grandes problemas: será um ano calmo, sem nada de especial, tanto para namorados como para casados. Não haverá separações, nem grandes alterações nas relações já estabelecidas.
Os nativos da Serpente terão a capacidade para utilizarem as suas redes de conhecimentos, amigos, familiares e colegas para conseguirem alcançar os seus objectivos. Juntos conseguirão melhores resultados do que sozinhos. Devem apostar em melhorar o relacionamento com os outros, estabelecendo pontes e sendo tolerantes.

Quando a Serpente encontra o Galo, consegue o sucesso, a fama e o dinheiro.

A melhor qualidade do ano: a disciplina
O pior defeito: o autoritarismo
O melhor aliado: o Búfalo

AMOR ★★★☆
TRABALHO ★★★☆
DINHEIRO ★★★★
SAÚDE ★★★☆

CAVALO

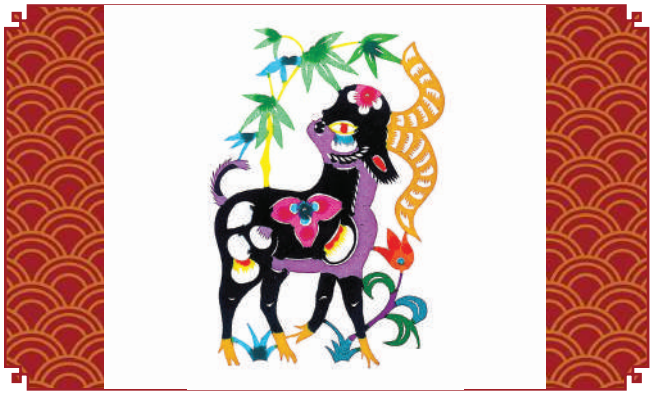
Nascidos em 1930, 1942, 1954, 1966, 1978, 1990, 2002, 2014
(entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Mickey Hung prevê que os nativos deste signo tenham sorte e energia positiva. Os namorados que estão juntos há muitos anos poderão finalmente casar. Quanto aos que já estão casados, será mais fácil trair o parceiro, tanto em pensamento como em acções. Os almanaques consideram o ano de 2017 como sendo abençoado na área do amor, devendo-se esse facto ao aparecimento da estrela "Hong Luan". Outras estrelas deverão aparecer na vida dos nativos de Cavalo, o que poderá proporcionar protecção e sorte.
O início do ano será lento, os projetos e desejos dos nativos de Cavalo irão avançar pouco a pouco. Será preciso exercitar a sua paciência, pois agir sem pensar e de maneira impulsiva poderá levar a decisões precipitadas que levarão ao arrependimento.
Recomenda-se ainda que se evite falar mal dos outros, relatar as falhas dos colegas não irá favorecer em nada os nativos de Cavalo.
Espera-se, de resto, que dominem situações e acontecimentos com facilidade, sobretudo ao nível da parte financeira. Na saúde, não se anteveem problemas de maior.

Quando o Cavalo encontra o Galo, consegue alcançar os seus objectivos e vive apaixonado.

A melhor qualidade do ano: o romantismo
O pior defeito: o "excesso de energia"
O melhor aliado: a Cabra

AMOR ★★★★
TRABALHO ★★★☆
DINHEIRO ★★★★
SAÚDE ★★☆☆



CABRA

Nascidos em 1931, 1943, 1955, 1967, 1979, 1991, 2003, 2015
(entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Não tem a estrela de "pessoa nobre" (a que aparece para ajudar) e no amor os nativos deste signo poderão sentir-se sozinhos, mesmo que estejam casados ou em relações amorosas. No caso das mulheres, poderão ficar mais tristes e sensíveis dada a maior ausência dos seus parceiros.
A saúde não será muito afectada, mas poderá existir uma energia mais negativa no ar. Caso haja falecimento de amigos ou colegas, os nativos de Cabra devem evitar estar presentes em locais com uma carga mais negativa, como é o caso dos funerais.
Os almanaques falam de um ano neutro para os nativos da Cabra, em que estes devem tentar mostrar as suas qualidades. Também estes devem adoptar uma postura mais conservadora, evitando riscos, sobretudo ao nível dos investimentos. A situação financeira tende a melhorar, haverá maior estabilidade material. Ainda assim o lema deve ser trabalho com dedicação e fé para mais tarde colher os frutos.
Outra recomendação é saber reconhecer as qualidades das pessoas ao seu redor, especialmente aquelas que são muito diferentes em termos de opiniões e personalidade.

Quando a Cabra encontra o Galo, estará entregue a si própria.

A melhor qualidade do ano: a paciência (semear para colher mais tarde)
O pior defeito: a precipitação (querer obter resultados antes do tempo)
O melhor aliado: o Cão

AMOR ★★☆☆
TRABALHO ★★★☆
DINHEIRO ★★☆☆
SAÚDE ★★☆☆

MACACO

Nascidos em 1932, 1944, 1956, 1968, 1980, 1992, 2004, 2016
(entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Se 2016 foi o ano em que os nativos deste signo sofreram as consequências do "Tai Sui", 2017 será o ano em que ainda se sentirão alguns sinais. O ano será mau, com maior propensão para doenças, sobretudo para quem tiver mais de 48 anos. Deverão manifestar-se doenças difíceis de serem curadas, como a diabetes ou dores nos ossos, pelo que se recomenda visitas regulares ao médico. Mickey Hung sugere uma ida ao médico entre o período de 4 de Fevereiro e 3 de Março do calendário ocidental, para que os macacos possam fazer exames à sua condição física e aos dentes.
Ao nível amoroso, não deverão surgir novas relações. Como a sorte não será abundante em 2017, os nativos do signo de Macaco devem estudar mais, aumentar os seus conhecimentos, pois esses poderão alterar o seu destino.
Em termos de carreira, não se perspectivam mudanças de emprego, não existindo muita possibilidade de mudança, mesmo que sejam feitas várias candidaturas. Para quem obtenha um novo trabalho em 2017 não conseguirá estabilidade na empresa. O novo emprego poderá ser ainda pior do que o antigo. Os almanaques falam da necessidade de uma maior atenção para com as pessoas que estão à volta dos nativos de macaco.

Quando o Macaco encontra o Galo, terá de olhar à sua volta e escolher os verdadeiros aliados.

A melhor qualidade do ano: a diplomacia
O pior defeito: a indecisão
O melhor aliado: a Serpente

AMOR ★★★☆
TRABALHO ★★★☆
DINHEIRO ★★☆☆
SAÚDE ★★☆☆

GALO

Nascidos em 1933, 1945, 1957, 1969, 1981, 1993, 2005, 2017
(entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

O chamado "Tai Sui" (Mestre do Ano) faz um ciclo de 12 em 12 anos, e por isso todos os signos sofrem as devidas consequências nesse período de tempo. Em 2017, o "Tai Sui" regressa para trazer alguns dissabores às pessoas do signo do Galo. As pessoas nascidas sob este signo não vão sentir-se bem, não vão conseguir ser promovidas no emprego ou não vão obter bons resultados no trabalho, apesar dos inúmeros esforços. Possibilidade do sentimento de frustração e de comparação com os colegas de trabalho. Pessoas do signo Galo vão ainda enfrentar obstáculos e elementos incertos. Esses sentimentos irão fazer-se sentir ao longo do ano, e não apenas na profissão, mas também nas relações amorosas.
Os almanaques sugerem a adopção de uma atitude discreta, com a aposta numa atitude mais diplomática e evitando conflitos mais directos. O ideal para os nativos de Galo é não ter grandes expectativas e trabalhar para colher os frutos mais tarde. Os almanaques chineses deixam ainda o alerta: um encontro de dois nativos de Galo poderá gerar turbulência. Os Galos poderão ficar mais emocionais, aconselhando-se a prática de desporto e evitar situações dramáticas ou com carga negativa.

Quando um Galo encontra outro Galo, haverá turbulência.

A melhor qualidade do ano: a astúcia
O pior defeito: a agressividade
O melhor aliado: o Búfalo

AMOR ★★☆☆
TRABALHO ★★★☆
DINHEIRO ★★☆☆
SAÚDE ★★☆☆

CÃO

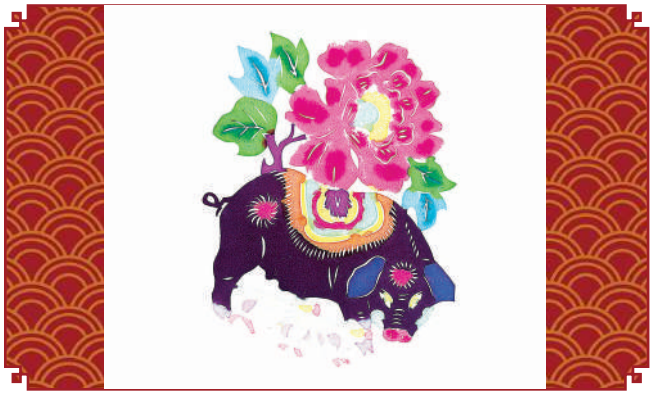
Nascidos em 1934, 1946, 1958, 1970, 1982, 1994, 2006
(entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

Os homens nativos deste signo terão uma "estrela da sorte do sol", e poderão encontrar alguém do mesmo sexo que será uma "pessoa útil" na sua vida. A título de exemplo, o astrólogo refere que, caso um homem se cruze com um chefe mais velho do que ele, a profissão irá correr muito bem ao longo do próximo ano.
Na saúde, as pessoas do signo do Cão terão alguns problemas. Dê especial atenção ao sistema digestivo, sobretudo para aqueles que fumam e bebem com regularidade. Poderão surgir doenças mais complicadas.
Os almanaques falam da possibilidade de ligeiras tensões no relacionamento com os nativos de Galo, como intrigas ou mal-entendidos, mas nada verdadeiramente sério.
Será um ano neutro, que dependerá dos próprios nativos de Cão. Este deverá fazer o que tem de ser feito, ser competente, aceitar os desafios, mas sem grande ambição. Também o Cão, à semelhança de outros signos com perspectivas mais negativas, deve ser mais conservador.
No amor, as mulheres do signo Cão terão mais sorte, pois poderão também ficar mais atraentes. Mérito e algum esforço poderão evitar que seja um ano totalmente mau. Tal como os nativos de Rato, também os nativos de Cão poderão apaixonar-se e começar um novo relacionamento, no caso de estarem solteiros, mas a relação poderá não ser a esperada. Quanto aos casados, poderão ter uma terceira pessoa nas suas vidas, que trará alguns problemas. Há uma perspectiva de melhoria em 2018.

**Quando o Cão encontra o Galo,
terá oportunidade de mostrar o seu valor.**

A melhor qualidade do ano: a competência
O pior defeito: o gosto pelo risco
O melhor aliado: o Cavalo

AMOR ★★★☆
TRABALHO ★★★☆
DINHEIRO ★★☆☆
SAÚDE ★★☆☆



PORCO

Nascidos em 1935, 1947, 1959, 1971, 1983, 1995, 2007
(entre 4 de Fevereiro desse ano e 3 de Fevereiro do ano seguinte)

É um signo que gosta de estabilidade, mas 2017 será um ano de preocupações, segundo Mickey Hung. Isto porque há uma estrela que representa movimento. Significa isso que os nativos de Porco podem desejar muito mudar de emprego ou viajar para o estrangeiro, mas devem ter cuidados ao saírem de casa, pois há propensão para a ocorrência de acidentes. Mickey Hung aconselha mesmo a que não se viaje para sítios com alguma agitação, sendo melhor viajar inserido numa excursão e num grupo de amigos.
Pelo contrário, o almanaque fala da presença da Estrela da Mobilidade, Yi Ma, de um ponto de vista positivo: as viagens e mudanças de casa ou de escritório ao longo do ano. Tudo o que tiver a ver com o estrangeiro e lugares distantes será tendencialmente bom. Há ainda outras "estrelas" positivas no destino dos que nasceram sob o Porco.
Segundo os almanaques, 2017 será um ano bom para aproveitar a vida e tirar proveito de tudo o que de bom possa acontecer. Será um ano pouco produtivo, mas coisas boas poderão acontecer. Na área profissional poderá haver uma mudança de emprego.
No amor será um ano em que os nativos de Porco se sentem sozinhos, sobretudo os homens, que deverão sentir que as mulheres não querem estar com eles, o que gera discussões. Em termos de saúde haverá uma tendência para aumento de peso, devendo por isso apostar numa dieta e na prática regular de exercício físico.

**Quando o Porco encontra o Galo,
são colhidos os frutos de acções passadas.**

A melhor qualidade do ano: a capacidade de apreciar a vida
O pior defeito: a preguiça
O melhor aliado: o Rato

AMOR ★★★☆
TRABALHO ★★★☆
DINHEIRO ★★☆☆
SAÚDE ★★☆☆

FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DE MACAU

Filmes de Macau e Portugal premiados na estreia

O filme *São Jorge* do português Marco Martins venceu as categorias de melhor realizador e melhor actor no Festival Internacional de Cinema e Cerimónia de Entrega de Prémios – Macau. A produção local entrou também para a história desta primeira edição do festival com a obra da cineasta de Macau Tracy Choi a vencer o prémio do público. O evento "teve uma boa reacção da indústria internacional", realçou a organização do evento

O FILME português *São Jorge*, que teve estreia asiática em Macau, arrebatou duas das principais categorias do Festival Internacional de Cinema e Cerimónia de Entrega de Prémios – Macau (IFFAM, na sigla inglesa). O protagonista Nuno Lopes e o realizador Marco Martins foram premiados com as estatuetas para melhor actor e melhor realizador.

Nuno Lopes, na altura em Lisboa, agradeceu o galardão através de um vídeo. "É uma honra para mim", disse o actor, que já tinha vencido o Prémio Especial de Melhor Actor na secção "Orizzonti" do Festival Internacional de Cinema de Veneza com este mesmo filme. "Quero dedicar este prémio ao meu melhor amigo e o melhor realizador que alguém pode ter, Marco Martins", realçou o actor português de 38 anos.

Já Marco Martins referiu a dificuldade de fazer o filme, relembrando que levou cinco anos a concluí-lo. "Foi um

filme difícil de fazer num período da nossa história recente em que a cultura parece não ter qualquer importância no nosso país", vincou, deixando ainda um agradecimento aos residentes do bairro da Jamaica, no Seixal, e do bairro da Bela Vista, em Setúbal, que foram retratados na película.

São Jorge conta a história de um homem desempregado que começa a trabalhar em cobranças de dívidas de forma a sustentar a família. Sobre a obra, o realizador e produtor indiano Shekhar Kapur, que presidiu ao painel de júris, disse: "Quando comecei a ver o filme, olhei e pensei: ele [Nuno Lopes] não está a fazer nada. Porque é que ele não está a fazer nada? O que é que se está a passar? E depois, de forma muito gradual, ele agarrou-me e eu vi as pequenas nuances, e nessas pequenas nuances ele deu-me uma abertura para a sua mente, ele abriu o seu coração e a sua alma".

Kapur destacou ainda a "interpretação muito difícil" do jovem actor. "É muito difícil para um actor ficar apenas quieto e nessa quietude mostrar o interior da sua mente e da sua alma e das suas emoções, e, através das suas emoções e da sua alma, expor o mundo."

Sisterhood de Macau conquista público

Uma das grandes revelações do festival foi Jennifer Yu, que arrecadou o galardão de melhor jovem actriz. Yu deu vida a uma das personagens de *Sisterhood*, primeira longa-metragem da cineasta local Tracy Choi, que conquistou o prémio do público. *Sisterhood* é uma co-produção de Macau e Hong Kong e conta a história de amor entre duas massagistas e amigas. "Estou muito, muito feliz, este prémio é um grande incentivo", reagiu Tracy Choi na entrega da estatueta.

O filme argentino *The Winter* de Emiliano Torres foi consagrado a melhor obra em competição; Lyndsey Marsal foi distinguida como melhor actriz pelo papel desempenhado no filme de Adam Smith *Trespass Against Us*, e *Free Fire* do Reino Unido apresentou o melhor argumento. A representar o Brasil esteve *Elon não acredita na morte*, do realizador brasileiro Ricardo Alves Júnior, que ganhou o prémio de melhor contribuição técnica. Já o "Premio do júri" foi para *Trespass Against Us*.

Além dos premiados, destaque ainda para *Polina, danser sa vie*, filme francês realizado por Valérie Müller e Angelin Preljocaj, com Juliette Binoche no elenco, que teve estreia asiática em Macau e abriu este festival.

O programa do IFFAM contemplou iniciativas paralelas como a *Crouching Tigers Project Lab*, com encontros e workshops destinados a profissionais da sétima arte em busca de oportunidades de co-produção e co-financiamento para projectos cinematográficos.

João Pedro Rodrigues e João Guerra da Mata ganharam um financiamento de dez mil dólares para o projecto da longa-metragem *San Ma Lo 270*.

"Confiança para as edições futuras"

A directora do IFFAM, Maria Helena de Senna Fernandes, considerou que a primeira edição do festival não foi a "ideal", mas tratou-se de uma "tentativa positiva".

"Acho que ainda há coisas que podemos fazer melhor, mas sendo uma primeira edição, tivemos uma boa reacção da indústria internacional, o que nos dá confiança para edições futuras", apontou.

A responsável realçou a qualidade "muito alta" dos filmes e uma selecção para "diferentes gostos", lamentando, porém, a fraca adesão do público. "Temos de melhorar para atrair mais gente para ir ao cinema. A dispersão das salas de cinema é um facto [que temos] realmente de ultrapassar".

Maria Helena de Senna Fernandes não desvendou detalhes para o futuro do evento, que também ficou marcado pela demissão do director artístico Marco Müller três semanas antes do festival começar: "Para o ano temos de pensar em quem é que vai ser o director artístico e saber como vamos organizar", notou a responsável.

O Festival Internacional de Cinema de Macau foi organizado pela Direcção dos Serviços de Turismo de Macau e pela Associação de Cultura e Produções de Filmes e Televisão de Macau, contando com um orçamento de 55 milhões de patacas. ■

Prémios do FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DE MACAU

\\ MELHOR FILME

The Winter de Emiliano Torres (Argentina)

\\ MELHOR ACTOR

Nuno Lopes, *São Jorge* (Portugal)

\\ MELHOR ACTRIZ

Lyndsey Marshal, *Trespass Against Us* (Reino Unido)

\\ MELHOR JOVEM ACTRIZ

Jennifer Yu, *Sisterhood* (Macau)

\\ MELHOR REALIZADOR

Marco Martins, *São Jorge* (Portugal)

\\ MELHOR ARGUMENTO

Free Fire de Ben Wheatley (Reino Unido)

\\ MELHOR CONTRIBUIÇÃO TÉCNICA

***Elon* não acredita na morte** de Ricardo Alves Júnior (Brasil)

\\ PRÉMIO DO PÚBLICO

Sisterhood de Tracy Choi (Macau)

\\ PRÉMIO DO JÚRI

Trespass Against Us de Adam Smith (Reino Unido)

「澳廣視App」服務全球用戶，透過澳廣視電視及電台，提供澳門的即時新聞、資訊及精選節目。

A aplicação "TDM App" disponibiliza globalmente o acesso às últimas emissões de notícias e informações, bem como programas dos canais da TDM TV e Rádio.

澳門廣播電視股份有限公司
TDM - TELEDIFUSÃO DE MACAU, S. A.

www.tdm.com.mo | enquiry@tdm.com.mo

F Locanda Films

O meu nome é Liu Jie Mei, tenho 71 anos e há 50 anos foi-me dada a responsabilidade de continuar com este negócio da família, a Farmácia Chinesa Hang Vo Tong, na Rua dos Mercadores. Esta loja existe aqui desde 1915 e temos o alvará de funcionamento número um. Se eu não tivesse cá ficado, isto já não existia.

Os negócios de família são mesmo assim, são os filhos, os netos que têm de assumir a responsabilidade e levar isto adiante. Só sei que carrego esta escolha há mais de cinco décadas.

Havia muitos negócios na área da medicina tradicional chinesa, mas hoje em dia já não há tanto interesse nisto como antes. A vida é mais exigente e há de se ter muita paciência para produzir este tipo de medicamento. Há alguns que levam dias, semanas a ficarem prontos. Leva-se muito tempo a fermentar as ervas de forma tradicional, sem a ajuda de máquinas. Depois ainda temos de moer tudo, porque é mais fácil de consumir em pó. Ano após ano, há cada vez menos clientes. É uma arte em risco de extinção.

Temos clientes que são amigos de longa data. Conheço-os desde sempre. Estes sim, continuam a vir, confiam nos nossos medicamentos. Alguns já nem vivem em Macau, mas quando cá voltam fazem-nos uma visita. Há gente que até nos liga da Malásia a pedir conselhos do que tomar e a pedir um diagnóstico à distância. Tenho uma cliente cuja filha, que vive no estrangeiro, estava a ter problemas para engravidar. A mãe então veio e levou o medicamento e não tardou para a rapariga engravidar. Ela enviou-nos vários presentes... doces de gengibre e outras coisas. A senhora ficou radiante por poder andar a passear o neto. Temos muitos clientes assim, que confiam em nós e depois tornam-se nossos amigos.

Hoje em dia quando uma pessoa fica doente, quer logo recuperar. Quem é que tem tempo de ficar em casa à espera de ferver as ervas? Algumas precisam de ser fervidas por pelo menos uma hora. É mais fácil ir a um médico da medicina ocidental e trazer logo um comprimido. Quando se tem dinheiro, a vida é mais fácil. Os mais novos preferem a medicina ocidental e isso põe em risco a continuidade do nosso negócio. Os métodos de confecção dos medicamentos chineses são complexos e demorados. Os resultados também não são assim tão imediatos como com os medicamentos ocidentais.

Já tenho mais de 70 anos e não tenho muito mais anos de vida pela frente. Mesmo que eu queira muito, sei que no futuro terei limitações nas minhas capacidades e terei de deixar de trabalhar. Os meus filhos não têm interesse em manter o negócio. Têm bons empregos no estrangeiro e não tencionam regressar para ficar com a farmácia. O meu marido faz parte da quarta geração e os meus netos são a sexta... Isso quer dizer que este negócio existe já há mais de um século e não vai continuar.

*Este retrato é um dos episódios da série documental ***Os Resistentes: Retratos de Macau***, da autoria do realizador António Caetano Faria.

LIU JIE MEI FARMACÊUTICA DE MEDICINA TRADICIONAL CHINESA

SENHOR BOM JESUS DOS PASSOS

T FERNANDO SALES LOPES

NOS DIAS 4 e 5 de Março realiza-se em Macau mais uma vez a procissão do Senhor Bom Jesus dos Passos, a grande manifestação de fé da comunidade macaense, residente e da diáspora

*Historiador, Mestre em Relações Interculturais

Macau é terra de liberdade religiosa, de respeito mútuo, onde as gentes vivem e convivem na diferença. O cristianismo está aqui bem presente lado a lado com as festividades da religião popular chinesa, que abarca práticas e crenças do Budismo, Confucionismo e Taoismo. O catolicismo, seguido por mais de 30 mil crentes, maioritariamente chineses, é mesmo um dos factores identitários da comunidade macaense. A Diocese de Macau, criada em 1576, foi a primeira do Extremo Oriente. Património de Macau, alargado à própria comunidade não cristã, é a Procissão de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos.

A Procissão

Durante os oito dias que antecedem a festa religiosa, os fiéis preparam-se através das missas e novenas matinais em chinês, ou nas similares vespertinas em língua portuguesa. O dia de sábado – véspera do primeiro Domingo de Quaresma – inicia-se com uma missa em língua chinesa, seguida de uma outra de oferecimento em chinês e português. Pela tarde tem lugar a via-sacra em chinês, uma missa antecipada nas duas línguas, seguida da via-sacra em português. Antes que a chamada "Procissão da Cruz" se inicie, tem ainda lugar em Santo Agostinho a leitura do Sermão do Horto em língua chinesa. Parte então, ao som da Banda da Polícia de Segurança Pública de Macau, ao fim da tarde, para a Catedral onde passará a noite, em procissão, a imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos coberta por uma cortina de renda bordada a fios de ouro. Já na Sé há a leitura do Sermão do Horto, agora em português.

No domingo, pela tarde, após o Sermão do Pretório em língua chinesa, seguido do canto de Verónica, parte da Sé para Santo Agostinho a Procissão do Senhor Bom Jesus dos Passos com a imagem já descoberta, percorrendo o centro histórico de Macau. Vivem-se as sete das 14 estações da via-sacra, que representam o percurso de Jesus Cristo do Pretório ao Calvário. A procissão termina com o sermão do Calvário, já com a imagem na Igreja de Santo Agostinho. Há uma lenda, com várias versões, para justificar este "passeio" do Senhor dos Passos, contando que, em tempos idos, a imagem era colocada na Sé, mas miraculosamente voltava sempre a Santo Agostinho, daí o estar assegurado o regresso à sua igreja.

Macau: as diferenças

Em Macau, contrariamente ao que é habitual nas outras procissões dos Passos, não se vive o encontro das imagens do Senhor com Nossa Senhora, sua mãe. Esta é uma característica que diferencia o culto do Senhor dos Passos em Macau. Mas não se pense, contudo, não ser aqui bem forte o culto Mariano. Também a data em que se realiza a celebração é outra das diferenças que a tornam, talvez, única. Não há no calendário da Igreja Católica uma data fixa para a realização da procissão dos Passos. Pelo menos é o que a prática confirma, embora se saiba que entre os séculos XIV e XVIII em Portugal ela se realizava na Quinta-Feira Santa. Contudo, encontramos procissões dos Passos desde a segunda à quinta semana da Quaresma. A originalidade do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos em Macau é que a procissão tem início no sábado anterior ao primeiro domingo de Quaresma, dia em que termina. Na realidade são duas procissões, sendo propriamente a dos Passos a de domingo, pois é esta que representa o tempo entre a condenação à morte de Jesus no Pretório e o seu sacrifício no Calvário.

Os Agostinhos e o culto da Paixão de Cristo

Foram os Agostinhos espanhóis, vindos das Filipinas, que em 1586 terão introduzido em Macau o culto da Paixão de Cristo, nomeadamente a procissão dos Passos.

A MENINA VERÓNICA

O papel de Verónica, a mulher que limpou com uma toalha o rosto de Cristo, e que nesta ficou estampado, era bastante disputado na sociedade macaense, sendo a escolhida motivo de orgulho para a família. Há variadíssimas referências na imprensa ao longo dos tempos, com destaque para o *Boletim Eclesiástico*, a essas "encantadoras" meninas, que se queriam virgens, boas cristãs e com voz maviosa": Foi a esbelta e esperançosa menina Celeste Cabral, filha do Ex.mo. Sr. Carlos Cabral que tão amavelmente quis ir personificar aquela santa mulher que na dolorosa via do Calvário saiu ao encontro de Jesus a enxugar-lhe o divino rosto", lê-se. "Bem haja a menina Celeste Cabral pois é um acto que muito honra a sua Ex.ma. Família", rematava o redactor do *Boletim Eclesiástico* da Diocese de Macau de Março de 1919, elogiando a Verónica desse ano. Cinco décadas mais tarde, em 1969, com menos retórica mas igual destaque, e com direito a foto, na mesma publicação, era a vez da menina Luísa Gageiro, que "muito bem se desempenhou do seu papel".

GONÇALO LOBO PINHEIRO

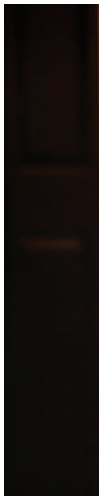
A procissão do Senhor do Passos em Macau transcende o seu significado religioso católico. Em 1717, com a saída dos Agostinhos para Goa, a procissão deixou de se realizar. Nos anos seguintes verificou-se carestia e falta de alimentos em Macau, situação atribuída pela comunidade chinesa ao facto do fim da procissão.

Estávamos em 1721 e o Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos continua a sair anualmente pela fé de uns e a crendice de outros. No século XIX, na sequência da extinção das Ordens Religiosas, a Igreja de Santo Agostinho é entregue à Confraria de Nosso Senhor do Bom Jesus dos Passos, que tinha sido fundada pelos Agostinhos portugueses quando chegaram a Macau. A Confraria toma posse da Igreja e das casas anexas em 1887. Confraria que é, ainda hoje, responsável pela realização desta procissão.

Tradições que se vão perdendo

Os macaenses – os Filhos da Terra – descendentes dos primeiros portugueses que arribaram ao Extremo Oriente há cinco séculos, frutos da rica mistura de povos e culturas, são os guardiães de tradições e saberes que estruturam a sua identidade própria, contudo a modernidade globalizada e o ritmo de vida acelerado vão deixando marcas negativas nas culturas levando à extinção de traços fundamentais incorporados nas tradições e hábitos que vão ficando no esquecimento. Também a festividade do Senhor Bom Jesus dos Passos não fica incólume a este processo. Assinalemos algumas das tradições que se vão perdendo:

Costume antigo da comunidade macaense, hoje por



GLP

O HOMEM DO PAU ÀS COSTAS

Num códice do século XIX, encontrado na Biblioteca de Évora, sobre "vários factos" de Macau no período de 1553-1748, e reproduzido por Jack Braga no *Boletim Eclesiástico*, pode ler-se: "Aos 14 de Fevereiro de 1721 houve nesta cidade uma grande carestia pela falta de mantimentos e os chineses atribuindo isso ao facto de se não fazer a procissão dos Passos, requereram ao Procurador do Senado para que fizesse andar pelas ruas aquele homem de pau às costas [palavras deles], oferecendo-se para os gastos."

poucos praticado, ou esquecido, era o de abrir as portas das casas à passagem da procissão, acendendo velas e queimando incenso num pequeno oratório virado para a rua. Havia também quem espalhasse pela rua pétalas de flores atapetando-a. Superstição, crendice, fé? Uma mistura de tudo numa terra multicultural e intercultural.

As "tochas odoríficas", referidas pelo Padre Manuel Teixeira, "levadas pelos irmãos de opas roxas [que] espalhavam jorros de luz muito mais brilhante que a fraca luz dos candeeiros que iluminaram as ruas", bem como "algumas famílias de Hong Kong [que] traziam tochas de enxofre que eram acesas em frente e aos lados do andor".

Também ele se refere ao costume "de certas famílias de Macau colocarem lanternas de petróleo à pressão, em certos locais do percurso na noite de sábado".

Há referências, ainda, a idosas que costumavam acompanhar a procissão por de baixo do andor descalças.

O simbolismo da Verónica extinguiu-se deixando de ser a sua escolha uma disputa entre famílias.

Também o transporte do andor era legado que passava de geração em geração.

Devoção na diáspora

Levada pelos macaenses que emigraram no século XIX para Hong Kong e outros portos da China, a devoção ao Senhor Bom Jesus dos Passos ainda hoje perdura. Em Hong Kong, no segundo domingo de Quaresma – uma semana depois de Macau – realiza-se na Catedral uma procissão organizada pela Confraria do Senhor dos Passos. Em Kowloon, na Igreja do Rosário, e coincidindo com as novenas de Macau e Hong Kong, é exposta durante uma quinzena a imagem do Senhor dos Passos.

Mas a procissão do Senhor Bom Jesus dos Passos em Macau parece ter uma força mobilizadora especial. Vir dos quatro cantos do mundo ver ou viver este acto religioso tem uma marca peregrina. Peregrinos que, para além da diáspora macaense, vem da China e de outros países do sudeste asiático, mas também da Europa, América do Norte, ou Austrália.

Um encontro marcado com amigos e familiares chova ou faça sol. ■

KONSTANTIN BESSMERTNY

O artista da paródia humana

T FÁTIMA VALENTE E DIANA DO MAR
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

Konstantin Bessmertny tem as baterias carregadas de criatividade. Enérgico e provocador, o pintor que veio da Rússia para Macau alimenta-se da curiosidade para se reinventar. Na pintura, escultura ou instalação, entrelaça múltiplas mensagens, sobrepondo o absurdo num labirinto de distintas camadas de realidade. A sua obsessão é a paródia humana

QUANDO CHEGOU estava longe de imaginar que Macau seria para sempre. Nascido em 1964 na pequena cidade russa de Blagoveshchensk, perto da fronteira com a China, Konstantin Bessmertny veio por pouco tempo, "empurrado pela curiosidade", – como tantos outros amigos que fez na cidade. Era suposto ser um ano – mas passaram 23: "Nunca esperei ficar tanto tempo".

Como eram só duas exposições – uma em Macau e outra em Hong Kong – primeiro veio sozinho. Contudo, surgiram oportunidades, a família veio ao seu encontro e depois passou a "não haver razão para deixar Macau". O filho Max ia bem na escola – dominava o português – e a mulher, Gala, que é pianista, foi trabalhar para o Instituto Cultural. Isto depois de um convite inicial do padre Lancelote Rodrigues, que "ficou surpreendido por ela ter tocado o *Concerto n.º 2* de Rachmaninov para piano e orquestra". "Depois, foi ir com a corrente", recorda.

Será a esses primeiros tempos que remonta a origem do "mito" de que era um espião ao serviço da principal organização de serviços secretos da antiga União Soviética, o KGB – pelo menos assim suspeita Konstantin Bessmertny. "Imagina: 1993, um artista e uma pianista tentam estabelecer-se aqui… Qualquer idiota com o pensamento da Guerra Fria vai pensar isso. Mas que tipo de informações é que Macau tinha? Não havia nenhuma razão."

O artista russo sabe ter sido alvo de escutas telefónicas no início da vida em Macau – não só pelos "barulhos estranhos" que ouvia às vezes enquanto conversava com a mãe, mas porque teve uma amiga que trabalhava na empresa de telecomunicações que confirmou. "Penso que perdiam muito tempo", diz, entre risos.

Ironia do destino, na Rússia aconteceu-lhe o contrário. Nascido numa "família dissidente, em que cerca de 20 familiares foram mortos durante a repressão de Estaline", Bessmertny teve "problemas" com os serviços secretos russos quando, enquanto cumpria o serviço militar obrigatório, tentou comprar uma máquina para fazer gravuras: "Era muito perigoso porque poderia distribuir coisas ilegalmente…"

Mas a sua figura, quase tão enigmática como as suas criações, também despertou outros rumores, como o de ligações à Maçonaria. Konstantin Bessmertny garante serem inexistentes, mas não esconde o interesse: "Adoro o simbolismo, a semiótica… e estudei muitas coisas. Por causa da curiosidade sei mais do que é preciso".

Ser português, um feliz incidente

Apesar das oportunidades que o fizeram ficar em Macau, Bessmertny tem presente as dificuldades iniciais, nomeadamente por ser russo, devido à memória ainda muito viva da "estupidez internacional" que foi a Guerra Fria. "Tive problemas. Viajar para qualquer sítio era uma loucura. Por exemplo, para ir a Hong Kong fazer uma exposição precisava de visto, e para ir a outros países também tinha de ir a Hong Kong. Era impossível", sublinha o artista, recordando que precisou de ir a Pequim para pedir visto pelo menos uma vez.

Uma janela abriu-se quando apareceu a possibilidade de ter um passaporte canadiano. Bessmertny lembra que preparara os papéis todos para a família quando, num jantar, um amigo advogado lhe disse: "Macau está sob administração portuguesa. Porquê canadiano? Deixa-me os documentos". Abriu então o processo para a aquisição da nacionalidade portuguesa por ser residente em Macau e, no final, teve uma resposta positiva. "Foi por acidente, mas nunca me arrependi. Adoro o

mundo mediterrânico, e penso que a maior descoberta que fiz foi Portugal."

É, aliás, em Portugal, onde passa "no mínimo" um mês por ano com a família, alargada a quatro membros, com o nascimento da filha Sasha, ainda no tempo da administração portuguesa. Mas Bessmertny partilha que gostaria de permanecer mais tempo em Alcobaça, onde tem casa desde o final da década de 1990: "Quero arranjar maneira de viver e trabalhar mais tempo em Portugal".

A língua domina-a desde os primeiros tempos, muito por causa do círculo de amigos que foi construindo em Macau. Frequentou aulas de português, mas o curso era "muito aborrecido", pelo que a verdadeira aprendizagem fez-se entre convívios.

Já à Rússia regressa hoje mais amiúde do que antes, para visitar os pais que vão ficando mais velhos, e aproveitar a proximidade ao Lago Baikal para "recarregar baterias" junto da "natureza absoluta", independentemente da estação do ano. "Adoro o magnetismo e a energia, é um sonho."

Artista é alcunha

Konstantin Bessmertny já era "artista" antes de o ser. A alcunha veio dos tempos de escola. Não recorda quem foi o autor, mas terá sido por "desdém" de alguns colegas que não achavam jeito à arte. "Quando o professor estava a explicar alguma coisa eu desenhava. Todos os meus livros estavam cheios de desenhos, e os meus colegas gostavam de se sentar perto de mim quando me viam a desenhar alguma coisa engraçada."

"Bom aluno, particularmente a física e química", Konstantin Bessmertny era também "obediente e calmo", e tentava pacificar os outros estudantes sempre que se levantavam ondas de contestação na escola. A razão é fácil de explicar: a sua mãe era professora e ele sabia bem quão "difícil" era estar do outro lado.

Para minimizar o *bullying* por causa do gosto pelas artes – mais associado às raparigas – praticou futebol e hóquei no gelo para se 'enturmar' entre os seus pares, mas também o ajudou o facto de ter primos mais velhos a frequentar a mesma escola que lhe garantiam paz. "Não tinha de perder tanto tempo a ter de provar algo."

Uns anos depois, a alcunha de "artista" ganhou um tom "mais respeitador". "Vinham ter comigo e diziam: 'Oh, podes desenhar-me um retrato?' Quando provas a ti mesmo e aos outros que tens capacidade para fazer uma coisa, eles começam a respeitar-te."

O "artista" ganhou o seu primeiro prémio por uma pintura aos sete anos. A memória que partilha – enquanto esboça um grande sorriso – é a de ver o pai a mostrar a todos os amigos o jornal que trazia um pequeno artigo sobre o desenho. "Lembro-me do título: 'Cavalos cor-de-rosa'", diz Konstantin Bessmertny, recordando o cenário invulgar de um rapaz a pintar cavalos cor-de-rosa na Rússia na década de 1970.

De exposição em exposição, na pré-adolescência Bessmertny já ia lançado nas artes. As reticências no seio familiar surgiram mais tarde, sobretudo por parte da mãe e de uma tia, com o aproximar da ida para a universidade. "Elas queriam que fosse para arquitectura, porque achavam que os artistas não têm dinheiro, são alcoólicos… Para elas era um pesadelo a vida de artista. E, na verdade, depois enganei-as um pouco… fiz de propósito para demorar a entregar a candidatura para depois dizer: 'Já não vou a tempo para ingressar em arquitectura, mas ainda

posso entrar em artes'". Por ter começado a escola primária antes dos seis anos, chegou à universidade aos 16 anos. Resultado: estudava com colegas com o dobro da sua idade. "Eu era uma criança e de repente estava a desenhar um nu integral."

Com a separação dos pais, Konstantin Bessmertny, que não tem problemas em dizer que era um "menino da mamã", percebeu que tinha de ajudar em casa e, antes de acabar os estudos, já trabalhava em artes gráficas e *design* de interiores. O primeiro trabalho, "uma das experiências mais divertidas", foi num "jornal comunista, mas dirigido por um judeu russo como uma certa mentalidade de dissidente". Era *designer* gráfico, uma actividade a que ainda recorre como *hobby*, como por exemplo em 2015, com o livro *The Last Dumpling*, em co-autoria com o *chef* Kristoffer Luczak.

Foi nos idos anos 1980 que aprendeu "como passar uma mensagem sem ser directo" nas suas criações artísticas. "Todo o jornal era concebido para uma audiência específica. Havia coisas escritas para os chamados idiotas, para as pessoas comuns, mas depois brincávamos com os títulos, com as letras."

Num universo familiar em que sobressaem as mulheres – como a mãe e a tia –, Konstantin Bessmertny fala frequentemente de uma outra figura feminina: a avó, que falava chinês quando era nova, e com quem "passava muito tempo". Era a mesma que acompanhava aos sábados e aos domingos até à igreja – mas normalmente só até à porta, porque como não era obrigado a entrar, ficava na rua a desenhar. A avó era fiel da Igreja Baptista, algo pouco comum na Rússia predominantemente ortodoxa (ele próprio foi baptizado), uma "alternativa" com a qual até simpatizava por se basear no respeito pela vontade própria. Nos dias de hoje, Bessmertny, que se define como "autodidacta" em religião, sente-se bem tanto numa igreja na sua terra natal como no Mosteiro de Alcobaça.

No entanto, ao contrário da política, a religião é menos visível na "paródia humana" recriada nas suas obras. "Não uso símbolos religiosos, não é por ter medo", realça, dando como exemplo o atentado à publicação satírica francesa *Charlie Hebdo*. Mas para Bessmertny não faz sentido a "ofensa grosseira". "Há pessoas que têm as suas próprias ideias na vida e tens de respeitar. Sim, podes dizer que é autocensura, mas eu simplesmente quero evitar insultar boas pessoas."

A metáfora do *like* de Leonardo da Vinci

A vontade própria é também o principal motor das criações de Konstantin Bessmertny, cuja mestria técnica adquiriu ao longo de sete anos em academias de belas artes soviéticas. Afinal, não lhe importa se a "mensagem" da sua obra passa nem a idealiza para um determinado público. Interessa-lhe antes desafiar-se a si mesmo e a

"diversão" de conceber "labirintos ilusórios" para quem realmente aprecia o seu trabalho.

"De facto, não quero saber [se a mensagem passa]. Na verdade não ligo às opiniões, mas, de certa forma, a algumas pessoas", afirma, recorrendo a um exemplo: "Imagina que o Michelangelo publica uma imagem no Instagram e tem um *like* do Leonardo da Vinci e depois 500 mil *likes* de fãs da Kim Kardashian. Um único *like* do Leonardo da Vinci vale mais do que 500 mil de idiotas".

A metáfora serve para explicar que a satisfação chega muitas vezes com uma única opinião: "Quando tenho, por exemplo, um comentário de um escritor a dizer que gostou de uma exposição minha, mas que demonstra que descobriu algo que escondi propositadamente com outros significados e entendeu onde é que queria chegar".

O absurdo e o humor misturam-se com complexos conceitos da política, da história, da filosofia e até da música no trabalho de Bessmertny que confessa ter na paródia humana a sua "obsessão". O *cocktail* de ingredientes que combina quando pinta, esculpe ou cria uma instalação faz com que uma obra sua não seja uma descoberta só.

Como escreveu o autor norte-americano Don J. Cohn, no catálogo da actual exposição patente no Museu de Arte de Macau, nos quadros de Bessmertny é "muito raro que uma coisa ocorra sozinha". Talvez tal fique a dever-se ao "truque" que utiliza: "Adoro usar labirintos ilusórios como ferramenta. Há coisas que fazes por diversão; outras por dinheiro. Penso que a arte deve ser por diversão. Quando feita por pessoas tristes e que apenas pensam em ficar famosas ou ricas é sempre má".

Tal como acontece a muitos outros artistas, sempre que acaba um trabalho é-lhe difícil voltar a lançar mãos à obra. "Tens de te forçar: medito para ficar bem-disposto e ter prazer pelas coisas. Podes estar zangado, mas alegremente zangado, ou rebeldemente zangado. Por exemplo, quando queres atacar certos tipos de mentalidade, de conceitos instituídos ou pessoas [que te irritam], então podes estar rebeldemente feliz, por estares entusiasmado com o trabalho que estás a fazer."

É precisamente o entusiasmo de quem fala do que gosta que leva Bessmertny a perder-se na conversa, dispersando-se em histórias, referências da arte e conceitos – algo que reconhece. Afinal, o processo criativo é solitário e, às vezes, passa "até 18 horas por dia" sem falar com ninguém.

A disciplina faz parte da sua vida desde a escola russa, em que tinha aulas de desenho ao estilo militar: "Duas horas todos os dias, excepto aos domingos". Odeia rotinas e "muda-as de tempos em tempos", mas no quotidiano não prescinde da literatura. Em sua casa, tem "de certeza" mais de mil livros expostos em duas grandes paredes.

Acabou recentemente de ler o "simplesmente brilhante" livro do historiador Simon Sebag Montefiore sobre a família Romanov, que revela o terror que era ser czar na Rússia imperial, e tem "mais quatro ou cinco" obras à espera de serem lidas ou ouvidas, pois começou a experimentar as versões em áudio para dar descanso à vista.

Energia e boa disposição não lhe faltam logo pela manhã: já tinha corrido dez quilómetros antes de se sentar para mais de uma hora de conversa animada, em Coloane, com vista para a Ilha da Montanha, saboreando um pastel de nata pelo meio. Já a segunda sessão, marcada para as fotos, foi mais apressada porque Bessemertny tinha ido com a sogra fazer as compras para o Ano Novo Ortodoxo (14 de Janeiro) e estava preocupado, não fosse a comida estragar-se no carro.

Com a exposição no Museu de Arte, até Maio, tem andado num corrupio a dar entrevistas. Por ser famoso? Bessmertny relativiza: "O sucesso deve ser medido em termos de escala". Por isso brinca quando diz que há apenas uma coisa que pode afirmar com convicção: é o "artista mais bem-sucedido na vila de Coloane".

Referências e reflexões

Entre as referências de Konstantin Bessmertny figuram nomes como

Hieronymus Bosch e Peter Brueghel, mas também Salvador Dali ou Diego Velasquez. E, até certo ponto, ressalva, obras de Michelangelo, Leonardo da Vinci ou Goya. Isto porque são mais do que uma imagem com leitura ou percepção imediatas – exigem um certo tempo de observação. Por isso é que, da sua perspectiva, Andy Warhol é "muito mau", embora ache o retrato de Mao Tsé-tung "sensacionalmente impressionante" e não desgoste de todo da primeira Marylin Monroe (Gold) e do quadro de Elvis Presley.

Reflexões sobre o estado e conceito da arte também ecoam no discurso de Konstantin Bessmertny, que defende que a história da arte, como a conhecemos, "deve ser desafiada" e contesta a forma como é absorvida, já que depreendemos à partida, por exemplo, que se é um Picasso é bom. Além disso, "nem tudo o que vemos num museu tem qualidade", sublinha Konstantin Bessmertny, para quem tal tem a ver com a "democratização da criatividade".

O pintor dá o exemplo do momento em que se desapontou com o movimento abstracto: "Em 2000 e qualquer coisa, metade dos meus trabalhos eram abstractos. Mas fui à Tailândia e vi exposições de pinturas abstractas feitas por elefantes – que são animais extremamente inteligentes – e aquilo mexeu comigo. Percebi que a arte abstracta serve para decoração de entradas de edifícios, escritórios, e coisas do género".

Diz acreditar na "'meritocracia'" – "independentemente do tipo de sistema da sociedade". Contudo, é bastante crítico relativamente à forma como o negócio da arte evoluiu, e isso também se vê numa das suas obras em que o artista surge no fundo da pirâmide social da arte, enquanto "parte subvalorizada" da cadeia.

O sonho do cavalo de bronze

Como artista, Bessmertny está sempre expectante em relação ao "próximo desafio". Na gaveta tem uma ideia com uma dezena de anos, e não esconde o desejo de encontrar alguém que esteja interessado em investir na obra ou pelo menos contribuir para a sua produção.

Isto porque aprendeu a "garantir-se", como mecanismo de defesa, deixando para trás o tempo em que ficava 'à rasca' – pendurado por um comprador que não avançou o dinheiro quando devia – e porque não quer para si a história romântica do artista que viveu na miséria.

O seu sonho é fazer uma "enorme" escultura de bronze de um cavalo, um animal que, aliás, utiliza em muitas obras, mas não um cavalo qualquer. "Tenho uma obsessão de fazer esculturas interactivas. Por exemplo, fazer um cavalo clássico como a estátua equestre de Marco Aurélio, em Roma, mas que pudesse ser reutilizado anualmente, e ter um *website* com transmissão ao vivo, que permitisse ver tudo o que se passa. Por exemplo, no primeiro ano ficava num espaço público. Podia pôr-se fogo num ano e, no outro, fazer decorações de Natal. Ou seja, fazer qualquer coisa diferente, vandalizando a escultura como ideia de último momento."

Macau foi sempre uma fonte de inspiração para Bessmertny, que foi mudando de casa – primeiro da península para a Taipa e depois para Coloane – à medida que a cidade se foi desenvolvendo, como que em busca de um refúgio da densidade que, todavia, percorre os seus quadros preenchidos por imensos detalhes e histórias paralelas.

Essa mutação da cidade – outrora pacata também – propiciou o fim do "paraíso" que era ter um espaço para trabalhar em Macau. Em 23 anos, mudou 13 vezes de estúdio, até abandonar o de Coloane, e estabelecer-se, no ano passado, em Hong Kong.

Bessmertny gosta de se reinventar e acredita em novos ciclos. "Para seres criativo precisas de novos começos. Mesmo limpar a casa para entrar no novo ano é um bom começo." Agora passa alguns dias por semana a trabalhar na região vizinha e por isso tem de "resolver novos problemas", lidar com "novas desilusões", próprias de quem acaba de se mudar. "Recarregas-te a ti próprio. Procuras sempre uma saída", diz.

Mas mesmo a passar mais tempo em Hong Kong, mantém Macau como o seu cartão-de-visita. "Tu és do sítio onde passas as férias e os fins-de-semana", aponta, recordando o exemplo de Leonardo Da Vinci, que trabalhava em Roma, Milão ou Paris, mas era conhecido por ser oriundo daquela pequena cidade italiana.

Bessmertny chegou a ponderar outras paragens, mas um amigo advertiu-o que iria cometer um "grande erro", já que as pessoas associavam a sua marca a um espaço. "Adoro estar associado a Macau. De facto, de Hong Kong a Londres, todos dizem que sou um artista de Macau."

Da Rússia, de Macau ou do mundo, Bessmertny junta o olhar tanto de um estrangeiro como de um nativo.

Uma exposição "a bel-prazer"

T FÁTIMA VALENTE E DIANA DO MAR
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

"AD LIB", abreviatura da expressão latina *ad libitum*, que significa "a bel-prazer", figura como a mais recente exposição de Konstantin Bessmertny, patente no Museu de Arte de Macau (MAM) até 28 de Maio. A ideia para o título partiu da mulher, pianista e musa inspiradora – já que a expressão *ad libitum* no meio musical constitui como um convite à improvisação.

Trinta e quatro obras recentes de Konstantin Bessmertny perfazem um conjunto que joga com diferentes meios, escalas, perspectivas ou até culturas. Na ampla galeria, uma das primeiras imagens que salta à vista – por ser incomum – é a de um carro a cair aos bocados.

Estacionado na sala de exposição, o Mercedes Benz SL180 de 1964, ano em que nasceu o artista russo, surge como "símbolo da civilização moderna, dependente de combustíveis fósseis que, no seu interior, tem vestígios da Antiguidade Clássica: há moldes de gesso e cópias em mármore de esculturas gregas partidas", explica o MAM. Por definir está, contudo, o destino a dar ao carro – oferecido por um amigo de Hong Kong – quando a exposição acabar. Konstantin Bessmertny diz que pode sempre vendê-lo, pois restaurá-lo é quase impossível. Mas o primeiro problema a resolver será arranjar um espaço para o guardar.

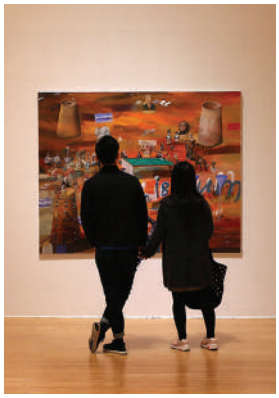
Imponente pela sua dimensão, afirma-se também a pintura a óleo sob a forma de circunferência dividida em duas metades, intitulada "Batalha de Macau". Dois eventos, separados temporalmente por quase 400 anos, que tiveram um forte impacto no desenvolvimento de Macau encontram-se representados: a derrota da invasão holandesa, em 1622, e a liberalização do jogo, em 2002. Como escreve Don J. Cohn, no catálogo da exposição, a primeira fez de Macau a "Veneza do Oriente" e a segunda, "a capital da opulência *kitsch* com as mais imbecis consequências culturais de todos os tempos (...) É um catecismo ilustrado do Bem e do Mal (...), da pobreza e da riqueza, da colónia e do colonizador (...), de Marx e de Mao com pandas pelo meio, vestidos e nus, porno e púdicos (...), jogando na possibilidade de que este recanto de inferno à nossa volta não seja mais que o próprio paraíso", acrescenta o autor norte-americano.

Ainda na pintura destaca-se também o "S. Sebastião da Acupunctura", em que o artista, como descreve Don J. Cohn, lança irónicas farpas e agulhas à imagem clássica do mártir cristão, com a medicina tradicional chinesa a ir em seu socorro, como "forma alternativa de opressão disfarçada de cura".

Já a instalação "Melhor Juntos. Da Série O Encontra O" replica o *slogan* da campanha contra a independência da Escócia, "aplicado absurdamente ao estafado conceito do encontro entre o Oriente e o Ocidente", em que surgem dois homens, como que ligados pela cabeça: um com os pés no chão e o outro por cima, virado ao contrário, de pernas para o ar.

Uma roleta russa e uma ratoeira, ainda com a etiqueta do preço de $2.99 e com fichas de jogo presas, provocam os visitantes. O mesmo efeito tem um par de violoncelos, cheios de mensagens sob a forma de colagens, com um deles a anunciar "que todos os homens são iguais, excepto os génios e os idiotas". "Inspirei-me no livro de Mario Vargas Llosa *A Civilização do Espectáculo*", conta Konstantin durante uma visita à exposição, ilustrando com o exemplo da política do "pão e circo" dos tempos da Roma antiga. Na mesma mostra junta ainda casas de bonecas para adultos, reconstituindo em detalhe uma sala-de-estar victoriana e uma cena da conhecida saga *O Padrinho*, de Francis Ford Coppola.

A obsessão de Bessmertny pelo cinema é uma constante em "Ad Lib". A ocupar uma parede da sala está ainda uma série com as luvas usadas por Charlie Chaplin em *O Campeão de Boxe*. E na "Remakes" – inspirada nas cópias dos DVD pirateados na China e que depois chegavam a Macau e Hong Kong –, Konstantin Bessmetny surpreende com fotogramas a preto e branco. Estes são inspirados nos filmes de *cowboys*, mas também na cultura *pop* norte-americana. Neles, mensagens sob a forma de legenda baralham e espicaçam os mais distraídos, como a fala "I know English. Monday. Tuesday. Thursday, Wednesday, Friday", roubada à personagem Apolloni de *O Padrinho* e agora presa a um imaginário *saloon* dos filmes estilo *western* da América.



Os fotogramas estão entre as obras expostas preferidas do artista russo. Mas nem tudo é linear, adverte: "Às vezes a obra preferida pode ser aquela falhada, que passaste mais tempo a melhorar".

Konstantin Bessmertny, que representou Macau na Bienal de Veneza em 2007, afirma que "não foi desafiante" seleccionar as obras. "O desafio foi antes convencer as pessoas a darem-me este espaço para vandalizar."

Depois da exposição no MAM, seguir-se-ão este ano outras pelo menos em Roma, em Pequim e em Xangai. ■

會聚澳門

MACAO

Your Business Events Destination

- **澳門擁有完善的會展設施，可配合各種規模商務活動所需，是亞洲地區大型會展活動的理想舉辦地。**
  Macao has come of age as Asia's leading destination for large scale meetings and events, infrastructure, catering for the smallest to the very largest of business events.
- **佔地30多平方公里的澳門，可提供超過19 萬平方米的會展活動場地及37,000間客房，並連通兩個國際機場。**
  With over 190,000 m^2 of meeting space, 37,000 hotel rooms all within a compact 30 km^2 and convenient access to 2 international airports.
- **不管展會規模大小，澳門就是您舉辦活動的明智之選！**
  Macao is a most convenient choice for your next meeting or event no matter what the size.

一站式服務
One-Stop Service

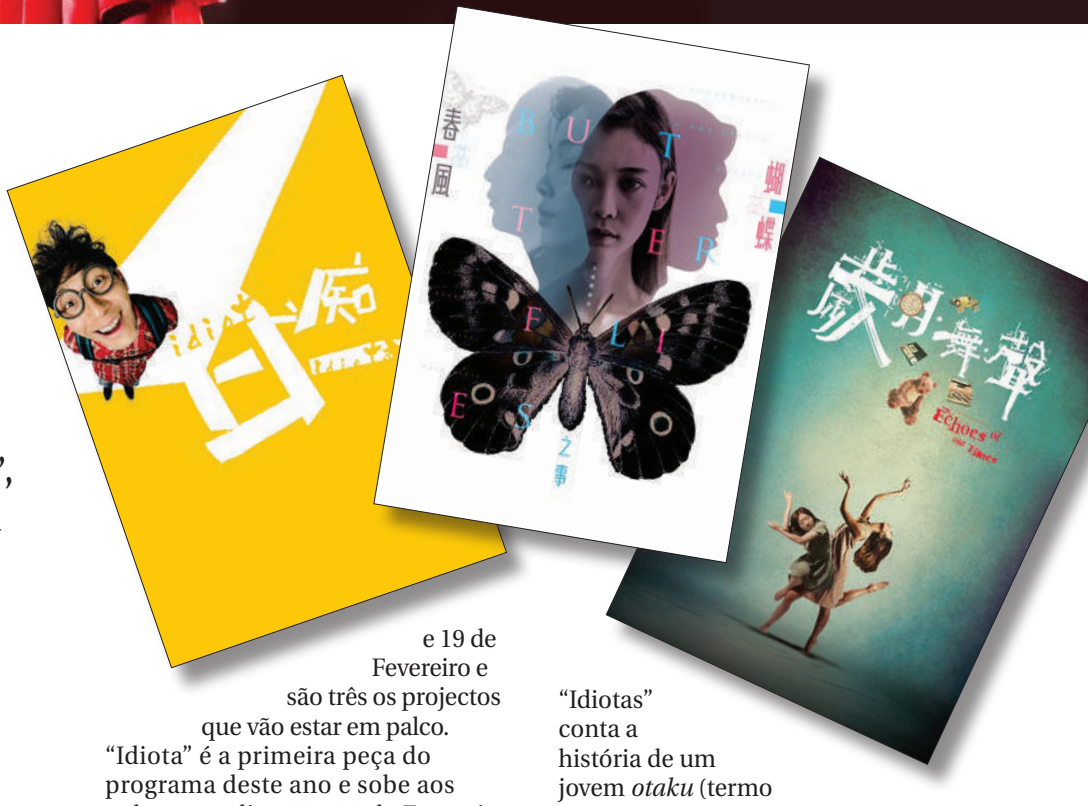
澳門
MACAO
商務活動
Business Events

澳門貿易投資促進局
Macao Trade and Investment Promotion Institute

www.mice.gov.mo — mice-onestop@ipim.gov.mo — +853 8798 9292

"MULTIFORMAS" REGRESSA COM NOVAS PRODUÇÕES LOCAIS DE TEATRO

O Centro Cultural de Macau apresenta três novas produções teatrais na mais recente série do evento "Multiformas – Novas Tendências da criação local": a comédia física "Idiota", o projecto multimédia "Borboletas na brisa primaveril" e o teatro vanguardista "Ecos dos nossos tempos". Diferentes conceitos com cunho local que prometem aproximar o público dos palcos



Explorar a criatividade, novas possibilidades teatrais e a proximidade entre o público e o palco. Esta é a fórmula do "Multiformas – Novas Tendências da criação local", série de teatro que leva ao Centro Cultural todos os anos produções de Macau. Este ano a iniciativa realiza-se entre 10 e 19 de Fevereiro e são três os projectos que vão estar em palco.

"Idiota" é a primeira peça do programa deste ano e sobe aos palcos nos dias 10 e 11 de Fevereiro. "Utilizando as bases do *clowning* [palhaço] para construir uma perspectiva absurda, a encenadora/argumentista Joyce Chan leva-nos a viajar num mundo de estupidez e enganos", revela o Instituto Cultural (IC) na apresentação que faz ao primeiro espectáculo do "Multiformas", que vai contar com as actuações de Dicky Tsang e Chikako Murase e que se divide em diálogos em cantonês, japonês e inglês.

"Idiotas" conta a história de um jovem *otaku* (termo japonês que define alguém socialmente inapto) que responde a um anúncio de trabalho como acompanhante masculino. A acção desenrola-se em torno de situações que se passam durante a entrevista, que leva o improvável candidato a voar para o Japão onde conhece a responsável pelo recrutamento. "Dispostos a expor fraquezas e a partilhar sentimentos estranhos, os *performers* sobem ao palco despidos de senso comum, mas determinados a transmitir beleza e alegria através

do mais puro e descontraído disparate", revela ainda a organização do "Multiformas".
Já "Borboletas na Brisa Primaveril", em cena nos dias 17 e 18 de Fevereiro, é um conto que aborda o tema da sexualidade. Criada pelo encenador Harry Ng e pelo *designer* visual James Wong, esta produção de teatro multimédia, com interpretação em cantonês, fala de um homem que descobre que a mulher teve um caso amoroso com outra mulher anos antes de se terem conhecido. Sobre esta peça "desafiante, tanto em termos técnicos como de conteúdo", o IC escreve: "Esta adaptação de um romance taiwanês mergulha o público numa experiência interactiva entre os actores e um cenário holográfico. Concebida com recurso a efeitos de vídeo, esta narrativa contemporânea apela aos nossos pensamentos mais profundos, fazendo-nos reflectir sobre os diversos cambiantes do desejo sexual."
É «Ecos dos nossos tempos» que vai encerrar este ano a série de teatro local. A peça realiza-se a 18 e 19 de Fevereiro, junta dança, representação e instalações sonoras, e oferece ao público «algo mais próximo de uma aventura da vida real do que de uma noite de teatro».
Nesta peça de teatro vanguardista, a coreógrafa e dançarina de Macau Chan Chi Cheng e o músico taiwanês Chi Po Hao querem aproximar a população dos palcos. "Convidam o público a deambular por um lugar estranho, repleto de objectos poeirentos e rejeitados que, em tempos, foram provavelmente muito úteis. Escutando sons e bipes de outra era, duas bailarinas interagem com os sons, como miúdos imersos nas fascinantes histórias contadas por um velhote", nota o Instituto Cultural.

MULTIFORMAS – NOVAS TENDÊNCIAS DA CRIAÇÃO LOCAL 2017
10-19 DE FEVEREIRO DE 2017
Bilhetes: MOP 120
Pacote de três espectáculos: MOP 300

Dança

Riverdance
Fenómeno internacional da dança irlandesa, "Riverdance" já foi visto por mais de 25 milhões de pessoas no mundo inteiro. Este espectáculo de sapateado, que cresceu a partir de uma actuação no Festival da Eurovisão de 1994, chegou a Macau no dia 24 de Janeiro e vai estar no Teatro do Venetian até dia 5 de Fevereiro. Macau é uma das paragens da digressão que celebra o 20.º aniversário do grupo.
ATÉ 5 DE FEVEREIRO DE 2017
TEATRO DO VENETIAN
Bilhetes a MOP 888, 688, 488, 288

Música

Orquestra Sinfónica de Londres
O maestro Daniel Harding vai estar à frente da Orquestra Sinfónica de Londres nas interpretações da *Sétima Sinfonia* de Sibelius e da *Segunda Sinfonia* de Rachmaninov. Fundada em 1904, esta orquestra apresenta mais de 140 concertos por temporada e é uma das mais requisitadas bandas para trabalhar em estúdio, tanto no cinema como para televisão.
CENTRO CULTURAL DE MACAU
1 DE MARÇO DE 2017
Bilhetes MOP 880, 680, 480, 280

Música com Pintura de Areia
Ma Wing Cheung, artista de pintura na areia de Hong Kong vai criar uma série de imagens ao som da música da Orquestra de Macau. Além de música e pintura, o espectáculo junta outras expressões artísticas como a iluminação. No programa musical, a Orquestra de Macau apresenta *Tempestade do Mar* e selecções d'*A inspiração harmónica* e *La Stravaganza* de Vivaldi.
TEATRO D. PEDRO V
4 DE MARÇO DE 2017
Bilhetes MOP 120, 100

Imagens do Património Mundial
A Orquestra de Macau volta a actuar na Casa do Mandarim, edifício de arquitectura tradicional chinesa localizado no Centro Histórico de Macau. Desta vez, o grupo de música traz até ao público obras como a valsa *Ondas do Danúbio* de Ivan Ivanovici, *Divertimento em Cordas em Ré Maior – K 136* de Mozart, *Marcha Militaire* de Schubert e a *Dança da Minoria Yao* de Mao Yuen e Lau Ti Shan.
CASA DO MANDARIM
3 DE MARÇO DE 2017
Entrada gratuita

O GÉNIO VHILS E A IMORTALIDADE DE PESSANHA

"Invisível - Visível" é a primeira obra de Vhils em Macau e o primeiro trabalho que o artista expõe numa representação diplomática portuguesa. Esta é também uma homenagem ao poeta Camilo Pessanha, que o artista imortalizou num mural no jardim do Consulado-geral de Portugal

T CATARINA DOMINGUES

Chama-se "Invisível - Visível" e é um dos mais recentes trabalhos do português Vhils, pseudónimo do artista urbano Alexandre Farto. Trata-se da primeira obra que o artista inaugurou em Macau, da primeira de sempre numa delegação diplomática portuguesa e resulta de uma parceria entre a Casa de Portugal em Macau e o Consulado-geral de Portugal. Num mural, erguido na ala direita do jardim do consulado, Vhils trabalhou o rosto de Camilo Pessanha, poeta português que viveu e morreu em Macau.

No dia em que a obra foi inaugurada, encontravam-se presentes vários membros da comunidade portuguesa e familiares do autor de *Clepsidra*. "A ideia destas obras, que fazem sempre uma ligação com a história local, é tornar essa história que muitas vezes está invisível, visível, sem julgamentos", explicou Alexandre Farto, notando que foi necessário um intenso trabalho de pesquisa para concretizar o mural.

"A imagem é trabalhada, é feito um desenho, é feita uma divisão de cores desse desenho e, depois, são pintados na parede esses diferentes tons e, dependendo do tom e da própria parede, dos diferentes tons que vai tendo, cada tom vai a uma profundidade mais funda e a outra mais superficial, e é jogar com estas camadas que o muro tem que, no final, revelam e fazem um rosto. É quase uma escultura, mas a partir de uma imagem", revelou.

Durante a inauguração do mural,

a presidente da Casa de Portugal, Maria Amélia António, vincou que expor uma obra de Vhils em Macau é a "concretização de um sonho" e "um marco no trabalho e divulgação da cultura portuguesa e dos artistas portugueses" no percurso da instituição. A responsável deixou um agradecimento ao artista por trazer à cidade "uma obra que tem um duplo significado" e que retrata uma personagem que "tem tudo a ver com Macau e tem tudo a ver com a poesia portuguesa".

Já Vítor Sereno, cônsul-geral de Portugal em Macau e Hong Kong, realçou que "através do génio Vhils e da imortalidade de Pessanha", Macau está a celebrar Portugal a dez mil quilómetros de distância.

Sobre o artista, o diplomata português disse: "Um ávido experimentalista, como alguém disse, tem desenvolvido a sua estética de vandalismo em intervenções e exposições individuais e colectivas um pouco por todo o mundo numa pluralidade de suportes, da pintura stencil à técnica de escultura mural, que o projectou como um dos nomes mais aclamados no panorama da arte urbana mundial".

Alexandre Farto nasceu em Lisboa em 1987, cresceu no Seixal e estudou Artes em Londres. O artista, que tem exposto em galerias e participado em eventos por todo o mundo, começou por pintar paredes aos 13 anos. A técnica de Vhils consiste em criar imagens em paredes removendo camadas de materiais de construção e trabalhando com martelos pneumáticos, formões, ácidos corrosivos ou explosivos.

"Alexandre Farto queria ser astronauta, queria ser político, queria ser inventor quando era pequeno. É hoje, para meu orgulho, para orgulho de todos os portugueses, unanimemente considerado um dos melhores, se não o melhor, e um dos mais influentes *street artists* do panorama internacional actual", acrescentou ainda Vítor Sereno.

Para ver

As Telecomunicações ao Longo do Tempo

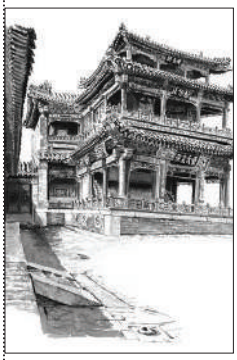
A mostra reflecte o desenvolvimento dos métodos e equipamentos de comunicação de maior impacto na vida dos residentes de Macau nos últimos 50 anos. Os visitantes podem observar e experimentar diferentes formas de comunicação através das áreas "Loja da Nossa Infância" e "Lar no Passado". Podem ainda ir "À Procura de Números de Telefone" das antigas lojas das suas memórias.

GALERIA DA ESTAÇÃO POSTAL DO CARMO
ATÉ 7 DE ABRIL
Entrada gratuita

Vasos de Flores do Museu do Palácio

A exposição, uma colaboração entre o Museu de Arte de Macau e o Museu do Palácio, exibe mais de 100 recipientes de flores. "Dá a conhecer ao público a história dos vasos de flores, bem como a estrita regulação do fabrico de vasos imperiais, permitindo assim ao público conhecer e melhor apreciar o estilo de vida dos imperadores", revela o Museu de Arte de Macau na apresentação da mostra. Vasos para plantação de flores utilizados em cerimónias de oração budista ou no culto dos antepassados, vasos para arranjos florais e poemas em homenagem aos vasos de flores são algumas das obras disponíveis.

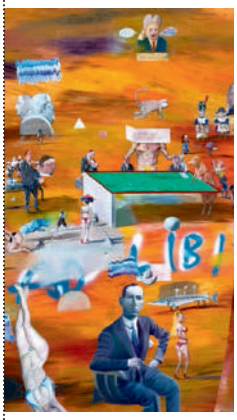
MUSEU DE ARTE DE MACAU
Até 12 de Março de 2017
Bilhetes MOP 5 (entrada livre aos Domingos e feriados)



Aguadas da Cidade Proibida – Pinturas por Charles Chauderlot

Oitenta e uma obras de pintura a tinta-da-china ilustram cenários da Cidade Proibida. Charles Chauderlot, de ascendência franco-espanhola, estabeleceu-se na China em 1997, abandonando as técnicas de pintura ocidentais e passando a empregar tinta-da-china em papel ocidental. Chauderlot foi autorizado a entrar na Cidade Proibida para desenvolver os seus trabalhos de pintura de 2002 a 2004.

MUSEU DE ARTE DE MACAU
ATÉ 16 DE ABRIL DE 2017
Bilhetes MOP 5 (entrada livre aos Domingos e feriados)



Ad Lib – Obras Recentes de Konstantin Bessmertny

A mostra apresenta 34 peças do artista russo radicado em Macau Konstantin Bessmertny, incluindo pintura, escultura, instalação e técnica mista. "Ad lib" é a abreviatura da expressão latina *ad libitum*, que significa "a bel-prazer". A exposição não tem um tema definido, uma escolha pessoal de Konstantin Bessmertny, que apresenta ao público "uma festa visual plena de energia e humor, na qual partilha as suas reflexões pessoais e humoradas respostas aos diferentes fenómenos que ocorrem na nossa sociedade", refere o Instituto Cultural.

MUSEU DE ARTE DE MACAU
ATÉ 28 DE MAIO DE 2017
Bilhetes MOP 5 (entrada livre aos Domingos e feriados)

OS INSTANTES DE MACAU

Em *Taotologias*, o segundo livro de Rui Rocha, o autor volta a declarar-se próximo da tradição poética do zen. No centro desta obra encontra-se Macau

T CATARINA DOMINGUES

GONÇALO LOBO PINHEIRO

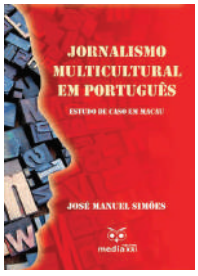
É uma poesia de silêncios, uma reverência à natureza, ao instante e a Macau. Em *Taotologias*, segunda obra poética de Rui Rocha, o autor mantém-se ligado à tradição poética do zen. É a que leva no peito. "É para mim a mais agradável de ler e sinto-me efectivamente mais próximo por várias razões, primeiro porque desde muito cedo comecei a ler poesia chinesa e poesia japonesa por via da minha mãe e, em segundo lugar, porque efectivamente tenho uma identificação pessoal com essa forma de escrita poética", diz o poeta, também director do Departamento de Língua Portuguesa e Cultura dos Países de Língua Portuguesa da Universidade da Cidade de Macau.

A viver em Macau há mais de três décadas, este descendente de antigas famílias macaenses por via materna assume-se próximo da poesia da Dinastia Tang e de poetas como Wang Wei, Li Bai, Du Fu e Bai Juyi. Também dos instantes dos *haiku* japoneses de Matsuo Basho ou de Issa.

Sobre esta nova obra, Victor Oliveira Mateus, poeta, crítico e autor do blogue *A Dispersa Palavra* escreveu: "[A poesia de Rui Rocha], recusando todo o tipo de narratividade bem como uma lógica formal de cariz ocidental, baseia-se fundamentalmente nas filosofias do Oriente, sobretudo na zen, assim, é intento desta escrita a apreensão do resplendor dos instantes simultaneamente belos, completos e absolutos".

Este zen poético, sublinha Rui Rocha, é um pensamento que se encontra além-oriente. O autor de *Taotologias*

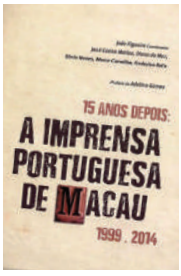
Para ler



Jornalismo Multicultural em Português – Estudo de caso em Macau

José Manuel Simões
MediaXXI Publishing, 2017

O livro apresenta a conclusão de um pós-doutoramento de José Manuel Simões. Ao longo de quatro meses, o professor da Universidade de São José analisa jornais em língua portuguesa de Macau. Juntam-se entrevistas a directores, proprietários e académicos. "É uma obra academicamente séria, socialmente relevante e escrita com particular paixão como é apanágio das mentes distintas", escreveu Francisco Leandro, coordenador do Instituto dos Estudos Sociais e Jurídicos da Universidade de São José.



15 anos depois: A imprensa portuguesa de Macau (1999-2014)

Vários Autores; João Figueira (Coordenador)
Livros Do Oriente/Fundação Rui Cunha, 2016

Coordenado por João Figueira, professor da Universidade de Coimbra, o livro conta com prefácio de Adelino Gomes, a opinião de 11 leitores da imprensa de Macau e a participação dos jornalistas José Carlos Matias (Os últimos dias da transição), Diana do Mar (Os jornais e a sua circunstância), Sónia Nunes (A informação na primeira página), Marco Carvalho (Eldorado dos jovens jornalistas) e ainda com o contributo do advogado Frederico Rato (A liberdade de imprensa e o direito à informação no ordenamento jurídico de Macau).

fala de um zen universal, que existe em muitos outros poetas que lê: Wordsworth, Thomas Hardy, Alberto Caeiro, Ezra Pound. "Há ali uma forma contemplativa de observar a vida e momentos da vida que eu diria que são quase que homólogos entre o Ocidente e o Oriente, simplesmente enquanto que no Ocidente toda a poética é claramente argumentativa, de uma densidade eloquente, eu diria que os poemas chineses e japoneses são mais intuitivos, minimalistas e apreciam mais o momento do que propriamente escalpelizam o momento."

É na Casa da Rocha, negócio que abriu há poucos meses, que Rui Rocha fala à MACAU. É entre bules de chá e doçaria regional portuguesa que o poeta se volta a dividir entre dois mundos. No centro, é certo dizer que permanece Macau, a cidade retratada nas linhas do autor.

No quarteirão da Seng Tou/ a esquina fragmenta-se/ em dezenas de passadas/ as duas bocas do polícia/ encostam-se à parede. O caminho que Rui Rocha atravessa para escrever *Taotologias* tem tantas outras referências à cidade ou à vida na cidade: o jardim Lou Lim Ioc, o templo de Na Tcha ou o Beco de São Domingos.

Sobre *Taotologias*, o autor diz ainda que se trata de uma sequência da obra anterior, *Oriente de Silêncio*, lançada em 2012. "O percurso está mais contextualizado numa época mais presente e o outro foi uma colectânea ao longo de alguns anos de poemas que fui guardando. Este, diria, tem mais uma uniformidade temporal do que o outro."

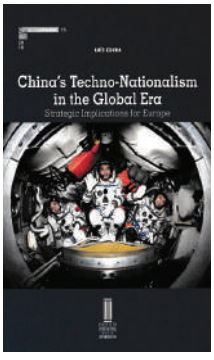
Por enquanto *Taotologias* encontra-se só à venda em Portugal. O autor admite que gostaria que fosse lançado também aqui. Afinal de contas são instantes de Macau.

TAOTOLOGIAS
RUI ROCHA
EDITORA LABIRINTO, 2016

Espíritos

Shee Va
Livros Do Oriente, 2016

O romance conta a história de um casal que perde o filho com uma doença genética e que cinco anos depois quer refazer a vida e ter outro filho. Só nessa altura, a mãe conta que, antes do primeiro filho ter morrido, este revelou ter visto o espírito de uma das bisavós. O casal vai então em busca de respostas. Escrito em português, o novo romance do médico Shee Va, nascido em Moçambique, pretende ser um contributo para a divulgação da cultura e tradições chinesas junto dos países de língua portuguesa.



China's techno-nationalism in the global Era: Strategic implications for Europe

Luís Cunha
Instituto Internacional de Macau, 2016

"Uma análise sobre o mundo da tecnologia, onde a China está a alcançar um grande patamar nesta área, e as implicações estratégicas da Europa", escreve o Instituto Internacional de Macau sobre o mais recente livro do investigador Luís Cunha. Esta obra resulta de uma bolsa de investigação concedida pelo Instituto de Estudos Europeus de Macau.

QUARTEL DOS MOUROS
Anos 1960

F ARQUIVO HISTÓRICO DE MACAU

NA ALTURA em que esta fotografia foi tirada, nos anos 1960, o Quartel dos Mouros, que se vê em segundo plano nesta fotografia, tinha quase um século de idade. Foi erguido em Agosto de 1874 para alojar a Companhia dos Mouros do Corpo de Polícia de Macau, regimento de polícias oriundo de Goa, Índia. A primeira leva era composta por 41 elementos e chegou a Macau um ano antes, a 27 de Junho de 1873. Situado na encosta da Colina da Barra, as grandes plataformas de vigia e a vista panorâmica permitiam controlar as actividades marítimas levadas a cabo no Porto Interior.

A estrutura neoclássica em tijolo e pedra, apoiada num embasamento de granito acima do nível da rua, está incluída desde 2005 na lista de Património Mundial da UNESCO. O edifício foi projectado pelo arquitecto italiano Cassuto, embora haja referências que atribuem o primeiro desenho do projecto ao engenheiro e comerciante António Alexandrino de Melo, o Barão do Cercal.

Na parte posterior, a construção tem dois andares, enquanto o resto do edifício apresenta somente um piso. Varandas espaçosas, com quatro metros de largura e arcos pontiagudos circundam o edifício, excepto no lado virado para a Colina da Barra.

Em 1905, passaram a funcionar no edifício os departamentos da Polícia Alfandegária e Naval e posteriormente a Capitania dos Portos, que hoje tem o nome de Direcção dos Serviços de Assuntos Marítimos e de Água.

Na imagem vê-se ainda em primeiro plano um grupo de barracas. Tábuas de madeira e telhados improvisados dão forma às velhas estruturas. Uma mulher, que carrega um bebé às costas, caminha na direcção oposta às barracas, que há cerca de meio século se podiam encontrar nesta zona de Macau.

MACAU 2016
LIVRO DO ANO

EDIÇÃO ESPECIAL EM CD

Seja bem-vindo à consulta
do ***MACAU - LIVRO DO ANO***, dos últimos anos,
através da seguinte página electrónica,
ou descarregando as aplicações:

Página electrónica:
http://yearbook.gcs.gov.mo

Aplicações:

iOS

Android

As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do **MACAU 2016 – LIVRO DO ANO** em versão CD (edição especial) já se encontram à venda. O anuário regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da RAEM, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos aqueles que desejem estudar e compreender melhor Macau.

A partir deste ano, o **LIVRO DO ANO** deixa de ser publicado em suporte papel, mas ganha uma versão digital mais abrangente, com fotografias e vídeos que também podem ser consultados online (arquivo disponível desde o anuário de 2002) ou através de aplicativos para telemóveis e tabletes.

Coleccione Selos de Macau

收藏澳門郵票

Collect Macao's Stamps

集郵微信 QRcode

快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU
電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491　傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603
電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo　網址 Website: www.ctt.gov.mo

澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau

集郵 MACAU, CHINA 澳門 中國 FILATELIA